



DAS 50 ANOS
REVOLUÇÕES
DE 1968

O INÍCIO DE UMA LUTA PROLONGADA

REVISTA MOVIMENTO - EDIÇÃO ESPECIAL
ANO.3. N.9. ABR./JUN. 2018.





MOVIMENTO

CRÍTICA, TEORIA E AÇÃO

ANO 3. N.9. ABR./JUN. 2018.



EDITORA MOVIMENTO



Editores Etevaldo Teixeira
Roberto Robaina

Diretor Thiago Aguiar

Responsável Movimento Esquerda Socialista

Organização do volume Israel Dutra e Thiago Aguiar

Projeto gráfico e diagramação Adria Meira

Capa Adria Meira

sobre foto de Goksin Sipahioglu (1968)

Transcrições, traduções e revisões Charles Rosa
Flavia Brancalion
Isabelle Ottoni da Silva
Israel Dutra
Jairo Castro
Pedro Micussi
Thiago Aguiar

Periodicidade Trimestral | 9ª edição. Ano 2018.

Autores que contribuem nesta edição: Alain Cyroulnik, Alain Krivine, Catherine Samary, Daniel Bensaïd, Fernanda Melchionna, Henri Weber, Israel Dutra, João Machado, Luciana Genro, Max Elbaum, Pedro Fuentes, Pierre Rousset, Roberto Robaina, Thiago Aguiar e Vladimir Palmeira.

Movimento : crítica, teoria e ação / Movimento Esquerda
Socialista. ano 3, v.1, n.9 (abr.2018 -jun.2018) . –
Porto Alegre : Movimento, 2018.

Trimestral.

ISSN 2448-1491

1. Marxismo Brasil. 2. Marxismo– Mundo.
3. Socialismo. 4. Política – Brasil. 5. Política –
Internacional.

CDD 335.4

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Melchionna e Silva
CRB10/1813

Editora Movimento
Rua Bananal, 1679, Bairro Arquipélago
90090-010 - Porto Alegre-Rio Grande do Sul - Brasil

Impresso no Brasil
2018



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

O início de uma luta prolongada: uma apresentação 7
Israel Dutra e Thiago Aguiar

O MUNDO EM EBULIÇÃO

As Revoluções de 68: os cinquenta anos do Maio francês,
como os cem anos da Revolução Russa, estão muito longe
de serem meras comemorações 21
Pedro Fuentes

1968 começou no Vietnã 43
Pierre Rousset

68 francês: a explosão de maio 47
Daniel Bensaid e Henri Weber

A LUTA ABERTA DAS RUAS

“É necessário começar um novo maio de 68” 87
Entrevista com Alain Krivine
Israel Dutra e João Machado

Nós não vamos enterrar Maio de 68 93
Alain Krivine e Alain Cyroulnik

Da caça às bruxas ao maio de 68: o corpo da mulher como
terreno de luta 97
Luciana Genro

A Primavera de Praga 111
Catherine Samary

1968: explosão e transformação da corrente radical nos
Estados Unidos 115
Max Elbaum

1968: um velho mundo que ficou para trás 131
Fernanda Melchionna



1968 NO BRASIL

“Para nós, era um episódio da revolução”

Entrevista com Vladimir Palmeira

Roberto Robaina

147





O início de uma luta prolongada: uma apresentação

Israel Dutra¹ e Thiago Aguiar²

A *Editora Movimento* apresenta esta obra sobre os 50 anos do Maio de 1968 com o orgulho de herdar uma tradição. Assim como a Comuna de 1871, a Revolução Russa de 1917 e as lutas contra as ditaduras na América Latina, consideramo-nos parte deste excepcional movimento mundial de luta política, protagonizado por jovens e trabalhadores de várias partes do mundo, como nas famosas barricadas de Paris. Consideramos suas lições e sua potência como atuais.

Boa parte dos leitores da Revista Movimento participaram ativamente das Jornadas de Junho de 2013 em nosso país. Aos cinco anos deste acontecimento, queremos contribuir para o encontro e a síntese de tão distantes e ao mesmo tempo tão próximas gerações. Assim como Junho de 2013, o ano de 1968 segue vivo. Ainda vivem as cenas das barricadas, a nova estética insurgente, visível nos grafites e cartazes. Como um marco na própria racionalidade, a dúvida dentro da dúvida, a revolução dentro da revolução, a explosão da arte, os jovens lançados às ruas traçaram uma nova linha divisória entre o possível e o impossível. O tempo do mundo anterior ficava pra trás. Um paralelepípedo bem utilizado valia mais do que um microfone, cantavam os “enraivecidos” de Nanterre.

Alguns dos que resgatam a memória do Maio francês fazem-no como um episódio heroico, porém concluído. Uma parte dos próprios protagonistas abandonaram qualquer perspectiva transformadora, cruzando o lado oposto da trincheira. Destes, a face mais conhecida é a do ex-líder estudantil Daniel Cohn-Bendit, que costuma reverenciar Maio simplesmente como algo do passado. Celebra o tempo em que ele e seus pares “amavam tanto a revolução”, deixando para trás os rastros daquela mudança de

1 Dirigente nacional do MES e Secretário de Relações Internacionais do PSOL.

2 Doutorando em Sociologia (USP) e diretor da *Revista Movimento*.



época. Outra leitura conhecida e atual é a que busca reconhecer apenas os aspectos “comportamentais” do levante juvenil. Seria uma versão de Maio “descafeinado”.

As ruas da mesma Paris negam tais versões. A luta contra o neoliberalismo e seu simulacro de democracia questiona os governos e seus planos por todo lado. Em maio de 2011, assistimos à irrupção dos indignados espanhóis, que se espalhou pelo planeta com ecos em todos os continentes. O atual embate entre o governo de Emmanuel Macron e a classe trabalhadora e a juventude francesas é a demonstração de que os que querem enterrar o ano de 1968 acabam assombrados por um espectro avassalador.

Nas páginas seguintes, como forma de abrir os debates presentes neste volume, destacamos alguns aspectos da grandeza desta ação coletiva, um dos grandes momentos da história recente da humanidade, ao mesmo tempo em que descrevemos os artigos e autores que nos honram com suas contribuições nesta publicação.

Um acontecimento histórico maior

O ano de 1968 foi um grande encontro de lutas convergentes no mundo. Recordar as barricadas das primeiras semanas de Maio em Paris é recordar os acontecimentos que sacudiram o mundo naquele longo ano. Foi um período revolucionário em escala internacional. A solidariedade dos jovens do mundo com a luta anti-imperialista do Vietnã, na ofensiva do Tet em janeiro de 1968, objeto do artigo de Pierre Rousset, dirigente da IV Internacional, que resgatamos para esta publicação; a primavera política antiburocrática que lutou nas ruas de Praga, sobre a qual assina contribuição Catherine Samary, outra dirigente trotskista francesa que viveu 68; a perspectiva de uma radicalização na chamada revolução cultural chinesa; a entrada em cena da juventude paquistanesa; a luta e resistência mexicana, quando da realização da Olimpíada neste país e a brutal repressão do regime; o ápice do



movimento antimilitarista nos Estados Unidos, abordado, entre outros temas das lutas estadunidenses de 68, por Max Elbaum.

A paisagem tranquila da Europa pós-guerra parecia levar a um mundo ordenado, de crescimento econômico, oportunidades ascendentes e modernização universal. Os 20 anos posteriores ao final da II Guerra tiveram no âmbito político um pacto de estabilidade, coexistindo pacificamente os poderes da URSS, Estados Unidos e Europa. A ameaça do “socialismo real” era afastada como hipótese, com o planeta sendo repartido pelas diferentes frações do imperialismo.

O avanço das tecnologias era a outra face desse novo mundo em gestação. O impulso do capitalismo gerou novas condições. A televisão e a utilização de novos eletrônicos começava uma nova era nos hábitos sociais. A mobilidade social levou milhões, que até então tinham uma escolaridade reduzida, para as portas das universidades. Um “boom” que reconfigurou o consumo, as expectativas e a vida de milhões.

O papel que a França cumpriu na guerra colonial contra a libertação da Argélia dividiu águas. Para toda a vanguarda estudantil e da esquerda nos 60, o mito da democracia erguida com a luta da resistência francesa contra o nazismo caiu por terra. A solidariedade à revolução anticolonial na Argélia forjou a radicalidade nas camadas avançadas da juventude francesa e plantou sementes que se multiplicariam na campanha mundial contra a guerra no Vietnã. Desde janeiro de 68, com a ofensiva do Tet, os combates de Saigon eram acompanhados com uma torrente de solidariedade nunca vista. Eram centenas de milhares de jovens no mundo ocidental que tomavam a bandeira da luta do Davi contra o gigante Golias para fazer jus aos guerrilheiros vietnamitas. Estes protestos uniam os campi de universidades como Berkeley a Nanterre e Sorbonne.

No dia 22 de março a história dobraria uma esquina. Nesse dia, encabeçados pelo jovem Daniel Cohn-Bendit, centenas de estudantes ocuparam a universidade de Nanterre em protesto



contra a prisão arbitrária de ativistas do comitê de solidariedade ao Vietnã. Batizado de Movimento 22 de Março, os estudantes difundem lutas generalizadas que ganham seu ápice no começo de maio.

Na contramão da imprensa do Partido Comunista, que, no dia 3 de maio, publicava que os jovens eram “falsos revolucionários”, a mobilização ganhou contornos amplos, somando força nos locais onde haviam tido lutas, no período anterior, contra a separação de rapazes e moças nas residências universitárias. O dia 6 de maio acordou com uma imensa manifestação universitária com a faixa de abertura respondendo as calúnias do PC: “Viva a Comuna!”.

A passagem do dia 10 para o 11 de Maio entraria na história com a noite das barricadas. Nas mais famosas fotos do Maio francês, quase que de forma improvisada, o Quartier Latin transformou-se num palco de enfrentamentos quase militares entre os corpos de repressão e as criativas formas de resistência do estudantado. A vitória dos estudantes contra a repressão incendiaria as principais cidades da França, contagiando a classe operária em seus centros. No dia 13, foi convocada a maior greve geral da história do país, com a adesão de mais de 10 milhões de operários dos principais ramos da indústria.

Eram marchas com quase um milhão em Paris, centenas de milhares em Toulouse, Bordeaux, Marselha, Nantes, com uma aliança real entre os estudantes e a classe operária. Com um impulso enorme à auto-organização, as comissões fabris decidem manter e estender a greve, transbordando a tradicional direção das maiores centrais sindicais. Os artistas e intelectuais ocuparam teatros, universidades, óperas e museus. A França estava virada do avesso política e economicamente.

De Gaulle abandona a França. Parecia acabado. No entanto, a recomposição acontece com o auxílio das referências de esquerda institucional – Mitterrand e o PCF. Apostando suas fichas na via eleitoral, enfraqueceram e desviaram a pujança da greve geral, forte o suficiente para questionar o poder capitalista e avançar



para formas de poder dual, encerrando a contradição de até onde o movimento de maio poderia ir. Com a aceitação de um plebiscito, De Gaulle retoma as rédeas do jogo, movendo a chamada maioria silenciosa para emprestar seu apoio, com a promessa da volta à “normalidade”. Apostando suas fichas nas eleições, os partidos da esquerda institucional, apesar dos alertas da esquerda radical, terminam por cair na armadilha de aceitar as “regras do jogo”, sendo derrotados inclusive no terreno eleitoral.

Uma irrupção que contagiou o planeta

O ano de 1968 representou uma revolução por si só. Foi um gesto revolucionário de milhões, com um programa amplo, combativo e diverso. Foi um grande encontro, a partir do ponto comum que cunhou Henri Lefebvre, “A irrupção”.

No artigo que escreve para abrir esta edição, Pedro Fuentes promove uma análise panorâmica das “revoluções de 1968”, que comoveram o mundo. Tomamos emprestadas suas palavras:

“Este período foi a um só tempo: 1) anti-imperialista (a luta no Vietnã e em numerosos países contra o imperialismo norte-americano que na América Latina teve como prelúdio a revolução cubana); 2) anticapitalista (a mobilização detonada pelo movimento estudantil francês culminou numa das greves gerais mais importantes da história europeia, que como toda greve geral questiona o sistema); 3) antiburocrático (não somente pelas mobilizações contra a burocracia na China e na Tchecoslováquia, mas também porque se golpeou o aparato mundial stalinista, consolidado após a II Guerra Mundial graças ao triunfo do povo russo e do Exército Vermelho contra o nazismo)”.

Podemos falar em mobilizações multitudinárias no Paquistão, no México, no Leste europeu, na Alemanha, na Itália, na África do Sul... Aliás, na Alemanha, o atentado contra o líder estudantil Rudi Dutschke comoveu a sociedade.

1968 também foi uma ruptura internacional com os PCs. A traição da greve geral, denunciada pela JCR e por toda “esquerda social” ajudou a derrotar a potência da mobilização. A Primavera de Praga foi uma extraordinária luta da juventude e da classe trabalhadora da Checoslováquia para defender reformas



democráticas, com vistas a radicalizar o regime, na fórmula de “socialismo com rosto humano”. Terminou afogada em sangue com a entrada dos tanques soviéticos e a prisão do líder dissidente Alexander Dubcek. A esse respeito, Sartre foi brilhante numa entrevista ao Der Spiegel:

“Porque os partidos comunistas do ocidente, e em particular o Partido Comunista Francês, foram adestrados pelo stalinismo para não tomar o poder?”

Em Yalta se repartiu o mundo, essa partilha era boa e os soviéticos procuraram ater-se ao acordo ali concertado. Aos comunistas ocidentais recomendou-se ‘não ir longe demais’. Todas as personalidades que, dentro do PC, tentaram aproveitar as vantagens logradas pelos comunistas em sua admirável postura durante a guerra; todos os comunistas que trataram de fazer prevalecer formas mais revolucionárias; todos os comunistas que incitaram os trabalhadores a mostrar-se mais combativos, foram chamados à ordem pelo partido, silenciados ou expulsos. Precisamente porque o objetivo do partido não era fazer a revolução”.

Os reflexos de 1968 foram para além do próprio ano. O levante operário do Cordobazo na Argentina, as greves de massa na Itália e a rebelião LGTB em Stonewall deram continuidade em 1969 ao processo iniciado um ano antes.

Por sua localização na França, a JCR teve um peso decisivo nas mobilizações de Maio. Seus dirigentes estavam no calor dos acontecimentos. Contudo, a partir da nossa experiência como corrente histórica, apontamos linhas distintas quanto a dois temas-chave, em relação à parte das elaborações que alguns setores, mesmo dentro da esquerda revolucionária, apontavam: a) o papel da classe trabalhadora, que consideramos central, apesar das enormes experiências da juventude, dos estudantes e dos intelectuais. A IV(SU) e suas correntes juvenis à época tiveram um grande desenvolvimento pela JCR, pela campanha de solidariedade ao Vietnã e a relação ousada com movimentos mais amplos como a SDS alemã, as vanguardas libertárias francesas e os setores mais avançados do movimento estudantil estadunidense. Também podemos atribuir um peso correto às tarefas democráticas desde então: a luta das mulheres, LGTBs, em defesa do ambientalismo, pela revolução sexual, antinuclear...



Essas lutas e bandeiras não podem ser opostas, senão combinadas com a intervenção histórica independente da classe trabalhadora como polo que organiza o conjunto dos setores explorados e oprimidos; e b) o papel da organização/ partido revolucionário como organizador coletivo, ente histórico que media a consciência imediata com a consciência revolucionária da classe. Diminuir este papel levou ao equívoco do apoio a experiências guerrilheiras e ações voluntaristas na América Latina, por exemplo. Esse debate é parte da experiência histórica que reivindicamos como marxistas para melhor ilustrar e formar as novas gerações.

Neste volume, há uma entrevista inédita e exclusiva, realizada em Paris pelos dirigentes do PSOL Israel Dutra e João Machado, com o dirigente trotskista Alain Krivine, que reflete sobre o Maio francês e internacional, complementada por artigo recente de intervenção escrito pelo mesmo, em parceria com Alain Cyrournik, reivindicando a atualidade de 68. Também nos alegra resgatar e publicar em português um capítulo do famoso livro Maio de 68: um ensaio geral, de Daniel Bensaïd e de Henri Weber, com as ricas conclusões de participantes fundamentais deste acontecimento.

Entre as e os autores brasileiros que contribuem neste volume, destacamos o artigo de Luciana Genro, que reflete a mobilização das mulheres e de seus corpos como terrenos de luta inspirada nas revoluções de 1968. Por sua vez, Fernanda Melchionna oferece uma leitura abrangente, que resgata a herança de contestação e rebeldia de 68, para mostrar como a “beleza sempre está nas ruas”.

O Brasil e a América Latina em 1968

A América Latina fez parte de 1968 de diferentes formas. As lutas por reforma agrária no Peru, a insurgência operária na Argentina que desembocaria no Cordobazo, as guerrilhas influenciadas pela Revolução Cubana... O episódio mexicano foi um dos mais conhecidos: o massacre de Tlatelolco – dez dias antes dos Jogos Olímpicos – no México marcou para sempre a história daquele país.



O Brasil foi parte do fenômeno mundial com suas particularidades. Desde 1964 sob a égide da ditadura militar, 68 foi o auge da resistência de massas por meio do Movimento Estudantil. As bandeiras da luta contra a precarização do ensino e a denúncia dos acordos do Brasil com Estados Unidos para orientar o ensino superior (acordos MEC-USAID) abriram o caminho para uma luta mais geral por democracia plena.

O assassinato do estudante paraense Edson Luís, numa manifestação por melhorias no restaurante estudantil Calabouço do Rio de Janeiro, desatou uma onda nacional de protestos. O dia 28 de março de 1968 entraria para a história registrando a morte do mais conhecido mártir do Movimento Estudantil.

O ano seguiu com lutas e enfrentamentos, como a batalha da Rua Maria Antônia em São Paulo, no antigo campus da USP e a radicalização do ato do 1º de maio na Praça da Sé, quando foi incendiado o palanque como forma de protesto contra a ditadura. 1968 foi também marcado pela grande Passeata dos Cem Mil, nas ruas do Rio de Janeiro, além de lutas expressivas em Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Porto Alegre, em uma crescente de protestos. A prisão de centenas de ativistas durante o congresso da UNE em Ibiúna representou a ofensiva dos militares contra o movimento estudantil. O ano teria seu trágico desfecho com a instalação do AI-5 em dezembro, fechando ainda mais o regime e intensificando a política de terror de Estado.

O movimento operário também teve seu papel, despertado pela retomada do protagonismo juvenil no primeiro semestre de 1968. As greves de Contagem (MG) e Osasco (SP) foram ações massivas, dirigidas por organizações de base com combativas comissões de fábrica à frente, cujas lideranças foram reprimidas pela ditadura. A greve da Cobrasma, em Osasco, só pôde ser derrotada porque os militares decretaram a intervenção dentro de todas as fábricas da cidade. A ação operário-estudantil foi duramente reprimida pelo regime ditatorial. Os ensinamentos das greves de 68 serviram de inspiração para o despertar do Novo Sindicalismo, dez anos mais tarde, agora com seu coração no ABC.



A ruptura de setores com o reformismo da direção do PCB, que esteve a reboque da direção janguista nos anos anteriores, foi outra marca do 68 brasileiro. A maioria das entidades combativas do ME brasileiro estava sendo polarizada por organizações à esquerda do PCB, como bem descreve Vladimir Palmeira, na segunda entrevista inédita e exclusiva, conduzida por Roberto Robaina, que temos a alegria de apresentar a nossos leitores neste volume especial.

A perda de legitimidade do PCB, com seu programa de unidade com a burguesia nacional, gerou um novo ciclo de organizações de esquerda, com base, sobretudo, no Movimento Estudantil. A maior parte das dissidências do PCB, entretanto, terminou influenciada pelo guevarismo e suas variantes. Isto explica em parte, após a derrota do AI-5 em dezembro de 1968, por que uma expressiva parcela da vanguarda e do ativismo optou pela luta armada.

Devemos honrar o heroísmo dos jovens de 1968, que lutaram em condições adversas para derrotar a ditadura. E devemos combater sem tréguas as posições que relativizam o caráter assassino e reacionário da ditadura brasileira. A revelação dos documentos que imputam a responsabilidade pela morte de centenas de opositores aos generais que foram presidentes, como Emílio Médici e Ernesto Geisel, é um novo capítulo nessa disputa.

Aos cinquenta anos do 68 brasileiro, as tarefas democráticas – retomada da Comissão da Verdade e da Memória, revogação da Lei da Anistia, punição aos responsáveis e remoção dos entulhos militares que ainda persistem no regime brasileiro – precisam ser impulsionadas pela sociedade. Não podemos esquecer. Para isso, também devemos enfrentar e desmoralizar com força seus herdeiros, como Bolsonaro, que tentam levantar a cabeça.

Depois de Maio, Junho...

Se o espírito de Maio completa 50 anos vivo, nossa irrupção é mais jovem. Estamos celebrando 5 anos do acontecimento que

entraria para a história como as “Jornadas de Junho de 2013”. Há cinco anos, a encarniçada luta da juventude contra o aumento da tarifa do transporte público transformava-se num movimento de massas que questionaria os alicerces da “governabilidade”, do modelo econômico e da própria Nova República.

Apesar de notáveis diferenças, podemos encontrar diversas convergências entre os dois momentos – tão distantes na história – de irrupção juvenil e popular. Ambos encontram raízes comuns na ruptura geracional ocorrida tanto no final da década de 60 do século passado como nos primórdios da primeira década do século XXI. O mundo era jovem e estava tornando-se mais jovem nos idos de 1968. Podemos dizer que a situação de irrupção que existiu no ciclo 2011/2013 também teve a forte marca de polarização a partir da ação e identidade juvenil.

Em ambas situações, o paradigma da revolução na esfera das comunicações estava em plena mudança. A televisão era a joia que chegava aos subúrbios dos países avançados e transmitia uma parte da vida em tempo real. A galáxia televisiva era uma teia de novos atores, com novos desenhos, com uma revolução também na linguagem e na própria arte. A revolta árabe, o levante dos indignados e a revolta das Jornadas de Junho, por sua vez, tiveram nas redes sociais sua forma veloz e instantânea.

Foi um movimento sincronizado internacionalmente, ainda que com refrações particulares em cada país. A irrupção da juventude na Primavera Árabe, novamente retomando a tradição da luta dos povos do norte da África – lembremos que a luta pela libertação da Argélia educou toda a geração de líderes do Maio francês – gerou um efeito imediato e mundial. E foi num outro Maio, agora no ano de 2011, que a Europa conheceria a entrada em cena de uma juventude radicalizada, nem tanto “estudentil”, mas com ares de indignação que fazia das praças suas “barricadas”.

No dia 15 de outubro de 2011 foi organizada, por agrupamentos surgidos no 15M espanhol, difundidos pelas redes sociais, uma manifestação de caráter mundial, sob o slogan “Democracia real”,



mobilizando quase uma centena de países. O planeta foi tomado pelos indignados.

A rejeição pelo modelo formal de democracia que existiu com força nas ruas de Paris em Maio de 68 também foi o motor das mobilizações que começaram em 2011 no mundo e tiveram sua versão brasileira em Junho de 2013. A reivindicação de que as ruas seriam mais importantes do que os palácios de governo uniram ambos os eventos.

Acreditamos que o levante juvenil com fundo popular de 2013 teve suas raízes na onda mundial de indignação, repercutindo em contradições internas à sociedade brasileira. O Brasil sintonizava-se e, assim, aderiu ao que chamamos de rota mundial dos indignados, a partir do enfrentamento duro nas ruas, contra a repressão policial dos diversos governos, ao aumento das tarifas, iniciado com a vitória de abril em Porto Alegre e que ganhou repercussão nacional com a força das marchas multitudinárias de São Paulo, que, reprimidas duramente, ganharam a solidariedade ativa nas ruas de todo o Brasil. Contra a parede, os governos de PT, PMDB e PSDB, os pilares de um regime político que mostrava claramente seu ocaso e apodrecimento. Esta, no entanto, é uma história conhecida por nossos leitores.

Também consideramos Junho de 2013, à sua maneira, como o “início de uma luta prolongada”, como dizia o slogan de 68, pela confiança na força do movimento de massas e da geração que, após Junho, esteve na ocupação de escolas, na Primavera das Mulheres, nas lutas da negritude... Um acontecimento tão potente que a burguesia e a direita nacional, amedrontadas, precisaram anos depois buscar alguma forma de emular aquele acontecimento com seu simulacro conservador de 2015-2016, distorcendo a indignação popular com o ajuste, a crise profunda e a corrupção dos partidos do regime, criando uma base para o golpe parlamentar do impeachment.

A polarização, desde Junho, marca o Brasil. A força da greve geral de 2017, as marchas em memória e na luta por justiça para



18 • MOVIMENTO

Marielle Franco, a resistência diária de nosso povo nas periferias de nossas metrópoles e nos rincões brasileiros... Tudo isso nos dá esperança de seguir, inspirados pelo que de melhor já fizemos, com a certeza de que seguiremos nos encontrando com nossa História, como nas ruas de Maio e Junho.





O MUNDO
EM EBULIÇÃO







As Revoluções de 68: os cinquenta anos do Maio francês, como os cem anos da Revolução Russa, estão muito longe de serem meras comemorações

Pedro Fuentes ¹

Os cinquenta anos do maio francês, assim como o centenário da Revolução Russa de 1917, estão muito longe de serem meras comemorações rituais. São datas históricas da luta dos trabalhadores para sua autoemancipação que se incorporam à nossa história; a partir delas, é possível extrair lições e dar continuidade à luta pelo socialismo. Essa história está viva nos acontecimentos centrais da luta de classes. Inegavelmente, as revoluções de 68 tiveram consequências objetivas e subjetivas que foram fundamentais nas últimas décadas do século XX e do XXI.

A primeira coisa que vem à memória quando se recorda 1968 é o Maio Francês. Há na França uma herança, uma longa tradição de luta que deixou sua marca e até hoje permanece. Não é uma casualidade que os trabalhadores e os estudantes franceses estejam agora nas ruas enfrentando Macron e uma das palavras-de ordem levantadas pelo NPA (um dos herdeiros de 68) seja “façamos um novo Maio Francês”. O povo, os estudantes franceses e os trabalhadores têm uma das maiores tradições revolucionárias.

Contudo, o 68 não foi somente o Maio Francês. O **sistema-mundo** (usando as palavras do sociólogo Immanuel Wallerstein) foi sacudido por uma onda de revoluções, seguramente a mais importante depois da **situação revolucionária europeia** (então, o centro hegemônico do mundo) com o final da I Guerra Mundial em 1917 e depois da **situação revolucionária mundial** aberta pela II Guerra em 1945. A primeira significou a conquista do poder na Rússia; a segunda, a conquista do poder na China e na Iugoslávia, além da expropriação da burguesia em um terço do planeta. (Voltaremos à comparação entre estas três situações mundiais mais adiante)

¹ Dirigente do MES/PSOL



Há 50 anos, houve uma grande onda revolucionária que foi precedida por fortes agitações no movimento estudantil durante toda a década. Em janeiro de 1968, a ofensiva do Tet no Vietnã impulsionou o movimento antiguerra nos EUA e em muitas partes do planeta, da Europa Ocidental ao Japão, contra a guerra na Indochina. Em solo norte-americano, a luta pela libertação racial do movimento negro já vinha de bem antes e se expandiu com força. A Europa assistiu à revolução antiburocrática contra o stalinismo na Tchecoslováquia, bem como seus ecos nos países do Leste (Varsóvia e Belgrado). A Revolução Cultural incentivada por Mao na China logo se converteu numa revolução de estudantes e de jovens trabalhadores, sufocada abruptamente pela própria burocracia. Nesta mesma época, tiveram lugar a insurreição juvenil contra o ditador Habib Bourguiba, as mobilizações estudantis contra a ditadura brasileira, o Rosariazo e o Cordobazo na Argentina, a greve geral política no Uruguai (1971), o triunfo de Allende no Chile (1970), os governos pequeno-burgueses nacionalistas do general Velasco Alvarado (1968-1975) que fizeram a reforma agrária no Peru, o governo do general frente-populista de Juan José Torres (1970-1971) e a Assembleia Popular na Bolívia. Esta onda pré-revolucionária teve seu fim com a Revolução dos Cravos em Portugal, cujas origens se situam na derrota do exército colonialista português para os movimentos de libertação nacional em suas colônias, componente fundamental deste período mundial numa África que não pode ser esquecida.²

Ao final deste texto, faremos referência especialmente aos processos da Argentina, Bolívia, e Uruguai.³ Entretanto, antes

2 Nahuel Moreno, em um texto de 1972 polêmico da IV, dizia que a luta pela libertação nacional nas colônias portuguesas (Angola, Moçambique e Cabo Verde) era o “Vietnã de Portugal”, comparando com o que representava para os EUA a luta pela libertação do Vietnã do Sul.

3 Embora não desenvolvamos neste texto, não podemos deixar de mencionar a greve e o levante estudantil mexicano de 1968 (ano dos Jogos Olímpicos da Cidade do México) que culminaram no massacre de Tlatelcolco. Como escrevemos num curso sobre a América Latina, e greve geral e insurreição estudantil mexicana de 1968 apresentam todos os elementos de influência do Maio Francês. O massacre perpetrado pelo governo do PRI contra uma mobilização na praça De Las Tres Culturas, conhecida também como Praça de Tlatelolco, passou a ser uma mancha negra desse regime e despertou uma reivindicação de justiça para os estudantes, o povo mexicano e os povos latino-americanos.



disso, gostaríamos de apontar algumas características gerais que servem para tirar também conclusões gerais.

Um movimento revolucionário anti-imperialista, anticapitalista e antiburocrática que fratura a ordem mundial pactuada em 1945 em Ialta

Este período foi a um só tempo: 1) **anti-imperialista** (a luta no Vietnã e em numerosos países contra o imperialismo norte-americano que na América Latina teve como prelúdio a revolução cubana); 2) **anticapitalista** (a mobilização detonada pelo movimento estudantil francês culminou numa das greves gerais mais importantes da história europeia, que como toda greve geral questiona o sistema); 3) **antiburocrático** (não somente pelas mobilizações contra a burocracia na China e na Tchecoslováquia, mas também porque se golpeou o aparato mundial stalinista, consolidado após a II Guerra Mundial graças ao triunfo do povo russo e do Exército Vermelho contra o nazismo⁴).

O pacto de Ialta entre Roosevelt, Stalin e Churchil em 1945 estabeleceu uma **divisão geográfica do mundo** com suas respectivas áreas de influência. Os EUA tornaram-se a **força hegemônica** no Ocidente, ultrapassando o imperialismo alemão e inglês definitivamente. Por sua vez, o pacto reconheceu zonas de influência da União Soviética. Sob o domínio russo ficaram uma parte da Alemanha e todo o Leste Europeu. A burocracia russa e seu aparato mundial adotaram em todo esse período a política da coexistência pacífica com o imperialismo.

Conforme assinala Wallerstein⁵, a chamada **Guerra Fria** existiu como uma disputa essencialmente ideológica. Com esse pacto, fechou-se a situação revolucionária de 1945, não totalmente porque ocorreria o triunfo da Revolução Chinesa. Sob essa política, a burocracia **freou** a situação revolucionária aberta

4 Em seu livro O significado da Segunda Guerra Mundial (Ed. Ática, 1989), Mandel descreve a grande resistência revolucionária de massas contra o nazismo.

5 Wallerstein. Decline of American Power: The U.S. in a Chaotic World (New Press, 2003).



pela II Guerra Mundial, em particular na Europa Ocidental, onde a resistência e os partidos comunistas de massas tiveram a possibilidade de disputar o poder na França e na Itália. Por sua vez, os EUA decidiram apoiar apenas na retórica as revoluções políticas ocorridas na Alemanha (1953), na Hungria (1956) e na Tchecoslováquia (1968) – estas duas últimas revoluções duramente reprimidas com a invasão do exército russo. Os incidentes posteriores - a Guerra da Coreia (1950-1953) e a aventura da burocracia russa na Crise dos Mísseis em Cuba (1962) - estremeceram as relações entre EUA-URSS, mas não afetaram a essência deste pacto.

Os processos revolucionários de 1968 ocorreram por fora deste pacto, transbordando os regimes capitalistas e o aparato burocrático stalinista

Três revoluções marcaram este período: a luta pela libertação no Vietnã do Sul, o Maio Francês e a revolução política na Tchecoslováquia.

A ofensiva do Tet no Vietnã

Em janeiro de 1968, a Frente de Libertação Nacional do Vietnã⁶ junto com o Exército do Povo, comandado por Giap e Ho Chi Minh no Vietnã do Norte, lançaram a ofensiva do Tet (Ano Novo vietnamita) contra as tropas do ditador Ngo Dinh Diem, uma marionete do exército estadunidense. Esta operação política e militar levou as tropas da FLNV a ocupar lugares estratégicos de Saigon, entre eles uma parte do Palácio do Governo e a entrada da sede da embaixada dos EUA. Nos meses seguintes, no entanto, as tropas da FLNV e do Vietnã do Norte foram perdendo terreno. Em certa medida foi uma **derrota militar, mas ao mesmo tempo também foi uma vitória política**, uma vez que deslocou para

⁶ A Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul (FNLV) foi uma organização formada em 1960 por toda a oposição à ditadura de Ngo Dinh Diem imposta pelos Estados Unidos em 1955.



o lado da FLNV e de Ho Chi Minh grande parte da sociedade vietnamita e da opinião pública mundial.

O exército dos EUA sofreu 14 000 baixas na tentativa de parar a ofensiva. Este alto custo humano foi o **estopim** do grande movimento pacifista iniciado no campus de Berkeley e que se estendeu a todas as universidades dos EUA, sob o lema de “tragam os jovens para a casa”. Foi o começo da **maior derrota militar** sofrida pelo imperialismo norte-americano. Em 1º de maio de 1975, o fracasso dos EUA alcança seu auge com a ocupação da Embaixada estadunidense pela mobilização da FLNV e do povo vietnamita em Saigon. Era a queda definitiva da ditadura títere e a unificação do Vietnã.

Esta derrota militar não pode ser explicada somente pelos esforços heroicos do povo vietnamita e pelo triunfo militar da FLNV e do exército de Ho Chi Minh. É preciso considerar também o **papel decisivo** da mobilização protagonizada pela juventude nas metrópoles imperialistas (EUA, os países europeus e o Japão). A juventude mundial se radicalizou. Como já mencionamos, a mobilização espontânea nascida em Berkeley na Califórnia se transformou num grande movimento nacional organizado. A radicalização da **juventude moveu os cimentos** da estrutura do regime dos EUA, combinando-se também com o auge do movimento de libertação negro que contava com grandes figuras, como Martin Luther King Jr., Malcolm X e os Black Panthers. O tremor na superestrutura do regime bipartidário entre republicanos e democratas foi tão forte que o escândalo do Watergate⁷ só foi terminar com a renúncia do presidente Nixon (1974).

⁷ Watergate foi um grande escândalo político que teve lugar nos Estados Unidos na década de 1970, depois de um roubo de documentos no complexo de gabinetes Watergate, sede do Comitê Nacional do Partido Democrata dos Estados Unidos em Washington D. C., e a posterior tentativa de encobrimento dos autores do crime pelo governo Nixon. Quando a conspiração foi revelada, o Congresso dos EUA iniciou uma investigação, mas a resistência do governo de Richard Nixon a colaborar neste inquérito conduziu a uma crise institucional que desembocou na abertura do impeachment e sua renúncia.

A revolução política na Tchecoslováquia (Primavera de Praga)

A Primavera de Praga iniciou-se também em janeiro de 1968 e terminou em agosto com a invasão do exército russo. Era um processo de **ruptura com a política do stalinismo** por um socialismo com liberdades, iniciado a partir de dentro do próprio Partido Comunista tcheco e pela intelectualidade deste país desafiando o autoritarismo que a Rússia impunha aos países do Pacto de Varsóvia - fraturas na burocracia, aliás, já tinham sido prognosticadas por Trotsky em sua obra prima *A Revolução Traída*. A plataforma de reivindicações do movimento foi encabeçada por Alexander Dubček que defendia a coletivização econômica com mais liberdades. Por baixo, começou um processo de auto-organização da juventude comunista e, posteriormente, dos próprios trabalhadores que formaram conselhos operários para pressionar Dubček a acelerar as reformas.

A União Soviética, temendo a influência de uma Tchecoslováquia democrática e socialista que contagiasse os países vizinhos, mandou as tropas do pacto de Varsóvia, especialmente russas, invadirem a capital Praga em agosto de 1968. Dubček foi detido e enviado à URSS. A invasão foi respondida com uma grande mobilização popular espontânea através de rádios clandestinas que transmitiam ininterruptamente mensagens à população. Os soldados russos nos tanques ficaram paralisados. Apesar de entrarem em Praga, não puderam impor a autoridade política. A população foi minando a moral das tropas. Os **comitês operários** iniciaram uma greve geral a partir de 23 de agosto, onde difundiam decálogo de não colaboração.

Entretanto, a grande resistência à invasão não conseguiu formar uma direção autônoma. Desta maneira, Dubček, preso na Rússia, ficou paralisado, ao passo que a burocracia recompunha uma nova autoridade no Partido Comunista que não foi totalmente derrotado pela revolução política.



O maio francês; da espontaneidade juvenil à insurreição anticapitalista

As crônicas do Maio Francês são muito mais conhecidas. Como disse Bensaid num de seus escritos, “nada indicava que na sexta-feira, 3 de maio, fosse passar para a história nesse dia ensolarado em Sorbonne”⁸... No entanto, passou! Foi iniciada uma das grandes revoltas ou revoluções juvenis que marcaram a história do século XX, ao lado da Reforma Universitária de Córdoba (1918) e o protesto na praça Tianamen na China (1989).

Em poucos dias se passou da luta reivindicativa dos estudantes e sua resistência ante a ocupação das tropas policiais e a gendarmeria na Sorbonne às grandes manifestações estudantis cheias de bandeiras vermelhas com manifestantes cantando *A Internacional* que enfrentaram as forças de repressão e terminaram por ocupar com suas barricadas o Quartier Latino, no coração de Paris. Ao longo de sua trajetória, se forjou uma direção entre os grupos revolucionários mais radicalizados. Destacaram-se o principal agitador estudantil Daniel “le Rouge” Cohn-Bendit (“o Vermelho”) da organização **22 de Março** e os jovens da JCR (Juventude Comunista Revolucionária, liderada por Alain Krivine e Daniel Bensaid), além de Jacques Sauvageot, vice-presidente da UNEF (União Nacional dos Estudantes da França). O movimento universitário ganhou corpo e a ele se juntaram os estudantes secundaristas e a juventude operária.

Esta vanguarda precisou enfrentar a linha conciliadora da Juventude Comunista e de grupos maoístas que manobravam para deter o movimento.

Um momento especial desse processo de transformação revolucionária merece ser citado: o ato convocado na *Maison de la Mutualité* como parte de uma agenda anterior da JCR virou um comício que reuniu essa esquerda que mencionamos. Aqui está o relato⁹ de Daniel Bensaid e Henry Weber da JCR:

⁸ Ver o artigo de Bensaid e Weber neste volume.

⁹ *Mai 68: une répétition générale* (Ed. Maspero, 1968).



“À noite, a JCR se reúne na grande sala da Mutualité. Esta reunião está prevista há tempos e leva um título profético: ‘A juventude, da Rebelião à Revolução’. Os dirigentes dos movimentos estudantis dos principais países europeus devem tomar a palavra nela. Daniel Cohn-Bendit propõe à JCR que abra seu comício a todo o movimento (...). Aceitamos a proposição. Apresentado com um discurso de Alain Krivine, o comício de 7 de maio teve papel principal no amadurecimento político do movimento. Escutando os informes dos delegados belgas, holandeses, italianos, espanhóis, alemães, os 4 ou 5 mil estudantes franceses, apinhados na sala, onde não cabia um alfinete, tomam consciência da dimensão internacional de sua luta. Ernest Mandel faz uma didática exposição sobre o novo papel do estudantado¹⁰. (...) todos os componentes do movimento estudantil expõem amplamente seu modo de ver o estado atual da luta e as perspectivas vindouras”.

Daniel Bensaïd, cofundador do **22 de Março**, fala em nome da JCR. Expõe nessa análise o lugar que o movimento ocupa na luta de classes e insiste no problema da **união da classe operária** e do **alargamento da frente de luta**. Fazendo o balanço da experiência 22 de Março, convida a todos os grupos de vanguarda a se integrar ao movimento: “É preciso que os grupúsculos compreendam que o **desenvolvimento da vanguarda depende da amplitude do movimento de massas** e que, portanto, devem se empenhar em assegurar sua expansão. Não se trata de se fundir simplesmente no movimento e de desaparecer nele. Trata-se de abandonar a atitude *grupuscular*, que consiste em impor sua marca e seu selo em todas as ocasiões possíveis e ainda impossíveis às custas do movimento de massas. O **22 de Março** demonstrou que os militantes vindos de horizontes políticos diversos podem se entender acerca de certo modo de ação, por cima de suas divergências políticas. **Não há vanguarda autoproclamada**”.¹¹

O movimento vai se estendendo a importantes fábricas de Paris que são ocupadas. Ante isso a CGT controlada pelo Partido

10 Nessa exposição, Mandel desenvolve de forma brilhante o papel do estudantado sob o neocapitalismo e a relação entre a luta anti-imperialista e anticapitalista. Ao falar da revolta no mundo global, inclui as “guerrilhas” latino-americanas na mesma linha da transposição esquemática que havia feito um setor da vanguarda latino-americana. Ver o artigo em: <<<http://www.sinpermiso.info/textos/cincuentenario-del-68-del-levantamiento-contra-la-universidad-burguesa-hacia-el-levantamiento-contra>>>

11 Ver em: <<<http://www.sinpermiso.info/textos/el-68-frances-el-estallido-de-mayo>>>



Comunista decide – por uma grande pressão das bases – convocar a greve geral. Esta greve se transforma na maior da história de toda a Europa, alcançando 8 milhões de trabalhadores. Depois de várias semanas em que Paris e depois toda a França são paralisadas, a direção da CGT - graças a importantes concessões - consegue a volta ao trabalho. Por sua vez, o governo bonapartista de De Gaulle convoca novas eleições. Apesar de ganhá-las, pouco tempo depois se vê obrigado a renunciar. Embora o movimento objetivo não tenha podido superar a contenção que ao final empreendeu o Partido Comunista, o Maio Francês provocou uma transformação política, social e cultural que deixaria marcas no mundo até agora, como parte daquilo que foi o processo mundial de 68.

O mundo mudou com as revoluções de 68

O fato **objetivo** mais notável foi a derrota militar do imperialismo dos Estados Unidos na guerra do Vietnã. Foi a primeira derrota militar daquilo que se tornou em 1945 o “gendarme do mundo”. Mas, como corretamente assinala Wallerstein, a vitória do Vietnã não só teve consequências militares mas também econômicas e políticas. Do ponto de vista econômico, a partir de então, o boom econômico de pós-guerra cede lugar à estagnação e às novas crises cíclicas da economia capitalista, até desembocar na crise mais global e crônica que vivemos agora. Os EUA representavam quase a metade do PIB mundial e, de lá para cá, veem sua fatia diminuir constante constantemente até se deparar agora com a forte e sólida concorrência da economia chinesa.

Já do ponto de vista da **dominação mundial**, tem início a decadência da hegemonia americana conquistada em 1945. Os Estados Unidos começam a perder terreno até chegar a nossos dias onde se apresenta um mundo mais “multipolar” e caótico. O Vietnã é sua primeira derrota militar e desde então embora siga sendo o agressivo “gendarme mundial” não pode (nem poderá) ter triunfos militares que ampliem ou reestabeçam sua dominação hegemônica. A derrota do Vietnã foi sucedida pela

retirada das tropas do Líbano (1983) depois da invasão desse país, o mesmo acontecendo na Somália (1993). Todas suas intervenções militares posteriores - no Iraque por duas vezes (1990-91, 2003) e no Afeganistão (2001) – aumentaram seus gastos militares e terminaram empantanando o gendarme do mundo em situações sem saída com crises permanentes em tais países.

Do ponto de vista *subjetivo*, o Maio Francês recuperou a espontaneidade e a disposição revolucionária das massas, colocando em xeque a ordem capitalista e o aparato stalinista. Se a situação revolucionária do pós-guerra (1945) foi capitalizada essencialmente pelo stalinismo, a onda revolucionária de 68 foi capitalizada pelo castrismo, maoísmo e em alguma medida pelo trotskismo. Surgiu daí uma nova **vanguarda revolucionária**, que na América Latina ela já se havia antecipado com a Revolução Cubana. Embora um importante setor dessa vanguarda tenha se atraído na Ásia pelo maoísmo e na América Latina pelo castrismo, também houve um setor independente, sobretudo na França, que se referenciou no movimento trotskista e a IV Internacional/SU. Depois de anos vegetando com Michel Pablo e sua famosa tática do entrismo nos partidos comunistas, o trotskismo se fortaleceu neste processo. Os grupos de Bensaid e Krivine na França, Tariq Ali na Inglaterra e o trotskismo dos EUA tornaram-se correntes expressivas do movimento pela paz mundial e pelo triunfo do Vietnã. Partidos como SWP norte-americano – que tinha em Peter Camejo um dos líderes do movimento antiguerra –, a LCR (Liga Comunista Revolucionária) na França, e o PST (Partido Socialista dos Trabalhadores) na Argentina crescem em relevância.

O Maio Francês também sacudiu as condutas patriarcais. Dali se iniciaram os movimentos democráticos e anticapitalistas da libertação da mulher e da juventude, do enfrentamento à cultura autoritária imposta pela ordem burguesa; um processo democrático que transcende até nossos dias.



As diferenças de 68 com as situações revolucionárias de 1917 e 1945

O MES (Movimento Esquerda Socialista – corrente interna do PSOL) fez um esforço para compreender e atualizar a categoria leninista de situação revolucionária nas teses teóricas políticas de 2008, “A atualidade do socialismo e das tarefas dos internacionalistas”.¹² Essa definição foi estendida por nossa corrente nos anos 80 como uma continuidade a partir das revoluções de 68 e em particular desde a derrota do imperialismo no Vietnã, a crise econômica de 1968/1970, e a crise que havia começado no aparato stalinista. A comparação com as situações de 1917 e 1945 foram importantes para retomar a definição de Lenin em sua formulação completa.¹³ Se realmente a partir de 68 o stalinismo tivesse se desmoronado e houvesse uma crise global da dominação imperialista esta análise seria essencialmente correta, e inclusive haveria uma situação superior às anteriores situações citadas.

Mas isso não ocorreu. O imperialismo conservou capacidade para impulsionar o golpe contra Allende no Chile e começar as negociações secretas com Mao Tse-Tung. Nos anos 80 ocorre a derrota da revolução política na Polônia, a derrota

12 Ver em: <<<http://portaldelaizquierda.com/en/2016/03/a-atualidade-do-socialismo-e-as-tarefas-dos-revolucionarios-caderno-cinza/>>>

13 Dizia Lenin que: “Estamos seguros de não nos equivocarmos quando assinalamos os seguintes três sintomas principais (de uma situação revolucionária): 1) quando é impossível para as classes governantes manter sua dominação sem nenhuma mudança, usando uma crise, de uma forma ou de outra, nas ‘classes altas’, uma crise na política das classes dominantes, abre-se uma fenda pela qual irrompem o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. Para que ocorra uma revolução não basta, geralmente, que ‘os de baixo não queiram’ viver como antes, mas também é necessário que ‘os de cima não possam’ viver como até então; 2) quando os sofrimentos e as necessidades das classes oprimidas se fazem mais agudas que habitualmente; 3) quando, como consequência das causas mencionadas, há uma considerável intensificação da atividade das massas, as quais em tempos de paz se deixam espolar sem queixas, mas que em tempos agitados são compelidas, tanto por todas as circunstâncias como pelas mesmas ‘classes altas’ à ação histórica independente. Sem estas mudanças objetivas, que são independentes da vontade, não só de determinados grupos e partidos mas também da vontade de determinadas classes, uma revolução é, via de regra, impossível (...) a revolução não se produz em qualquer situação revolucionária; produz-se somente numa situação na qual as mudanças objetivas citadas são acompanhadas por uma mudança subjetiva, como é a habilidade da classe revolucionária para realizar ações revolucionárias de massas suficientemente fortes como para destruir (ou deslocar) o velho governo, que jamais, nem sequer nas épocas de crise, ‘cairá’ se não o ‘fazem cair’”. **Obras Completas**, T XXII, pág. 310, Ed. Cartago. Las bastardillas son nuestras.



da greve mineira na Inglaterra e o avanço do reaganismo e do thatcherismo. A “**ação independente**” ocorrida em 68 tampouco se transformou em poderosas organizações revolucionárias com influência de massas. Os que mais se fortaleceram na América Latina é o castrismo (que já havia começado sua dependência política do stalinismo ao apoiar a invasão dos tanques russos na Tchecoslováquia) e o maoísmo. Este já estava em negociações com os EUA e planejava enviar tropas para invadir o Vietnã, vitorioso e unificado, iniciando com eles um período de guerra entre estados onde existia o “socialismo real”.¹⁴ Um setor da vanguarda se mantém independente destas direções e, como logo veremos, o movimento trotskista sai da marginalidade para influenciar importantes alas do ativismo.

O Cone Sul e 68

A América Latina é também parte da revolução de 68. A Revolução Cubana havia se “**antecipado**” a este processo global. Foi uma revolução iniciada a partir de uma guerrilha que se fez de massas no campesinato pobre e que se combinou com uma resistência – posteriormente catapultada a uma insurreição - de massas que pôs fim à ditadura de Fulgencio Batista (1959). O enfrentamento com o imperialismo americano levou à expropriação dos engenhos e à transformação da revolução democrática em socialista.

Esta revolução colocou a **luta armada** como questão crucial para a tomada de poder, superando dessa maneira o reformismo dos partidos socialistas e comunistas.¹⁵ Mas parte da vanguarda fez uma interpretação **equivocada** do que havia sido esta guerrilha de massas. Como escrevemos em “Cinquenta anos de

¹⁴ Ver em: <<<http://vientosur.info/spip.php?article9048>>>

¹⁵ Uma importante análise foi feita por Nahuel Moreno nessa época. A luta armada se incorporava ao programa de transição ao mesmo tempo que observava que tanto na China como em Cuba, diferentemente da Rússia onde a guerra civil foi depois da revolução naqueles países ocorreu na etapa de duplo poder e da tomada do poder.



lutas e revoluções na América Latina”:¹⁶

“O triunfo da Revolução Cubana abre uma onda de simpatias na América Latina, com uma camada de vanguarda que se radicaliza e se torna socialista e revolucionária. Dezenas de milhares deixam o reformismo e o nacionalismo burguês para se tornarem revolucionários. Os partidos comunistas e sua política de coexistência pacífica são superados neste processo com a linha de Fidel e Che que impulsionavam a revolução na América Latina com a palavra-de-ordem do Che de “fazer um, dois, três Vietnãs”(…)Essa vanguarda de massas chega à conclusão de que a forma de fazer a revolução na América Latina era repetir o método usado por Fidel em Cuba e pegar em armas sem nenhuma vinculação com o movimento de massas”.

Assim surge o “foquismo”, no começo como guerrilha rural e depois urbano (como maiores expressões no Cone Sul, a guerrilha do ERP e os Montoneros na Argentina, e os Tupamaros no Uruguai). Representam heroísmo individual e revolucionário, mas isolado do movimento de massas e suas lutas. É importante levar em conta esta situação para entender como o PST na Argentina¹⁷ se viu obrigado a travar uma batalha teórica, política e prática na luta de classes, já que a guerrilha não só fazia ações por conta própria como também seduzia os melhores ativistas do movimento operário para deixar as fábricas e incorporar-se a suas fileiras.

Desgraçadamente a vanguarda europeia surgida no Maio Francês, que em sua própria experiência na rebelião estudantil defendeu corretamente “a união com a classe operária”, a “a expansão da frente de luta”, postulando que “o desenvolvimento da vanguarda depende da amplitude do movimento de massas” e que “não há vanguarda autoproclamada”, fez uma leitura equivocada do processo latino-americano e apoiou durante um período importante a estratégia guerrilheira para a América Latina.

¹⁶ Ver em: <<<http://portaldelaizquierda.com/en/2016/04/memoria-cinquenta-anos-de-lutas-e-revoluciones-na-america-latina/>>>

¹⁷ O PST é a continuação do Palabra Obrera e depois do PRT – La Verdad. Em 1967/68, o PRT se dividiu entre a ala de Moreno que sustentava a mobilização de massas como estratégia e a de Santucho e Luis Pujals que tomaram o caminho da guerrilha.



Desta maneira debilitaram-se as verdadeiras forças revolucionárias, o nosso partido e o **classismo operário**. Efetivamente, a força mais autêntica da vanguarda na Argentina, Chile e Uruguai foi o classismo operário surgido no calor do desenvolvimento da indústria do automóvel e de outros ramos de produção. O classismo era um estágio, um momento da transformação da vanguarda operária em revolucionária. Reivindicava e praticava a luta **intransigente** contra a patronal e a democracia operária frente às burocracias sindicais.

O Cordobazo e outros “azos” que comoveram a Argentina a partir de 1969

O classismo era forte na Argentina e disputava com a burocracia os **comitês de fábricas** (as chamadas *Comisiones Internas*¹⁸ e a ditadura militar. Córdoba, a segunda metade do país era um dos centros desta indústria também espalhada na Grande Buenos Aires.¹⁹ O Cordobazo e o Rosariazo foram grandes mobilizações espontâneas de massas “conectadas” às revoluções dos grupos guerrilheiristas. Precedeu ao “Cordobazo”, o “Rosariazo” protagonizado principalmente pelos trabalhadores ferroviários (Rosário era um importante nó ferroviário), onde os trabalhadores e estudantes tomaram o centro da cidade por várias horas desafiando a repressão policial.

O “Cordobazo” foi uma mobilização mais contundente, que mudou a situação da luta de classes no país. Foi uma insurreição operário-estudantil protagonizada pelos trabalhadores da

18 Na Argentina, desde o primeiro governo de Perón a classe operária conquistou uma estrutura de organização sindical desde a base muito forte. As Comissões Internas e os corpos de delegados estabeleciam a nível de fábrica um “poder dual”, disputavam com a patronal e os capatazes o que deveriam fazer os operários em seu trabalho produtivos.

19 Na Grande Buenos Aires nossa organização que se chamava PRT- La Verdad depois da ruptura com um importante setor do partido que fundou o ERP (que foi reconhecido como seção pela IV Internacional Secretariado Unificado), tinha uma muito boa implementação nas Comissões Internas da Citroen, Chrysler, Mercedes-Benz e Peugeot contava com uma corrente classista que se chamava TAM, Tendência Avançada Mecânica. Dirigimos importantes greves, sempre enfrentando a patronal, a burocracia e separando-nos da guerrilha que às vezes tinha simpatizantes dentro delas e fazia ações descoladas da base. O PRT - La Verdad depois deu origem ao PST, quando o regime se transformou numa democracia burguesia com a volta de Perón.



eletricidade e da indústria automotriz. Uma manifestação contra descontos salariais pretendidos pela a ditadura militar se transforma numa insurreição que enfrenta a polícia, chega ao centro da cidade onde se somam os estudantes que fazem barricadas, contendo e **derrotando** a polícia, A polícia ficou sem balas e com tropas extenuadas para seguir reprimindo. Depois de um dia de **poder** dos trabalhadores e dos estudantes, o exército entra no centro da cidade e pouco a pouco passa a ter o controle dos bairros e do centro da cidade.

Com essa ação se abriu um período **pré-revolucionário** no país. Ocorrem novos “azos” em Tucumán, neste caso dirigido desde o refeitório estudantil por um companheiro de nosso partido, o “Rocazo” em Río Negro, o “Mendozazo” e um novo “Cordobazo”. Desgraçadamente este processo semi-insurrecional **não chega** a Buenos Aires, o que teria aberto uma situação claramente revolucionária.

São anos de uma intensa luta de classes que obriga à ditadura a pactuar, com o apoio da burguesia, a **volta de Perón**. No entanto, a mobilização operária e as direções sindicais de fábrica nas mãos do classismo continuam enfrentando Perón, sua sucessora Isabelita e sua tentativa de impor um governo bonapartista de direita apelando aos paramilitares da Triple A (Alianza Anticomunista Argentina). Um governo que, sob pretexto de combater a guerrilha urbana, também ataca nosso partido e as direções classistas.²⁰

Esta etapa de luta intensa contra o regime e a burocracia sindical e também de disputa da vanguarda com a guerrilha se fecha em 1976 quando os militares tomam o poder e com sua selvagem repressão conseguem a derrota da classe operária.

20O PST (Partido Socialista dos Trabalhadores) sofre atentados em cerca de 20 comitês, além do sequestro e execução de 16 militantes, na maioria operários, nesse período.

A greve geral no Uruguai

Em 1971, o Uruguai, onde também haviam se formado correntes classistas sob pressão das bases, assiste a uma greve geral por tempo indeterminado colocando, tal como toda greve geral e política, a questão do poder nas ruas. A greve durou 16 dias, e a presença militar consegue derrotá-la graças às vacilações do Partido Comunista. A partir de então, começa um período de repressão e a imposição dos militares de um presidente civil controlado por eles.

O governo de Allende no Chile; o fracasso da via pacífica ao socialismo

Como parte do processo de ascenso da luta de massas, nas eleições gerais do Chile de 1970, triunfa a Unidade Popular, uma frente entre o Partido Socialista e o Partido Comunista com um partido burguês minoritário que rompeu com a Democracia Cristã.

Persiste a ideia em muitos setores da esquerda que, durante o governo de Allende, o Chile “já era socialista” e que o “socialismo se viu estilhaçado pelo golpe militar de Pinochet de 11 de setembro de 1973”. Há um enorme equívoco nesta narrativa. É certo que o triunfo eleitoral abriu no Chile uma situação de efervescência de massas e de luta por suas reivindicações. O governo de Allende tomou medidas enormemente progressistas frente ao imperialismo. Nacionalizou as minas de cobre (o mais importante recurso econômico do país), fez a reforma agrária em setores do campo bastante produtivos, nacionalizou outras fábricas e implantou um sistema de produção diversificado e de cooperativas. Nacionalizou até mesmo o sistema bancário e começou reformas educativas profundas.

Contudo, **não era um governo dos trabalhadores que havia rompido com o sistema capitalista, mas um governo anti-imperialista**, já que o Partido Comunista e o Partido Socialista estavam no poder junto a um partido da burguesia. Era um



governo anti-imperialista muito sujeito à pressão revolucionária de massas. Mesmo ocorrendo profundas transformações, a estrutura do Estado não foi modificada e uma instituição fundamental, o Exército, seguiu intacta. Entre seus altos oficiais encontrava-se Pinochet que dizia “apoiar” a legalidade democrática. Este governo começou a ficar como um sanduíche entre o movimento de massas (que queria radicalizar o processo rumo ao socialismo) e a burguesia (que em conluio com o imperialismo começou a atacá-lo pela direita). Ante tal avanço da direita, os trabalhadores começaram o processo de auto-organização dos cordões industriais (formas soviéticas de organização a partir das fábricas; algo parecido ocorria nos bairros populares). Em muitas fábricas, ante a pressão da direita, que lançou uma greve reacionária de caminhoneiros, começaram-se a produzir armamentos. Os trabalhadores viam como **inevitável** o enfrentamento e se dispunham para tal. Entre a sub-oficialidade do exército e, particularmente, entre os marinheiros, houve um processo de levante contra os militares conspiradores especialmente depois da primeira tentativa de golpe. Entretanto, Allende se manteve como defensor da “**institucionalidade**”, inclusive nomeando Pinochet como comandante-em-chefe do Exército.

O valente e reconhecido gesto de Allende, imortalizado em fotografia, enfrentando com uma metralhadora o bombardeio do Palácio de La Moneda não apaga o fato de que ele tinha em suas mãos todas as possibilidades de enfrentar o golpe não só com uma metralhadora, mas com o armamento dos trabalhadores e do povo. Essa ousadia teria significado colocar o poder nas mãos dos trabalhadores e do povo para desencadear uma verdadeira revolução socialista. Allende infelizmente não quis levar adiante esta proposta e por isso o governo retirou as armas das fábricas dias antes do golpe.

Se, como vimos antes, os revolucionários latino-americanos precisávamos combater o foquismo guerrilheiro, por outro lado, também tivemos que combater a chamada via pacífica ao



socialismo. Esta era instrumentalizada em todo o continente pelos partidos comunistas e foi utilizada tragicamente no Chile. Com o argumento de que se devia “manter a legalidade”, seguindo um curso institucional para não provocar a direita, acabou por facilitar a ditadura de Pinochet, uma das mais sangrentas de nosso continente ao lado da ditadura argentina.

Algumas lições de 68

Por que não é somente uma comemoração? Por que reavivar na memória todos estes acontecimentos agora? Porque, como vimos, ainda **vivemos suas consequências** (decadência da hegemonia americana e a crise econômica estrutural e ecológica) e seu encadeamento histórico na luta de classes. De 68, retiram-se lições que são imprescindíveis transmitir e incorporar às novas gerações e camadas sociais que se aproximam do socialismo.

Na América Latina, esse **encadeamento histórico** esteve visível no Caracazo (1989) e a posterior revolução bolivariana (anos 2000), na semi-insurreição do Argentinazo (2001), na Guerra da Água (2003) e a insurreição boliviana que encerrou o governo de Garcia Mesa (2005). Mais recentemente, observamos seus ecos nas revoluções árabes da Tunísia, Egito, Líbia e Síria (2011-12) e posteriormente nos indignados da Espanha (maio de 2011), no ascenso dos trabalhadores na Grécia, no Occupy Wall Street (2011) e na revolta brasileira de 2013.

Apesar de não terem alcançado a envergadura de 68, todas estas mobilizações de massas revelaram que trabalhadores e os povos **não estão derrotados historicamente nem numa defensiva permanente contra o avanço da direita como enxergam alguns setores de esquerda. Segue havendo continuidade após 50 anos.** A grave crise do capitalismo alimenta um mundo mais polarizado, com o surgimento concomitante tanto de novos setores neopopulistas de extrema direita (referenciados no sucesso de Trump), como novos fenômenos políticos intermediários de partidos amplo que expressam a vitalidade de uma nova esquerda em ascensão.



Em maio de 2018, podemos destacar quatro exemplos vivos ainda de que as massas **não estão nocauteadas**:

1) Na **Armênia**, temos um movimento de massas nunca antes visto, uma verdadeira insurreição popular que desalojou do poder o primeiro-ministro e ex-presidente Serj Sargsyn. As mobilizações nas ruas liquidaram com este governo de direita, e - embora este movimento pretenda ser capitalizado pela direita - tal evento pode ser um movimento positivo para os jovens oprimidos e a classe trabalhadora no país como aponta Hovhannes Gevorkian, um estudante armênio de Direito em Berlim²¹;

2) Na **Nicarágua**, a insurreição estudantil e popular colocou contra as cordas o governo autocrático de Daniel Ortega. É uma mudança de situação na América Central, o “quintal” mais próximo que tem Trump. Policiais anti-motins impediram o avanço de uma manifestação, encabeçada por estudantes, que demandava o esclarecimento e castigo dos responsáveis pelas 43 mortes que deixaram os recentes protestos. Como dizem os companheiros do MAS (Panamá), “as multitudinárias mobilizações na Nicarágua, confirmam o ascenso das lutas democráticas que travam os povos centro-americanos, contra os governos que impuseram os planos neoliberais e utilizam a corrupção para se enriquecer conjuntamente com seus sócios burgueses que financiam suas campanhas políticas...”²².

3) Na **França**, ocorrem fortes mobilizações dos ferroviários e de outros trabalhadores junto com o movimento estudantil.

4) Por último estão as greves dos professores nos EUA iniciadas na Virgínia Oriental e que alcançaram um expressivo do triunfo no estado do Arizona. A Universidade da Califórnia também se movimenta para conquistar suas reivindicações. Além dessas lutas sociais e sindicais, as mudanças nos EUA também são políticas, com o notável crescimento do DSA (*Democratic Socialist of America*) nos últimos anos.

21 Ver em: <<<http://www.internationalviewpoint.org/spip.php?article5481>>>

22 Ver em: <<<http://portaldelaizquierda.com/2018/05/nicaragua-la-movilizacion-de-la-juventud-estudiantil-y-el-movimiento-popular-ponen-el-gobierno-de-daniel-ortega-contra-las-cuerdas/>>>



Ficam as lições

- **As mobilizações de 68 corroboram que não há mudanças sem revoluções e que as revoluções são feitas pelas massas.** Nenhuma mudança substancial ocorre no mundo se não há grandes mobilizações, rebeliões populares, insurreições ou revoluções.

- **Em 68 e toda a história da luta de classes mostra que não há revoluções triunfantes sem uma organização de massas e sem uma direção, um sujeito político que nos momentos decisivos possa orientar a um curso insurrecional como aconteceu com a grande revolução russa, a revolução chinesa e a revolução cubana que também tiveram direção.**

- **As ações individualistas de grupos de vanguarda “ultras” prejudicam o desenvolvimento da mobilização.** Como em todo período de mobilizações junto a uma **vanguarda que se mantém ligada às necessidades do movimento de massa**, há setores que (ante o desprestígio das velhas direções burocráticas ou reformistas) assumem posições **anarquistas e ultra-esquerdistas**. Em muitos casos, estes setores acreditam que a luta contra o capitalismo consiste em utilizar as mobilizações para atacar e destruir bancos. Os “black blocs” e outros setores anarquistas foram um verdadeiro problema na mobilização do 1 de maio na França,²³ como em junho de 2013 no Brasil. Suas ações “**descoladas**” são de menor intensidade e coragem que as das guerrilhas na América Latina e na Europa (Brigadas Vermelhas na Itália, Baader Meinhof na Alemanha), mas também prejudicam as mobilizações de massas.

- **Necessitamos que a nova juventude rebelde compreenda que em 1968 o protagonismo foi dos grandes movimentos.**

²³ À frente da marcha dos sindicatos se posicionaram 14500 jovens, entre anarquistas e black blocks.



As insurreições foram do movimento estudantil e dos trabalhadores em seu conjunto. Os enfrentamentos com a polícia nas barricadas francesas ou do Cordobazo argentino foram feitas por milhares de estudantes e trabalhadores, e não por pequenos grupos; por isso, golpearam em cheio os regimes e as classes dominantes.

- **Confiar nas massas e construir esse sujeito da revolução,** o partido, sob as formas organizativas que estejam mais de acordo com a situação concreta, é hoje mais necessário do que nunca.







1968 começou no Vietnã¹

Pierre Rousset²

Em fevereiro de 1968, as forças de libertação lançaram no Vietnã do Sul a ofensiva do Tet³ (ou seja, do Ano Novo). De uma enorme amplitude, desenvolveu-se sobretudo no território sul-vietnamita, incluindo Saigon.⁴ O seu significado internacional foi considerável, reativou o movimento anti-imperialista, o movimento de libertação nacional e acelerou a radicalização da juventude no Japão e nos Estados Unidos, passando pela Europa. Representou uma viragem na guerra e no crescimento da resistência, mesmo no interior do próprio exército norte-americano.

Em 1965 o Vietnã se tornou o epicentro da situação mundial. Os Estados Unidos assumiram o papel dos franceses. Prosseguiram uma escalada militar multifacetada que, ao longo dos anos, foi se tornando cada vez mais mortífera, incluindo o bombardeamento massivo das zonas libertadas no Sul, do Vietnã do Norte, do Laos e, por fim, do Camboja. Washington teve até 500.000 soldados no terreno⁵ (é notável que a intervenção de 2003 no Iraque nunca contou com mais de 180.000 militares dos EUA). Os gigantescos bombardeiros B52 entraram em ação. O programa Phoenix⁶ fez mais vítimas do que fazem atualmente os drones. A maior potência mundial mobilizou os seus recursos econômicos e científicos. O conflito abarcou todos os planos, incluindo o social: uma reforma capitalista da agricultura foi lançada em oposição à reforma agrária revolucionária das forças de libertação.

1 Publicado em português pelo portal Esquerda.net. Disponível em <<https://www.esquerda.net/artigo/1968-comecou-no-vietname/53184>>.

2 Dirigente da IV Internacional.

3 Trata-se da ofensiva das Forças de Libertação do Vietnã desenvolvida em três fases, iniciada em 30 de janeiro de 1968. O nome Tet se refere ao primeiro dia do Ano Novo no calendário lunar tradicional usado no Vietnã.

4 Atualmente, cidade de Ho Chi Min.

5 Mais de 3 milhões de norte-americanos serviram na Guerra do Vietnã.

6 O Programa Phoenix foi criado pela CIA e estava orientado para identificar e neutralizar a infraestrutura civil da insurreição.

Em muitos aspectos, a extrema brutalidade da escalada não tinha precedentes até então e ainda hoje continua a ser uma exceção. Encarna a barbárie imperialista.

Se Washington lançou tais meios em combate foi porque a dimensão daquela guerra ia para além do local. Tratava-se de impor um obstáculo e depois fazer “retroceder” (*contain and roll back*) a dinâmica revolucionária iniciada no Terceiro Mundo com a vitória da Revolução Chinesa (1949). O objetivo era a restauração da ordem imperialista no mundo, sob a hegemonia dos Estados Unidos.

As raízes da radicalização da juventude nos anos 1960 foram diversas. Na França, o regime gaullista, saído de um golpe de Estado, tornou-se insuportável (“10 anos, basta”), assim como a liderança moral com fortes traços católicos. À medida que os estudantes de origem popular começaram a chegar à universidade, emergiram novas tensões sociais. O ano 1968 apresentou traços diferentes em cada país. No entanto, a mobilização contra a escalada imperialista no Vietnã constitui um elemento aglutinador, um traço de identidade partilhado, uma marca essencial em numerosos países. Naturalmente, tudo isso não teve uma dimensão tão ampla, pelo menos em grande escala, nos regimes ditatoriais ou na Europa Oriental.

Momento necessário

No Vietnã, a decisão de desencadear uma ofensiva com a amplitude do Tet não era uma necessidade evidente e provocou intensos debates na direção do partido comunista. Por fim, a opção tomada foi a de uma ofensiva em todas as direções, constante, que pudesse (objetivo máximo) abrir a via a levantamentos insurrecionais ou (objetivo mínimo) que mudasse o curso da guerra, especialmente graças ao seu impacto mundial. A cidade de Hué (capital do centro do Vietnã) resistiu 26 dias antes de ser reconquistada pelas forças dos EUA às custas de sua destruição. O ataque à gigantesca base militar de Khe Sanh por divisões



do Exército Popular durou 77 dias (começou em 21 de janeiro e se constituiu num elemento de diversão, a fim de encobrir os preparativos da ofensiva do Tet propriamente dito). Os combates atingiram o centro de Saigon (incluindo a embaixada dos Estados Unidos) e prolongaram-se durante muito tempo nos subúrbios populares.

Durante a ofensiva do Tet foram usadas todos os tipos de ação de uma guerra popular: operações de guerrilha, levantes, intervenção do exército regular (baseado inicialmente no Norte)... Apareceram muitos problemas novos: como organizar num tal confronto as populações desestruturadas refugiadas nos subúrbios de Saigon? Como protegê-las de forma duradoura perante uma contraofensiva mortífera e absolutamente indiferente às perdas civis?

O governo norte-americano, ainda que tenha sido apanhado de surpresa inicialmente, mobilizou rapidamente o seu aparato militar enorme, assim como as redes e as forças do regime de Saigon para contrabalançar a ofensiva do Tet. O movimento revolucionário do Vietnã pagou caro pela ofensiva do Tet. Em particular, a infraestrutura política e militante da Frente Nacional de Libertação (FLN), que se expôs e foi golpeada severamente; a amplitude das perdas sofridas em quadros no Sul teve consequências a longo prazo.

Em 1968, a direção vietnamita foi confrontada por um verdadeiro dilema. Era necessário mudar o curso da guerra, pois de outro modo a escalada militar norte-americana poderia ter continuado sem limites: Por exemplo, podia até bombardear em massa os diques no delta do Rio Vermelho, o que teria provocado a inundação de uma vasta região densamente povoada. Atuar sem demora e de uma forma decisiva era ainda mais imperativo porque o conflito sino-soviético atingia o auge e a China estava mergulhada no tumulto da chamada Revolução Cultural. O Vietnã ainda recebia ajuda material e militar fornecida por Moscovo e Pequim, mas até quando?



Mais do que um “momento favorável”, fevereiro de 1968 foi um “momento necessário”. Desencadear uma ofensiva espetacular, mas pontual (com as unidades se retirando rapidamente após os ataques simultâneos no conjunto do território) teria tido custos menores; porém talvez não tivesse mudado o curso da guerra. Lançar de forma duradoura tantas forças em combate, era uma aposta muito arriscada – e o custo foi considerável –, mas o curso da guerra mudou.

Eletrochoque

A ofensiva do Tet provocou um eletrochoque nos Estados Unidos e no mundo. Pôs a nu muitas mentiras de Washington. Mostrou que esta guerra não era nem “democrática”, nem estava ganha, mas era terrível, bárbara, e estava bloqueada. Dividia a burguesia dos EUA, porque o seu custo econômico se tornava insustentável. As universidades explodiram. Os protestos dos soldados norte-americanos tomaram uma forma coletiva. A palavra de ordem de “retirada imediata” das tropas tornou-se popular. Mais do que nunca, a população negra se reconheceu na luta de emancipação vietnamita : “Não quero ir ao Vietnã, porque o Vietnã é onde eu estou. Eu não irei!”



68 francês: a explosão de maio

Daniel Bensaïd e Henri Weber ¹

A manifestação do 3 de maio e a espontaneidade das massas

Nada indicava que a sexta-feira, 3 de maio, fosse passar à história. No ensolarado pátio da *Sorbonne* há um ambiente aprazível e familiar: algumas dezenas de militantes da JCR estão alinhados em colunas ao longo dos degraus da capela e escutam, brincalhões, a leitura comentada de um requerimento de Georges Marchais publicado em *L'Humanité* dessa semana: “Desmascarar os falsos revolucionários”. Sessenta metros mais adiante, os estudantes da FER vendem *Révoltes*; uns militantes do MAU colam cartazes; não se vê nem um UJCml [Juventude do Partido Comunista Francês]. A intervalos regulares, um militante convoca os estudantes para a plenária das 12h e para a mobilização antifascista: um dia como tantos outros na *Sorbonne*.

Por volta do meio-dia, chegam os militantes do 22 de Março, calorosamente aclamados. Já célebres, levam atrás de si uma matilha de jornalistas. Tomam a palavra Henri Weber, pela JCR, Christian de Bresson, pela FER, Jacques Sauvageot, pela UNEF, Daniel Cohn-Bendit, pelo 22 de Março. Amavelmente, este oferece o microfone a um representante da UEC para que exponha a posição do Partido Comunista, e o militante cumpre animosamente essa pesada tarefa. Decide-se uma manifestação para a segunda-feira, 6 de maio, às 9 da manhã, diante da reitoria, onde se reúne o Conselho da Universidade. Às 13h, os militantes se dispersam em grupos de propaganda, em direção aos principais restaurantes universitários.

À tarde, esperam os fascistas. Os serviços de segurança, com seus efetivos completos, tomaram posição nas diferentes saídas e estão prontos para intervir. O dispositivo de defesa tem quase

¹ Militantes das JCR durante os acontecimentos de Maio de 68, Weber foi posteriormente senador do OS e Bensaïd dirigente da LCR francesa. Este texto forma parte do livro *Maio de 68: um ensaio geral*, publicado pela Ed. Era do México em 1969, do qual *Sin Permiso*, fonte do artigo traduzido em *Movimento*, publicou os capítulos dedicados aos prólogos dos acontecimentos de Maio de 68 na França.

400 militantes perfeitamente equipados. Às 15h, mensageiros anunciam que se aproxima um grupo armado de uma centena de “nacionalistas”. Desafortunadamente, não há nenhuma possibilidade de que cheguem até nós, porque a polícia vigia... Bloqueados pelas forças de segurança, os fascistas se afastam. Na *Sorbonne*, a tensão cede. Organiza-se no pátio uma ocupação improvisada. Uma delegação conduzida pelo vice-presidente da UNEF vai à reitoria para pedir que se abram algumas salas. A negativa vai acompanhada de ameaças: se os “pretorianos” não desaparecerem, fecharão também a *Sorbonne*. Um clamor de indignação sobe até as janelas do reitor quando os estudantes ficam sabendo da chantagem. Os militantes do 22 de Março ensinam aos sorbonnards as técnicas dos grupos de discussão. Pelos quatro cantos do pátio se iniciam os debates.

Os dirigentes das organizações estudantis sinalizaram para as 17h30min a hora da dispersão. Mas às 16h30min a polícia fecha as saídas. Às 17h, as forças de segurança solicitadas pelo reitor entram na Soborna, cassetetes nas mãos. Entre as 17h15min e as 19h30min, vão-se levando os militantes em grupos de 25 e vão dividindo-os nas delegacias de polícia parisienses.

Às 17h30min estoura a manifestação: as centenas de militantes encurralados na *Sorbonne* não acreditam nos seus ouvidos: a uns dez metros, um cortejo, ao parecer substancial, se choca violentamente contra as forças de segurança. Alguns veículos voltam vazios e sem vidros. Pela primeira vez no Bairro Latino se ouve continuamente o explosão das bombas de gás lacrimogêneo. Imediatamente a multidão dos estudantes decide se perguntar: quem? Que grupo lançou essa vigorosa e imediata resposta? Os principais quadros da JCR, do 22 de Março, da FER, do MAU estão presos na Soborna. A UJCml está aborrecida e, prevendo uma ação fascista fulminante, deu ordem aos seus miliantes para que não aparecessem no Bairro Latino na sexta-feira, 3 de maio...

Os comitês de ação dos secundaristas? Talvez. Eram esperados para depois dos cursos. Mas de onde os dirigentes



dos secundaristas poderiam tirar experiência e audácia?

A verdade é que a manifestação do 2 de maio foi puramente espontânea. A polícia não esperava encontrar cerca de mil estudantes na *Sorbonne*. Desconcertada pelo número, decidiu levar apenas os homens... As militantes permaneceram livres para fazerem o que quisessem e não deixaram de ir avisar no Bairro Latino.

A partir das 17h, se formam grupos espontâneos na praça da *Sorbonne*, na rua des Ecoles, no boulevard Saint-Michel. São lançadas palavras de ordem que a massa repete e amplifica rapidamente. Quem tomou a iniciativa dos primeiros lançamentos de garrafas, de vidros de mostarda, de cinzeiros e de diversos outros projéteis mais? Quem decidiu obstruir a circulação, bloqueando a rua? Os militantes de base dos pequenos coletivos? Os “não organizados”? Não importa. O movimento estudantil aprendeu esses gestos dos estudantes alemães e italianos. Já os havia imitado no 13 de abril, na manifestação de solidariedade com a SDS e Rudi Dutschke. Politicamente, estava já disposto à resistência. Os poucos militantes da FER que estavam ali aprenderam às próprias custas. Um dos dirigentes se pôs a dispersar os manifestantes, porque, separados de suas organizações, os estudantes não podiam se opor eficazmente às forças da polícia. Fazer frente aos agentes sem bons chefes era se colocar em grave risco. Era necessário voltar para casa e exigir que as direções dos sindicatos organizassem uma resposta democrática. O mínimo que se pode dizer é que aquelas declarações não convenceram ninguém, e os estudantes deixaram o líder FER gesticulando e se lançaram contra os carros da polícia. Por sucessivos cálculos aproximativos, foram criando no ardor do combate uma tática de assédio incessante, baseada em breves ataques e rápidas retiradas, que não dava às forças de segurança tempo para respirar nem para reagir. Não estavam acostumadas a tal resistência. Surpreendidas, pouco móveis, se cansavam com as munições ineficazes e se salvavam batendo com cassetete em qualquer um que tivessem à mão.

A manifestação espontânea do 3 de maio suscitou no movimento estudantil uma dessas falsas polêmicas a que está acostumado. As divergências se situavam na curiosa problemática, fundada na oposição unilateral entre espontaneidade e organização. “Já veem que não servem para nada”, afrontavam os “espontaneístas” dos membros dos pequenos coletivos. “Foi uma resposta magnífica, lançada pela base estudantil enquanto vocês estavam todos presos na *Sorbonne*. Além disso poderia apostar que, se vocês estivessem fora, não haveria acontecido nada, porque chegariam falando muito bem, com a sua disciplina e equipes de organização e mais uma vez teriam paralisado a iniciativa das massas”. Ao que respondiam os místicos da organização estilo FER: “Todo militante responsável deve agir como nós agimos, porque só os aventureiros enviam os estudantes não organizados ao matadouro.”

Na verdade, esse debate se insere em uma problemática absurda. Não existe no marxismo oposição mecânica entre organização e espontaneidade. Ao contrário, o marxismo nos ensina que a espontaneidade de um meio social não é de modo nenhum independente do seu grau de organização. As atitudes “espontâneas” de todo meio social estão condicionadas pela natureza e pelo poder das estruturas que o organizam. Se a classe trabalhadora é “espontaneamente sindicalista”, como diz Lenin, é que “espontaneamente” está organizada pela classe dominante e pelo Estado burguês. E a função de uma organização revolucionária consiste precisamente em educar o proletariado de modo que ele se libere da sua espontaneidade burguesa e se insira em uma “espontaneidade revolucionária”, constituída em décadas de lutas e greves. O que os marxistas chamam de “espontaneidade das massas” não é outra coisa senão a manifestação espontânea do grau de consciência e de experiência a que se chegou. Anos de propaganda revolucionária, anos de mobilização e de lutas assumidas pelos pequenos coletivos levaram a uma espontaneidade do movimento estudantil e a um nível de maturidade política perfeitamente apreciável. Essa



maturidade política é a que se manifestou “espontaneamente” no dia 3 de maio à noite e nas semanas seguintes.

Nos camburões que os levavam às delegacias, os militantes revolucionários traçavam planos para os dias seguintes. Todos entendiam que o poder acabava de cometer um erro de marca maior: a tomada da *Sorbonne* pela polícia, o encarceramento arbitrário de 600 militantes, o uso de gases lacrimogêneos e dos cassetetes no Bairro Latino, atitudes mais que suficientes para causar um trauma duradouro em toda a Universidade.

Ao ferir indistintamente um meio já muito sensibilizado, a repressão ia servir de catalisador. Ia precipitar as partículas e as moléculas estudantis para formar um corpo social compacto e reivindicativo. Todas as decepções, todos os rancores, todas as rebeldias acumuladas durante meses iam ressurgir e cristalizar-se na negativa, esperando a agressão do poder. Pelo seu mesmo excesso, a repressão tinha valor de símbolo: constituía a expressão concentrada de todo um conjunto de relações sociais, feitas de violência, de injustiça, de arbitrariedade, que cada um suportava cotidianamente no estado diluído. Os discentes iam rebelar-se contra tudo quanto aquela repressão levava como significado latente.

A julgar pela sua reação espontânea, a resposta do movimento estudantil sem dúvida ia ser enérgica. O corpo docente se veria obrigado a tomar partido, e naquelas circunstâncias não teria mais remédio que se colocar ao lado dos estudantes. Faltando algumas semanas para os exames, a paralisia da Universidade sacudiria a opinião pública. O poder havia iniciado um enfrentamento do qual poderia muito bem sair vencido. Amontoados nas nossas celas, especulávamos acerca da categoria e das próximas vítimas das nossas manifestações de rua: seria o reitor Roche? Seria o ministro Peyrefitte? Ou o prefeito da polícia Grimaud? O calabouço da polícia na Prefeitura se dividia em “utopistas” e “temerosos”. Mas todos estávamos de acordo com que o poder acabava de dar ao movimento estudantil francês uma ocasião inesperada de repor

seu atraso com relação aos seus equivalentes italianos, espanhóis ou alemães. Havia chegado o momento de dar consistência ao título do editorial do número 1244 do *Avant-Garde Jeunesse*: “Criar dois, três, vários Berlins, essa é a diretriz”

Sábado 4 e domingo 5 de maio:

a direção provisória e o acordo entre organizações

O fim de semana foi dedicado a se preparar a resposta. Uma primeira reunião foi organizada quando os dirigentes foram postos em liberdade, no sábado, 4 de maio, perto das 2 da madrugada, na Escola Normal Superior da rua de *Ulm*. Assistiam Sauvageot e Bénard, pela UNEF, Geismar e Fontaine, pelo SNE-sup (Sindicato Nacional do Ensino Superior), Weber, pela JCR, Stourdzé, pelo 22 de Março, Péninou e Kravetz, pelo MAU, Chisseray e Berg, pela FER, e os principais dirigentes da UJCml. O SNE-sup e a UNEF anunciam que lançaram cada um seu indicativo de greve geral para a segunda-feira, 6 de maio.

Dessa reunião, não saíria nenhuma decisão concreta. Os delegados das diversas organizações vieram para sondar as respectivas intenções e para ver até que ponto eram compatíveis. Na verdade, a partir desse momento está posta a questão do poder no seio do movimento. Acaba de nascer um movimento de massas que abala todas as estruturas existentes e parece ter grandes perspectivas e imediatamente se encontra empenhado em um difícil enfrentamento: se quer triunfar, terá de manobrar com destreza e decidir com rapidez. Mas para isso necessita de uma direção centralizada, que fale em seu nome, elabore um plano de ofensiva, dê instruções e diretrizes. É evidente que essa direção não pode surgir do movimento mesmo em 24 horas, que demorará semanas para se estruturar da base até em cima. Nesse intervalo, serão organizações constituídas que assumirão de fato as funções de direção.

Entre as organizações e os pequenos coletivos universitários, quem serão os que se colocarão realmente como cabeças do



movimento? Essa é a questão que domina esse primeiro fim de semana de maio. É uma questão importante, porque as organizações têm cada uma sua linha política determinada. Do seu “acesso ao poder” depende a orientação do movimento na batalha, ou seja, o futuro mesmo do movimento.

O sábado, 4 de maio, às duas da manhã, aponta uma solução.

Desde essa primeira reunião, a UJCml vai se mostrando intransigente. Sua direção passa nesse período por uma fase de sectarismo máximo. Nega-se a sentar-se à mesma mesa que as organizações trotskistas e imediatamente se põe a disputar o procedimento, o regulamento da reunião. Seu porta-voz declara que, a seu ver, se encontram reunidos não mais os representantes desta ou aquela organização, mas “elementos ativos” do movimento estudantil. Ao que o delegado da FER responde que ele somente diferencia ali os delegados das organizações que participaram da plenária da sexta-feira ao meio-dia no pátio da Sorbonne dos delegados que pegam o trem em movimento. Dito isso, a delegação da UJCml abandona a sala e desde então não volta a participar das reuniões “unitárias”. Tentará – em vão – tirar a direção do movimento da união das organizações que a assume. Para isso suscitará suas próprias estruturas “de massas”: comitês de defesa contra a repressão, comitês de apoio às lutas do povo etc.

Na verdade, o sectarismo exagerado da UJCml encobre profundas divergências políticas: há contradição total entre o populismo primário da linha “servir ao povo” e a concepção do movimento estudantil como possível detonador dos enfrentamentos entre classes.

Além da ruptura com a UJCml, logo se apresenta outro desacordo que opõe os que pensam respeitar a autonomia do movimento de massas e, portanto, se dispõem a estruturá-lo pela base, por cima das organizações existentes, e os que, ao contrário, temem a formação de um movimento de massas dinâmico que não poderiam controlar. Entre os primeiros estão o Movimento

do 22 de Março, a JCR, o MAU, o SNE-sup; entre os segundos, a FER, durante certo tempo, a direção nacional da UNEF. Esta não tarda em mudar sua análise e aceitar, *velis nolis*, a colaboração leal ao movimento. A FER se nega até o final a entender que a nova mobilização dos discentes não se enquadra nas estruturas tradicionais. Por isso seu peso específico na tomada de decisões não deixou de ser reduzido e, a partir do 8 de maio, ficou definitivamente anulado.

Das reuniões nos dias 4 e 5 de maio, saiu um plano conjunto para a jornada de segunda-feira. A manifestação anunciada na plenária da sexta-feira, 3, diante da sede do Conselho da Universidade, foi confirmada para as 9 da manhã. A UNEF assinou um chamado à solidariedade, que foi direcionado aos trabalhadores da região de Paris, convidando-os a se apresentarem em massa às 18h30min na praça Denfert-Rochereau para manifestar seu apoio às reivindicações estudantis. O chamado, em folhas soltas e com tiragem de 100.000 exemplares, foi distribuído na segunda-feira, ao amanhecer, na porta das fábricas. Uma equipe de militantes se agrupa em torno de Jean Schalit e propõe editar, controlada pelo movimento, um jornal: *Guérilla*. Os representantes das organizações julgam esse título muito “publicitário”, e ao fim entram no acordo de que se chame *Action*. O primeiro número aparecerá na segunda-feira, 6, e será distribuído durante a manifestação.

Saber lutar... Duas táticas

Na noite de domingo para segunda-feira, a polícia fecha o Bairro Latino. Os estudantes começam a se concentrar às 9 da manhã. Logo são muitos milhares, que circulam pelas barreiras policiais. Às 9h15min se forma o primeiro cortejo, ao redor de um núcleo de militantes, diante do Teatro da França. Os manifestantes iniciam um longo percurso ao redor do dispositivo da polícia, e seu cortejo vai crescendo às vistas; lá pelas 11 da manhã, são uns 5.000. No agrupamento os militantes da UJCml levam e



trazem uma diretriz que atribuem à UNEF: “Todos à plenária das 12h30min na Faculdade de Ciências”. Interrogado, Jacques Sauvageot afirma não saber nada. Parecendo-nos uma manobra, decidimos conjuntamente levar o cortejo, à hora marcada, ao lugar da reunião. Agrupados no alto da grande escadaria, os responsáveis pela UJCml se preparavam para organizar uma plenária e parecem um tanto contrariados com a nossa chegada. Durante uma hora, efetivamente, os militantes da JCR e os da UJCml se enfrentam em dura polêmica... O objeto da controvérsia é a continuação do movimento, e diante de 6.000 estudantes se coloca a questão da tática que será seguida.

Os dirigentes da UJCml dizem de certa forma que, só com suas forças, os estudantes não podem se opor eficazmente à repressão policial. Os guardas móveis cercaram o Bairro Latino. Os estudantes se encontram ali à mercê da menor provocação. Não é necessário escutar os aventureiros pequeno-burgueses que convocam para se manifestar ali e tratam de separar os estudantes dos trabalhadores. Assim levariam o movimento ao matadouro. O que faz falta, ao contrário, é sair do Bairro Latino, deixá-lo para os CRS e ir manifestar nos bairros populares, em Ménilmontant, em Belleville, na Bastilla. Em pequenos cortejos é preciso sair e explicar aos operários a verdade da repressão que cai sobre os estudantes, conquistá-los para a causa estudantil.

Os oradores da JCR respondem que o trabalho de explicação à população já foi feito na segunda-feira, 6 de maio, entre as 5 e as 10 da manhã. Cem mil folhetos da UNEF, dezenas de milhares de panfletos das organizações políticas foram distribuídos na entrada das fábricas, nas estações de trem, no metrô. Claro está que se deve continuar e intensificar esse trabalho de propaganda. Mas seria estupidez se encarregar disso em uma manifestação. É necessário organizar grupos de propaganda e dividi-los na região parisiense. Mas também é necessário sair às ruas em milhares para lutar firmemente pelos nossos objetivos. Uma campanha de explicação pode, no máximo, captar a compaixão da classe

trabalhadora, somente nossa própria resposta pode nos valer seu apoio efetivo. Os italianos e os alemães demonstraram do que é capaz o movimento estudantil. As manifestações da sexta-feira, 3, confirmaram isso. Dedicamo-nos a uma prova decisiva, em um tema que concerne a todo o mundo. Ajudem-nos a nós mesmos e a classe trabalhadora nos ajudará. Não, não é preciso sair do Bairro Latino, porque isso significaria – queiramos ou não – um reconhecimento tático de fato consumado. Ao contrário, manifestemo-nos no Bairro Latino, respondamos, como na sexta-feira, às provocações policiais e nos neguemos a recuar ante as medidas repressivas. Nossa resistência pode dar origem a uma situação nova, e então cada um terá de se declarar com relação a nossa ação.

Nesse nível de generalização, o debate poderia ter durado indefinidamente se os manifestantes, fartos de discursos, não tivessem tomado espontaneamente a iniciativa de se colocar em marcha. Com 6.000 estudantes, o cortejo se dirigiu ao longo do Sena até o boulevard Saint-Michel. À altura da rua Saint-Jacques, os mensageiros indicam importantes movimentos das forças da polícia. O cortejo não está suficientemente bem “impulsionado” para enfrentar. Decidimos passar pela margem direita e damos uma grande volta pelo centro de Paris. Com o passar do cortejo, a população manifesta sua simpatia. Um jovem carteiro vai a nossa frente e pede aos “camaradas estudantes” que passem *pela rua do Louvre, diante da central dos Correios, que está de greve...*

A volta ao Bairro Latino se dá ao grito de “A Sorbonne para os estudantes”. Já vai fazer 6 horas que dura a nossa manifestação. Com o estômago vazio e as pernas vacilantes, atravessamos o boulevard Saint-Michel, onde nos esperam os CRS em fila tripla, com os caminhões dispostos em linhas paralelas, formando triângulos, armados de mangueiras contra incêndios, em barreira intransponível. Mas pela rua Saint-Jacques, o dispositivo é muito menos denso. O cortejo de bifurca... E imediatamente vem a munição. Os golpes eram frequentes entre a fumaça ácida do gás lacrimogêneo. Vários estudantes caem feridos, entre eles Christian Debresson, secretário geral da FER. A partir desse momento, a batalha será muito intensa. Reagrupados no boulevard Saint-Germain, os manifestantes se preparam para o confronto. O cortejo se transforma em um imenso formigueiro onde cada um corre ocupado



na sua tarefa. Inspirando-se nos procedimentos do adversário, alguns grupos dispõem os carros organizados em triângulos para impedir o avanço das forças de segurança. Outros estudantes distribuem com parcimônia o suco de limão antilacrimogêneo. Outros repartem os capacetes “emprestados” de uma obra próxima. Cada um busca com o que armar o braço. Domina a batalha o barulho do aço, que ressoa secamente ao choque com os paralelepípedos parisienses...

Correndo de grupo em grupo, os militantes da FER gritam pedindo a dispersão. Segundo eles, o enfrentamento que se prepara é uma tentativa de sabotagem, além de uma louca provocação. Sabotagem da manifestação das 18h30min, que não poderá acontecer se a confusão cresce. E louca provocação porque, isolada, a vanguarda estudantil corre para o abate. Mas, como no dia 3 de maio, ninguém ligava para eles.

E quando as forças de segurança querem avançar, as primeiras linhas de estudantes lançam literalmente um ataque com paralelepípedos. Diantes delas, o pânico; os policiais retrocedem desordenadamente e deixam alguns dos seus caídos. A partir de então, manterão uma distância prudente. Desocupam a duras penas o caminho com substancial lançamento de bombas de gás lacrimogêneo. Sistemáticamente, as bombas são devolvidas, enquanto os estudantes, protegidos pelos carros em zig-zag, rejeitam a golpes de paralelepípedos muitas cargas. À altura da praça Maubert-Mutualité, a “frente” se estabiliza. O combate, um dos mais violentos do mês de maio, dura mais de duas horas. Para as forças de segurança, o encontro mais custoso. Às 17h30min, os estudantes se dispersam e vão para a praça Denfert.

Desde as 18h, essa praça está cheia de gente; ao sair do metrô se compreende por que a FER temia tanto que os choques anteriores prejudicassem a reunião de Denfert. Escassos pela manhã e à tarde, os militantes da FER e la OCI estão todos ali, alinhados na primeira fila, estendendo uma quantidade de bandeirolas e bandeiras com suas siglas em preto. Mas já passou o tempo em que faziam a massa engolir qualquer coisa. Os manifestantes não têm intenção de desfilar atrás das bandeirolas da FER,



cuja impopularidade inicia uma forte ascensão, e fazem com que sejam retiradas. “Guardar suas bandeiras”, cantalorava o cortejo... Depois de uns instantes de vacilação, as bandeiras desaparecem.

Uns 20 ou 30 mil estudantes se dirigem até o Bairro Latino. Entre eles são muitos já os operários que aceitaram se unir à luta dos estudantes. Um novo encontro em Saint-Germain-des-Prés. Acolhido pelo lançamento de bombas, o cortejo replica com energia. As forças de segurança são maiores e estão melhor equipadas que em Maubert. Mas os manifestantes se gabam da extraordinária audácia e engenho. Outra vez volta a se organizar o formigueiro. Formam-se centenas de metros para levar os paralelepípedos à linha de fogo. A praça de Saint-Germain parece uma estampa de camponeses chineses edificando diques. Duas vezes os CRS se vêm obrigados a retroceder. Às 22h, o cortejo se dispersa. Os últimos choques cessam por volta da uma da manhã.

Balanco das manifestações do 6 de maio

Não se deve subestimar a importância das manifestações do 6 de maio. Os estudantes dominaram as ruas ininterruptamente desde as 9h até as doze da noite. Duas vezes se confrontaram violentamente com as forças da polícia e tiveram 345 feridos. O vigor e a força das manifestações estudantis deixaram profundo impacto na classe operária e na juventude.

Os trabalhadores tinham uma ideia pouco simpática do estudante, ideia astutamente mantida pelas burocracias operárias. Para eles, o estudante é um “senhorzinho”, um garoto “mimado”, pretensioso e visivelmente afeminado. Seus escândalos não o impediriam de engrossar amanhã as fileiras dos exploradores. E na noite de 6 de maio, essa imagem maléfica se rompe em pedaços.

As fotografias dos combates, o balanço dos encontros, provocam assovios de admiração dos operários. O estudante não tem medo dos golpes e sabe dá-los. “Eles pelo menos não



se entregam”. Ao mito do estudante afeminado, substitui o mito do estudante forte, sem medo e sem defeitos. Em alguns dias de reação exemplar, o movimento estudantil derrubou o muro da incompreensão e da desconfiança pacientemente erquido pelos stalinistas. Mais adiante, deixará de ser difamante nas fábricas o título de estudante. Logo será um “abre-te Sésamo”, que, a despeito dos burocratas, abrirá caminho por todas as partes até a classe operária.

Tratando de explicar a amplitude das manifestações, a imprensa evoca a “solidariedade juvenil”. Frente à autoridade impositiva dos adultos, os jovens teriam, sem dúvida, tendências a se unirem estreitamente e a correr, por instinto, para ajudar seus semelhantes em perigo. Na verdade, a “solidariedade juvenil” tem bases muito diferentes. Não precede de nenhum instinto coletivo, senão do contágio da rebeldia, em um meio social posto sob tutela, ao se dar o exemplo da resistência.

A luta dos estudantes introduziu nos secundaristas uma pequena ideia explosiva que subitamente adquiriu a força de uma evidência: não é de modo nenhum natural se submeter a regulamentos danosos elaborados por reitores maníaco-depressivos. Não é de nenhum modo natural engolir sem dizer um “piu” cursos fracos. O que é arbitrário, irracional, entediante não é de nenhum modo fato inalterável a que alguém se deva acomodar. Toda essa máquina absurda que se exorcizava com alvoroços e brincadeiras pode ser derrubada. E a partir da segunda-feira, os estudantes secundaristas iriam às ruas aos milhares.

A mesma pequena ideia, porém vacilante, penetrou igualmente entre os operários jovens. Não é de nenhum modo natural que alguém seja o menos valorizado na empresa, o mais mal pago, o primeiro a ser mandado embora, quase um operário do mais baixo cargo, com seu “CAP” (Certificado de Aptidão Profissional) no bolso, quando não se resigna ao desemprego. Não é de modo algum natural que alguém seja controlado, que o insultem, que o prendam, que o reprendam alguns comandantes da polícia



que não entendem as diferenças entre um operário jovem e um delinquente juvenil. Todas essas incríveis “autoridades” que inflingem com prazer escárnios e humilhações... Não basta difamá-las entre amigos. No Bairro Latino, os estudantes começaram um grande ajuste de contas. E na terça-feira, os operários jovens também iriam aos milhares às ruas.

A base da “solidariedade juvenil” não é mais sentimental e afetiva do que a da solidariedade estudantil. Se a solidariedade juvenil se manifestou plenamente, é porque o movimento estudantil lutava em um campo comum a toda a juventude. Sua luta contra a repressão é uma luta contra a multiforme opressão que aguenta a juventude em uma sociedade cujos valores rejeita e à qual ainda não está insidiosamente ligada pelos múltiplos laços da resignação, da renúncia, das desilusões e da decadência pessoal.

Se milhares de jovens sem trabalho, estudantes secundaristas, operários, aprendizes se uniram à luta dos estudantes, se deram mostras de uma combatividade, um ardor e uma audácia notáveis, é porque compreendiam confusamente que tinha havido uma forte resistência cujo resultado devia ser algo muito maior que a liberação de alguns camaradas e a reabertura das faculdades; era porque compreendiam que os paralelepípedos que caíam sobre os representantes uniformizados da autoridade na verdade apontavam para o autoritarismo opressor que é quem tece seus próprios dissabores cotidianos. Se, com tanto entusiasmo e esperança, se uniram ao combate estudantil, foi porque pela primeira vez viam “do outro lado” uma força que parecia verdadeiramente decidida a abolir as regras opressoras e a instaurar sobre as suas ruínas a magnífica fraternidade combativa que reinava nas suas manifestações.

Conquistar a opinião

A união das organizações universitárias, composta por representantes da UNEF (Sauvageot), do SNE-sup (Geismer),



do 22 de Março (Cohn-Bendit e outros), da JCR (Weber-Krivine), da FER (Chisseray-Berg), dos CAL (Recanati-Najman), decide organizar uma manifestação cotidiana que as reivindicações mínimas do movimento sejam recebidas.

Na terça-feira, 7 de maio, a reunião se fixa, como no dia anterior, na praça Denfert, às 18h30min. Falando do leão de Berfort a uma multidão ainda mais considerável que o dia anterior, Jacques Sauvageot explica os objetivos da manifestação: fim das perseguições administrativas, judiciais e universitárias iniciadas contra os estudantes, retirada das forças de polícia, reabertura dos estabelecimentos universitário. O cortejo iria para a *Sorbonne*.

De todos os modos, o objetivo não era repetir os encontros do dia anterior, porque, quando dois se põem a medir forças, ai daquele que se repita! Para ganhar, é necessário cada dia construir novos marcos. Se o movimento não avançava, o poder voltaria a tomar a iniciativa. Era necessário expulsar toda rotina e levar ao posto de comando a imaginação e a audácia. Cada dia era preciso estender o movimento, ampliar sua base para outros setores, para que entrassem por sua vez na batalha. Cada dia era preciso realizar uma nova demonstração política. Os enfrentamentos da jornada anterior haviam demonstrado a resolução de combatividade do movimento estudantil. Agora se tratava de demonstrar a uma opinião pública já comovida, mas ainda vacilante, que os “exaltados” não eram nihilistas entusiastas que buscavam na desordem um paliativo para sua própria nulidade. Era necessário convencer a opinião pública da legitimidade da nossa violência, para que a apoiassem e a sustentassem, a fim de que a pressão sobre as autoridades aumentasse e se fizesse irresistível.

A partir da terça-feira, nossa tarefa estratégica consistia em ganhar definitivamente a opinião e obrigar, assim, que as “organizações operárias e democráticas” intervissem. Era preciso agir com cautela, porque qualquer falta política podia custar caro. Conquistar a opinião pública não significava, claro está, atenuar o dinamismo do movimento para se fazer de interlocutores



responsáveis. Não se tratava de nos colocar na posição da opinião pública, mas de convencer parte da opinião operária que passasse a nossas posições revolucionárias ao mesmo tempo em que nos assegurávamos da neutralidade benévola da opinião pequeno-burguesa. Para isso devíamos, por uma parte, conservar o ganho das manifestações do dia 6 (vigor, novo estilo do movimento) e, por outra parte, afirmar nossa grandeza e nossa maturidade política. Todo mundo devia ver bem claro que o movimento estudantil não se dedicava à violência pelo gosto da violência e que, para nós, o enfrentamento não era um fim em si, mas o último recurso que o poder estúpido e brutal nos deixava.

A vanguarda estudantil havia compreendido isso muito bem. Na terça-feira não queríamos motim, mas uma espetacular, disciplinada demonstração de força.

Muito mais importante que no dia anterior, o cortejo se pôs em movimento às 18h30min em direção ao Bairro Latino. À altura do Bullier se detêm as primeiras linhas. Trezentos metros acima, o boulevard Saint-Michel está obstruído por um intransponível dispositivo policial. Os responsáveis pelo serviço de segurança vão “negociar”. O comandante de serviço lhes indica amavelmente que eles vão embora. A manifestação tem um instante de indecisão. Propomos bifurcar pelo boulevard Montparnasse. Os manifestantes gritam: “À Sorbonne! À Sorbonne!”. Um militante se ergue e nos explica que a barreira é inacessível pela frente, sobretudo tendo em vista que a calçada está afastada naquele lugar... Esse último argumento convence. O cortejo dá uma volta e se dirige até Montparnasse. Atrás protesta com veemência a UJCml: “Os trotskistas querem levar os manifestantes aos bairros elegantes, onde vivem os burgueses, seus irmãos. Nosso lugar está entre os trabalhadores, nos bairros populares.” Os militantes da UJCml tratam de dividir o cortejo. Querem levar uma parte dos manifestantes para a Praça da Itália e para os subúrbios do sul. Não compreendem o significado político eminentemente subversivo que tem uma manifestação de extrema-esquerda nos



Campos Elíseos, a “via real” da burguesia. Para eles, esse desfile é uma concessão à classe dominante. Não compreendem que um percurso assim é um sacrilégio que unicamente autoriza certa relação de força, isso é precisamente o que se trata de confirmar. No campo das manifestações, a vida política francesa também é regida por um jogo de acordos táticos entre maioria e oposição. Às manifestações de esquerda lhes correspondem os “bairros populares” (Bastilla-República, Nación-Pére Lachaise), às manifestações de direita, as zonas burguesas (Campos Elíseos, praça de l’Etoile, etc...). Subir pelos Campos Elíseos cantando *A Internacional* e agitar bandeiras vermelhas no Arco do Triunfo tem a mesma significação que ocupar uma faculdade ou responder com energia as munições da polícia. Significa a negativa de seguir respeitando as regras do jogo institucional com que se mantém o sistema.

Durante um breve momento, a polêmica é viva entre os militantes da JCR, que voltaram para o final do cortejo, e os militantes da UJCml. Estes conseguiram, enfim, levar um grupo de algumas centenas de manifestantes, que dão as costas ao cortejo e vão pelo boulevard Port-Royal. Mas não demoramos em lançar um argumento certo: “Camaradas! Desde 1936, nenhum cortejo subiu pelos Campos Elíseos atrás de bandeiras vermelhas. Esta noite, *A Internacional* ressoará sobre a tumba do soldado desconhecido”. O cortejo rebelde volta outra vez para junto de nós. 50.000 manifestantes se dirigem até a margem direita.

A Grande Marcha (30 km!) da terça-feira, 7, ilustra perfeitamente a natureza do movimento de maio. O que surpreende é a maturidade política e a capacidade de iniciativa dos manifestantes. Que diferença com as procissões de passos lentos a que as burocracias operárias nos tinham acostumado! Nos cortejos do PCF as pessoas são passivas, sem energia, apáticas. Vão à manifestação como se fosse ao cinema, das 6 às 8. Vão às ruas pela tradição, porque ainda se faz isso. Por isso as manifestações têm esse ritual inosso e arcaico das cerimônias

nas quais já não se acredita. Nelas a ação direta, em todas as suas formas, já não é considerada o meio de vencer; ela é posta como suplementar nas batalhas parlamentares ou nas negociações no nível superior.

Recorrem “às ruas” suavemente para lembrar ao adversário que continuam sendo “representativos” e que têm tropas bem disciplinadas. Por isso seus cortejos têm essa lenta movimentação de gado que acaba de voltar do córrego. Nada disso aconteceu em maio. Os manifestantes contam com sua ação, e nada mais que ela, para conseguir que o poder dê o braço a torcer. A rua é seu principal campo de batalha. A manifestação não é um simulacro de ação de massas. Não é um formalismo, mas um instrumento real de combate. Por isso exige (e obtém) a participação ativa de todos a todo momento. As massas se fazem criadoras, responsáveis, exigentes. As melhores diretrizes de maio surgiram desses longos percursos, de peitos anônimos. O verdadeiro “serviço de organização” de maio quem faz é a massa de manifestantes. Os “serviços de organização” dos pequenos coletivos são perfeitamente incapazes de enquadrar um cortejo de 50.000 jovens. Os gestos de um serviço de organização de manifestação se aprendem logo. A formação em corrente, a linha de frente, a retaguarda, as correntes laterais, a transmissão das diretrizes, todas essas técnicas básicas difundidas pelos coletivos foram assimiladas com algumas demonstrações, e a massa estudantil as aplica “espontaneamente”. É bom lembrar a extraordinária mobilidade do cortejo; 50.000 manifestantes congregados no Campo de Marte puderam chegar à praça da Concórdia e aos Campos Elíseos pelo trajeto antes que as forças de segurança tivessem tido tempo de reagir.

A iniciativa das massas se manifesta finalmente no nível da autodisciplina que impõem a si. Os manifestantes negam a qualquer um o direito de desnaturalizar com sua atitude o sentido político da manifestação e reprimem “espontaneamente” todo ato de vandalismo, toda provocação suspeita, toda violência inútil.



Sob o Arco do Triunfo entoam A Internacional e içam a bandeira vermelha, com grande dor dos conservadores. Mas afastam aqueles que querem dar ao sacrilégio um tom mais obscuro... Assim acontece em um período pré-revolucionário. As massas, segundo dizia Lênin, se tornam irreconhecíveis, e não há arma tão terrível como sua iniciativa liberada.

Engrossado sem cessar por novos manifestantes, na praça de l'Etoile, o cortejo não pode ser dispersado. Nas suas filas há muitos operários jovens. Com o novo e longo percurso, os manifestantes voltam ao Bairro Latino. Nas ruas de Rennes e de Assas acontecem novos confrontos, nada comparáveis de todos os modos aos violentos enfrentamentos do dia anterior.

Quarta-feira, 8 de maio: primeira tentativa de recuperação

A jornada da quarta-feira, 8 de maio, deixa gosto amargo nos militantes. *L'Humanité* se esquece subitamente da sua prosa injuriosa, fulmina a polícia e louva os estudantes. Surpreendida pela amplitude do movimento, a direção do Partido Comunista está decidida a assumir o controle. Com essa perspectiva, está claro que a brincadeira resulta inoportuna.

Para a quarta-feira às 18h tinha sido prevista uma plenária intersindical na Faculdade de Ciências. Os militantes achavam que poderiam fazer um balanço dos 3 dias de luta. O movimento devia colocar em debate o problema da sua estruturação pela base e da sua tarefa de propaganda entre os operários. Nas negociações entre sindicatos, a direção nacional da UNEF representava o movimento estudantil. Muito conciliadora, a CGT conseguiu habilmente que fosse aceita a sua linha. Os representantes sindicais maquinaram uma reuniãozinha no estilo das suas mais rotineiras tradições. Deviam se expressar nela os representantes das centrais sindicais (UNEF, FEN – Federação da Educação Nacional -, SNE-sup, CFDT – Confederação Francesa Democrática do Trabalho -, CGT, FO – força operária), personalidades universitárias de primeiro plano (Kastler, Monod), representantes do movimento 22 de Março, CAL, etc.



Pela manhã, Alain Geismar anuncia: “Esta noite dormiremos na *Sorbonne*”. À noite, no pátio interior da Faculdade de Ciências, se vê imediatamente que o PCF se recompôs. Reuniu tropas novas ao pé da tribuna, e seus militantes organizam em grupos de quatro o controle da assembleia. Está em marcha a primeira “operação recuperação”. Os “porta-vozes oficiais” do movimento se deixaram enganar. Durante todo o dia, os aparelhos de rádio das periferias estiveram retransmitindo o chamado de Geismar. E a numerosa tropa que ia atuar se encontra submetida ao interminável zum-zum-zum dos discursos burocráticos. Para o cúmulo do desastre, é iniciada uma negociação telefônica entre autoridades universitários e prêmios Nobel. Os manifestantes são convidados a terem paciência até que sejam mostrados os resultados. Para mantê-los ocupados, ocorre uma nova rodada de intervenções insípidas.

Como era de se esperar, as conversas não têm resultado. Às 19h30min, a plenária se transforma em manifestação. Pequeno incidente significativo: a quase totalidade dos permanentes comunistas da Federação de Paris se colocam espontaneamente à cabeça do cortejo, atrás da fila dos secretários do sindicato. O serviço de organização da UNEF detém, então, a manifestação e exige a volta dos burocratas às filas. Intervém Sauvageot. 10 minutos depois de tergiversar, os permanentes obedecem e são aclamados.

Recorre, então, o cortejo um breve percurso e por volta das 20h chega à praça Edmond Rostand. Os CRS obstruem o boulevard Saint-Michel. Em nome da UNEF, Claude Chisseray, dirigente da FER, apresenta a diretriz de dispersão. Durante todo o mês de maio, essa iniciativa lhe deixará uma má fama. Uma enorme decepção se abateu sobre a multidão. A noite da quarta-feira, 8 de março, atua como um verdadeiro soco no estômago. Posteriormente, ninguém consegue explicar o catastrófico abatimento que se apodera dos manifestantes. Os militantes têm a impressão de que tudo acabou. Aos seus olhos, o movimento



acaba de sofrer uma derrota irreversível. Os aparatos sindicais o venceram. Depois de algumas inconveniências, vestiu a camisa de força das ações rotineiras. Voltou às formas integradas de luta. De novo parece escapar das massas dos estudantes, que já não reconhecem nele sua rebelião. Muito avançada a noite, centenas de manifestantes espalhados por todo o Bairro Latino em pequenos grupos de discussão ruminam sua amargura.

As declarações pessimistas de então eram sem dúvida excessivas. Muitos militantes aterrorizavam sua própria decepção. O movimento era muito profundo e muito vigoroso para se deixar afundar por aquela única manobra.

Mas, se naquele momento, levando em consideração a moderação estudantil, o poder tivesse cedido, é provável que os acontecimentos teriam seguido rumo muito diferente.

Felizmente, não cedeu. Peyrefitte não aproveitou a ajuda que lhe ofereciam os 'processionários' da quarta-feira. Não teve "o grande gesto de apaziguamento" que teria confirmado a desescalada. Acreditou que ia sair do apuro prometendo a imediata reabertura das faculdades. E ainda ia acompanhada a promessa por condições que a faziam análoga a uma capitulação sem quê nem porquê do movimento estudantil. Ao fazer isso, o ministro tirava sua força da manobra conciliatória dos burocratas sindicais. "O caminho da conciliação não terá êxito. A única arma que nos resta é a ação direta." Essa foi a conclusão a que chegaram milhares de estudantes indecisos. 24 horas de reflexão: "Cortem a cabeça dos seus inimigos..."

No espaço de uma noite se dissiparam os vapores da amargura. A quinta-feira, 9 de maio, desde as 10h, reinava viva a agitação no Bairro Latino. Os estudantes queriam compreender o que havia acontecido e como poderiam voltar a pôr o movimento em marcha. Tomam os panfletos às mãos, se juntam diante dos cartazes. Em todas as esquinas se formam grupos de discussão. Atraídos pelo anúncio da reabertura das faculdades, os estudantes comparecem em massa. A aglomeração maior está na praça da Sorbonne,



frente a um duplo cordão de guardas móveis. Espontaneamente começa a discussão. Às 14h surgem na rua Monsieur-Le-Prince, com os alto-falantes a tiracolo, Geismar, Sauvageot, Cohn-Bendit; este, em plena forma, toma a direção das operações. Daniel Cohn-Bendit é o que se chama um agitador nato. Peito forte, voz sonora, extraordinária presença física. Sabe como ninguém agrupar as massas e unir todas as partículas solitárias para formar uma coletividade operante. Tem sentido muito aguçado da provocação. Era possível inclusive dizer que examina todos os problemas sob o ângulo da provocação possível. No entanto, não é esse frenético e inflamado indivíduo que a imprensa traçou. Como Rudi Dutschke, Dany faz da provocação não a expressão dos seus complexos personagens, mas um instrumento político puro e temível. A provocação deve tirar o que é sagrado das categorias e das funções. É um laço lançado à autoridade e à hierarquia, que com suas reações revelam sua natureza opressiva, ao mesmo tempo em que se cobrem do ridículo. É uma arma incrível de crítica social e de educação das massas.

De todas as “figuras de maio”, sem dúvida Cohn-Bendit é a única de envergadura. Ele foi o primeiro a aproveitar os ensinamentos da experiência alemã. Sua ambição era criar uma SUS francesa. O Movimento 22 de Março, fundado pelos anarquistas e pela JCR, representava a primeira etapa da sua criação. Durante toda aquela semana de batalha, desempenhou um papel primordial, e principalmente na quinta-feira, 9, e na sexta-feira, 10 de maio, nas barricadas. Dominava perfeitamente os dados políticos do combate iniciado. Em todo aquele período, trabalhamos mão a mão.

“Queremos nos reunir para tirar o balanço da nossa ação e examinar o que poderíamos fazer em seguida”, diz Cohn-Bendit, “Nos dói muito ter de obstaculizar a circulação; desejamos vividamente discutir juntos no pátio da *Sorbonne*. Mas a polícia não nos deixa entrar. Por isso eu declaro este lugar uma grande sala de aula e lhes convido a se instalarem na calçada. Quem pede a palavra?”



Durante quatro horas esse teach-in se desenvolve diante de uma assembleia de milhares de estudantes convocados pela rádio. Como era de se esperar, o debate começa pelos acontecimentos do dia anterior. Geismar e Sauvageot fazem sua autocrítica. Chisseray tenta justificar sua chamada à dispersão. O ruim para ele é que ele acredita que se dirige a uma assembleia geral da UNEF e comete algumas impertinências. A partir desse momento, e apesar das vozes de Cohn-Bendit, já não poderá pronunciar uma só palavra. Decididamente, a massa estudantil já não é a mesma. A multidão se tornou consciente e ativa. Já não se deixa manipular. A ninguém concede o direito de aborrecê-la, insultá-la, louvá-la. Já não engole sentada, tão formal, as frases demagógicas dos oradores que a tomam como um rebanho. Intervém, contradiz, interrompe. Acabaram-se as reuniõezinhas mansas. Cada um está submetido agora à autocensura das massas.

Depois de Chisseray, Aragon sentirá isso dolorosamente. O PCF enviou o velho poeta para abrandar os estudantes. Não é o melhor embaixador possível? Há algum tempo Aragon tem fama de liberal. Quem não se lembra do seu “valente protesto” no caso de Siniavski e Daniel? Suas posições deveriam ser estimadas pelos estudantes. Veio levar-lhes uma mensagem de amizade. Sua presença deve selar a reconciliação do movimento estudantil com o partido comunista.

Mas já passou o tempo em que alguém saía do apuro com uma pirueta. Expressando a vontade da base, Dany pede tranquilamente explicações sobre a atitude do PCF quanto ao movimento. Ou Aragon não está de acordo com ela – e então deve dizê-lo – ou sim está – e então deve defendê-la publicamente. O velho começa a discursar, para sair pela tangente, arrancando vaias da multidão. “Cortem a cabeça dos seus inimigos”, dizia Trotsky, “não para ter inimigos sem cabeça, mas para mostrar ao mundo o quão vazias estavam.” Assim foi feito.

Às 17h começam as provocações da polícia. Comboios de guardas móveis sobem e descem o boulevard. Ao redor da plenária,



os cordões da polícia são reforçados. Um rumor de ameaça surge entre as pessoas. “Informamos aos senhores oficiais que hoje não brigamos”, grita Cohn-Bendit, “É inútil nos provocar, porque não responderemos. Hoje vamos estudar o que faremos. Amanhã nos encontraremos como de costume, às 18h30min, em Denfert-Rochereau.”.

Plenária da JCR (Juventude Comunista Revolucionária) na Mutualité

À noite, a JCR se reúne na grande sala da Mutualité. Essa reunião está prevista já há algum tempo e tem um título profético: “A juventude, da Rebeldia à Revolução”. Os dirigentes dos movimentos estudantis dos principais países europeus devem tomar palavra nela. Daniel Cohn-Bendit propõe à JCR que abra sua plenária para todo o movimento e, depois das intervenções dos oradores anunciados, poderiam continuar e terminar os debates iniciados no boulevard Saint-Michel. Aceitamos a proposta.

Apresentada com um discurso de Alain Krivine, a plenária do dia 7 de maio teve papel principal no amadurecimento político do movimento. Escutando os informes dos delegados belgas, holandeses, italianos, espanhóis, alemães, os 4 ou 5 mil estudantes franceses, amontoados na sala, onde não cabe um alfinete, tomam consciência da dimensão internacional da sua luta. Ernest Mandel apresenta uma notável análise da rebelião estudantil nos centros imperialistas, fundada em uma nova apreciação do lugar que ocupa a força de trabalho intelectual no processo de produção. Enfim, todos os componentes do movimento estudantil expõem amplamente seu modo de ver o estado atual da luta e as perspectivas de futuro.

Daniel Bensaid, cofundador do 22 de Março, toma a palavra em nome da JCR. Expõe nossa análise do lugar que o movimento ocupa na luta de classes e insiste no problema da união com a classe operária e da ampliação da frente de luta. Fazendo o balanço da experiência do 22 de Março, convida todos os grupos



de vanguarda a integrar o movimento. É preciso que os pequenos coletivos compreendam que o desenvolvimento da vanguarda depende da amplitude do movimento de massas e que, portanto, devem se empenhar em assegurar sua expansão. Não se trata de se fundir simplesmente ao movimento e desaparecer nele. Trata-se de abandonar a atitude de impor sua marca e seu selo em todas as ocasiões possíveis e ainda impossíveis às custas do movimento de massas. O 22 de Março demonstrou que os militantes que chegam de horizontes políticos diversos podem se entender sobre certo modo de ação, para além das suas divergências políticas. Não há vanguarda autoproclamada. O movimento presente é a prova da verdade, e cada um será julgado segundo os seus méritos. Já se verá quem são os revolucionários “de araque” e quem são os militantes de vanguarda.

De imediato, é preciso organizar o movimento em comitês de base abertos a todos os militantes. Os comitês se encarregarão da tarefa de propaganda política entre a população. Quando as universidades abrirem de novo, instalaremos nelas a “Universidade Crítica”, que não é uma ilhota de socialismo na sociedade, mas uma “base vermelha” de onde o movimento estudantil partirá para a conquista da vanguarda operária.

Daniel Cohn-Bendit, copresidente da plenária, abre o debate e se declara de acordo com Bensaid “salvo na questão do partido revolucionário”. Voltando em grande parte ao tema da integração no movimento de massas, pede aos pequenos coletivos que rejeitem o espírito de capelinha, no qual vê o ressurgimento das tradições estalinistas próprias do movimento comunista francês. Cabe ao movimento único de massas reunir na ação todos os grupos situados à esquerda do PCF. Esse movimento se organizaria na base, em comissões e comitês que elaborariam soberanamente sua linha de intervenção. O movimento 22 de Março tem a intenção de reocupar Nanterre na sexta-feira de manhã. A Universidade deve estar bloqueada enquanto um só militante, operário ou estudante, francês ou estrangeiro, continue preso.

Um dirigente da UJCml toma, em seguida, a palavra: “Clamam alguns que a *Sorbonne* deve ser para os estudantes”, diz, “Não é uma diretriz acertada. Nós dizemos que a *Sorbonne* deve ser para os trabalhadores. E inclusive vamos mais longe. Há quem pretende livrar a *Sorbonne* dos guardas móveis. Para nós, não é fundamental esse objetivo. Há um subúrbio operário, em Saint-Ouen, grandes quartéis de guardas móveis. Estamos dispostos a deixar a *Sorbonne* para os guardas móveis e transportar a Faculdade de Letras para seus edifícios em Saint-Ouen. Para nós, a *Sorbonne* não é mais que um monte de pedras velhas, e a Faculdade de Letras estaria melhor em Saint-Ouen que no miolo da Paris burguesa.”

Nessa inconveniência está toda a incompreensão da UJCml da política. Não, no dia 9 de maio a *Sorbonne* não é um simples “monte de pedras”, ocupado provisoriamente pelos guardas móveis. É um símbolo político que tende a se converter no ponto de referência das lutas de classes na França. Essa *Sorbonne* ocupada pela polícia simboliza toda a opressão que é a essência das relações sociais na sociedade capitalista. É o que está em jogo nessa batalha em que o poder está a cada dia mais isolado e desacreditado. Não, não é um erro gritar “A *Sorbonne* para os estudantes” e lutar com o paralelepípedo em mãos para expulsar as forças de segurança. Militarmente, é uma batalha sem perspectivas. Mas não se trata de uma batalha militar. Trata-se de uma batalha política. E politicamente, o desafio apresentado ao poder tem um valor exemplar, cujo alcance, no estado de tensão extrema em que se encontra a sociedade francesa, pode ser considerável. A *Sorbonne* é um “monte de pedras” para os filhos culpabilizados da grande burguesia. Para a massa dos trabalhadores, é um santuário inviolável. Por isso, sua ocupação pela polícia nos parece uma agressão escandalosa; a réplica estudantil, um valente ato de legítima defesa.

O responsável da UJCml faz, em seguida, o inventário dos perigos que cercam o movimento. Em ordem decrescente,



está primeiro a social-democracia, com os trotskistas e suas marionetes, a direção nacional da UNEF, e depois as “teorias pantanosas” de Marcuse e Mandel, fraternalmente amalgamadas. A UJCml, longe de reduzir o movimento estudantil ao papel de força suplementar da classe operária, tem mais do que nunca a intenção de se colocar “a serviço do povo”. Porque se conhece o militante revolucionário pela sua capacidade de se conectar aos trabalhadores. E a intervenção acaba como havia começado: convocando o presidente Mao para uma reunião.

Christian de Bresson, secretário geral da FER, lhe sucede na tribuna. Preconiza a greve geral e a manifestação central da juventude, que deve assumir as direções sindicais. Para tal fim, convém criar em cada faculdade comitês de greve, federados em um comitê central de greve que dirija as operações. É preciso trabalhar pela continuidade da Organização Revolucionária da Juventude e, para isso, participar em massa da concentração de 3.500 jovens ao final de junho da Mutualité.

Para começar, o representante do PCMLF diz o contrário do seu colega da UJCml. Primeiramente rejeita a reunião com o presidente Mao, que para o outro parecia tão oportuna, e propõe outra que ele acha mais adequada. Em seguida, ironiza a diretriz de “servir ao povo”, própria de pequenos-burgueses apaixonados pelas mãos com calos, e assegura que os operários “marxistas-leninistas” se colocam, em contrapartida, a serviço dos estudantes. Desde segunda-feira, os operários do PCMLF fazem chamadas para se unirem aos estudantes nas ruas e aceitam estar em todos os combates. Também rejeita todo sectarismo: “Diante dos policiais, pouco me importa saber quem é trotskista, anarquista ou ‘marxista-leninista’”, proclama.

Depois intervém Jean-Louis Péninou, animador do MAU. “Felizmente para nós”, diz, “o governo não retrocedeu esta noite; porque nesse caso nós também retrocederíamos. Apesar da sua extraordinária capacidade de luta, o movimento deixou ver até que ponto era vulnerável. Enquanto não estivermos bem



organizados, serão possíveis todas as recuperações e todos os compromissos aceitos em nosso nome. Não necessitamos de um Comitê Central de Greve; nas condições atuais compete à UNEF e à SNE-sup fazerem o papel de porta-voz e de centro coordenador do movimento. O que nos faz falta são comitês na base para organizar a unidade da base, na ação e sobretudo para a ação.” As discussões vão até a uma da manhã.

Desses debates, se depreende uma atitude comum que, no plano político, se define pela vontade de seguir até o fim medindo-se com o poder, com a esperança de abrir uma crise de importância na sociedade política francesa. No plano da organização, essa atitude se define pelo respeito à autonomia do movimento de massas, que não se trata de cobrir nem de encher de células próprias, mas de organizar na base temas de oposição radical à Universidade e dentro da linha já aplicada em Nanterre: “Da oposição à Universidade à oposição à sociedade burguesa.”

Nesses debates se afirma também a direção de fato do movimento: o 22 de Março, a JCR, o MAU, os ESU da direção nacional da UNEF, o SNE-sup. E, inversamente, a FER, por uma parte, e a UJCml, por outra, parecem cada vez mais corpos estranhos. Para a FER, o divórcio é definitivo. A partir de 10 de maio fará, conseqüentemente, o papel de catalisador político dos discentes. Quanto à UJCml, menos comprometida, conseguirá se reintegrar ao trem em marcha a partir do dia 15 de maio, quando o centro de gravidade das lutas, depois de o movimento estudantil haver desempenhado seu papel, passar da Universidade para as fábricas.

... E lutar

Se por culpa de “porta-vozes” muito independentes o movimento estudantil sofreu um grave retrocesso na quarta-feira, 8 de maio, na sexta-feira, 10, a situação se restabeleceu em grande parte. Era possível pensar tranquilamente em passar para uma fase superior do enfrentamento com o poder. A jornada



do dia 9 permitiu efetuar a preparação política necessária. E, o mais importante, o ministro acaba de cometer uma nova série de erros enormes. Seus rodeios acerca da reabertura das faculdades agravam consideravelmente sua causa. A opinião pública julga severamente sua atitude. Depois da procissão do dia 8, em geral se esperava um “ato de boa vontade”, que chegou na forma de promessa... não cumprida, e de renovado vigor em condenar o movimento. “Se era para provocar, não poderia fazer melhor”, comprova o editorial de *Combat* (10/05/68). “Será necessário que haja muitas vítimas por consequência de batalhas para que o governo modifique sua posição?”, pergunta *Le Monde* (10/05/68). Novamente o movimento estudantil se encontra em estado de legítima defesa. O ministro obstruiu todo o caminho que não fosse o do enfrentamento. E os dirigentes estudantis sabem agora que podem fazê-lo cair.

Ao meio-dia, esperam uma delegação do SNE-sup e da UNEF na sede da CGT. Os sindicatos querem organizar uma manifestação comum. Foram os representantes das organizações estudantis que prepararam esse encontro e a manifestação das 18h30min.

É evidente que a data oportuna para a jornada de ação intersindical é a segunda-feira, 13 de maio de 1968. Se há manifestação, será necessário passar pelo Bairro Latino. O movimento estudantil virá com suas próprias diretrizes e suas bandeirolas e assegurará “paritariamente” a tarefa de organização.

Nas primeiras horas da tarde, começam as negociações. A CGT rejeita obstinadamente a data do dia 13 de maio, que julga muito política. A quarta-feira, 14, será o dia marcado. As modalidades concretas de organização serão determinadas depois. Um chamado da UNEF, do SNE-sup, da FEN da CGT e da CFDT é publicado em centenas de milhares de exemplares.

A manifestação de Denfert põe em debate, por sua vez, problemas espinhosos. Politicamente, cada um sabe que chegou o momento de dobrar os esforços. O ministro recriminou duramente todas as pessoas sensatas da França. O movimento



estudantil pode voltar à ofensiva. Mas como? As propostas são discutidas: marchar até a Santé; mas é um caminho um tanto curto e para fazer o quê? Tomar de assalto a prefeitura, para ressuscitar o espectro da Comuna na consciência operária; mas tecnicamente não é tão fácil. Além disso, seria dar muita importância aos vereadores de Paris. Ir ao ORTF (Direção Rádio-Televisão Francesa), mas isso só serviria se se esperasse algum debate, o que implica preparação. Fazer um escracho no Ministério da Justiça, situado à praça Vendôme, risco que vale a pena. Seria atingir o alvo certo e pôr o governo entre a cruz e a espada. Finalmente, esse é o projeto adotado.

Durante o dia, milhares de estudantes secundaristas se manifestam em vários cortejos que atravessam a cidade. Às 17h se encontram na praça Denfert, onde os CAL fazem uma plenária. Desde as 16h30min já eram 7.000.

Às 18h30min, a praça está lotada. Em pé, em cima do leão de Belfort, Cohn-Bendit começa um debate à alemã sobre os objetivos e o percurso da manifestação. Os guardas móveis obstruíram as pontes. Não se pode ir diretamente à margem direita. O que fazer? Aonde ir? Os líderes estudantis vão ao microfone. Essa confrontação pública em que só se podem fazer ouvir os que têm alto-falante é uma paródia da democracia direta. O mau humor toma conta dos manifestantes. Finalmente, o cortejo se põe em marcha em direção à Santé. Ao passar o cortejo, dezenas de lenços se agitam nas janelas das celas. Os manifestantes param para cantar A Internacional e seguem até o Ministério da Justiça. O acesso às pontes está obstruído. As forças de segurança desviam o cortejo para o Bairro Latino. Às 20h30min passamos diante do palácio da Mutualité, onde a FER realiza uma plenária. Amontoados nos degraus do primeiro andar, os risonhos militantes veem passar o imenso cortejo. “O poder está na rua”, soltam alguns engraçadinhos... Às 21h, o cortejo sobe o boulevard Saint-Michel. A polícia obstrui o perímetro da Sorbonne. Até a praça Denfert o caminho está ostensivamente



livre. Mas não se trata de voltar atrás. A manifestação se detém à altura do Luxemburgo. À frente, os responsáveis pelo movimento se perguntam qual será a continuação das operações. A solução é dada por Cohn-Bendit, que propõe ocupar o Bairro Latino, toda noite se necessário, até que todas as nossas reivindicações sejam recebidas. Propõe dividir o cortejo em múltiplos grupos de discussão dispostos ao redor da barreira policial. Aprovamos a perspectiva e soltamos a diretriz: “Sitiemos os sitiadores”. Os manifestantes se separam em grupos compactos e se colocam diante de cada cordão policial. Os militantes vão de grupo em grupo explicando o significado da ocupação:

O poder está em apuros, e esta noite podemos ganhar. Não voltaremos a nossas casas. Manifestemos até o fim. Não nos dispersemos sem sentença favorável. Assim exerceremos uma pressão direta sobre o governo. Agora, o poder tem a palavra. No Bairro Latino, 30.000 estudantes rodeiam a *Sorbonne*. Esperam a supressão das sanções e a saída das forças de segurança. O poder deve se pronunciar em função dessa situação nova, símbolo da luta que temos empenhado com o poder já há uma semana. Mas terá de se pronunciar imediatamente, e ao fundo. Não deixaremos mais espaço para tergiversar: se cede, vamos embora. Se não, ficamos. Se ataca, nos defendemos. Que isso fique muito claro. Por isso fica dada a ordem de desempedrar os paralelepípedos: em caso de ataque surpresa, temos que ter com o que responder... Ao mesmo tempo, há a ordem de não provocar nem reagir às provocações menores. Nossa tática não implica de nenhum modo o confronto a todo custo. 30.000 estudantes bloqueiam o coração de Paris. Essa “manifestação ilimitada” é um meio suficiente de pressão. Mas nossa tática pressupõe estar dispostos a aguentar, ou seja, decididos a responder. Isso é o que significa desempedrar.

Essas perspectivas não agradam a todos. Os manifestantes do PCF, principalmente, vão proclamando por todas as partes que faz tempo foi dada a ordem de dispersão. Em alguns lugares se



opõem fisicamente que tirem os paralelepípedos. Há confrontos. E finalmente, os “comunistas” voltam para casa.

Significação das barricadas

Nesse momento, por volta das 21h30min, surge, não se sabe de onde, a verdadeira ação genial.

À espera de um possível encontro, os militantes amontoam os paralelepípedos na rua. Levando muito a sério a ideia de um “assédio”, alguns transformam essas reservas em munições de verdadeiras barricadas. Retrospectivamente, falou-se que houve barricadas desde o dia 3 de maio. Na realidade, as primeiras barricadas de verdade aparecem na noite do dia 10 para o dia 11 de maio. Até então, se enchiam as calçadas com todo tipo de obstáculos para bloquear a circulação, e se dispunham os carros em zig-zag para enfraquecer as munições da polícia. Jamais haviam sido construídas verdadeiras barricadas, de 2m de altura e defendidas por umas centenas de militantes bem decididos.

A ideia das barricadas foi uma dessas ideias inesperadas geniais que abundam nas massas em tempos de revolução. Repitamos que militarmente não valiam muita coisa. Os estudantes que construíram o campo fortificado da rua de Gay-Lussac eram uns pobres “técnicos da guerrilha urbana”. Eram umas barricadas sem pé nem cabeça. Atravessavam várias vezes de lado a lado uma mesma rua e dificultavam a mobilidade dos manifestantes. Uma delas inclusive obstruída uma rua sem saída.

Mas politicamente era uma ideia magnífica. Para o proletariado francês, a barricada era um símbolo cheio de reminiscências e ressuscita todo um passado de luta sem desfalecimento que enche os operários de nostalgia. Evoca espectros de 1848 e da Comuna, o mito da greve geral insurrecional e de ação direta, todas as façanhas da classe operária francesa, profundamente cravadas na sua consciência coletiva e saudosamente vivas na sua lembrança. Por trás das nossas barricadas tratávamos de imaginar as reações dos trabalhadores que escutavam nos seus rádios: “Ao redor da



Sorbonne, os estudantes retiram os paralelepípedos e constroem barricadas... Verdadeiras barricadas, algumas delas já com vários metros de altura, surgem no Bairro Latino... O Bairro Latino se enche de barricadas... Os manifestantes arrancam as pedras com picareta... Em Paris já há um bairro insurgente... Não parece que as forças de segurança podem desocupar o centro da capital sem combates violentos... Várias barricadas parecem verdadeiramente intransponíveis... Dá a impressão que se vive em plena Comuna...”

Por outra parte, as barricadas multiplicam o vigor da pressão estudantil e sublinha a determinação dos manifestantes. “Materializam” sua vontade de ocupar o bairro custe o que custar, e fazem essa ocupação muito mais explosiva e embaraçosa. Dão aos estudantes uma carta principal para medir suas forças com o poder, que está mais do que nunca entre a cruz e a espada. Já não pode encontrar subterfúgios. Não há um terceiro caminho. Tem de escolher e já. Agora, por qualquer lado que olhe, a escolha será difícil. Se o poder cede, terá cedido à pressão das ruas. E mais: à insurreição. As barricadas multiplicam o custo político. As concessões do poder revelarão sua fraqueza frente às forças extremas de ação direta. Então, corre-se o enorme perigo de que outros imitem o movimento estudantil, de que outras categorias sociais aproveitem essas novas formas de luta, cuja eficácia todo mundo terá presenciado. Mas, se não cede, o poder terá que bater forte. Não pode tolerar que no coração de Paris surja um centro insurrecional. Tem de tirar as barricadas, tomar de assalto o imenso campo fortificado, fazer frente a milhares de jovens, estudantes universitários e secundaristas, operários etc., dispostos a resistir. Deverá aceitar a responsabilidade de desencadear as mais violentas batalhas de rua que aconteceram em Paris desde a Liberação. Terá de arriscar deixar centenas de feridos, talvez mortos. Mas a opinião pública está com os estudantes. Quais serão as reações a esse novo banho de sangue?

Esse é o dilema que o movimento estudantil acaba de colocar ao poder. Ou cede em toda a linha, e, ao fazê-lo, revela sua

fraqueza real frente à ação direta, ou dá outro passo na escalada da repressão e levanta contra si quase a totalidade da população.

O governo caiu em uma armadilha. Faça o que faça, será uma catástrofe. Um vento de pânico bate nos altos escalões. As autoridades não sabem o que decidir e procuram uma solução milagrosa para evitar o enfrentamento que temem e a capitulação que não querem. Por instruções ministeriais, o reitor Roche convida os representantes sindicais para ir à Sorbonne “para ver em quais condições poderiam voltar a funcionar os cursos”. Ridícula insinuação. Faz tempo que esse tipo de concessões não corresponde mais às necessidades do momento. O que os manifestantes exigem é um compromisso sério, em que se estipule a libertação de todos os presos. Em nome dos representantes, Alain Geismar rejeita esse compromisso fraco. Em seguida se trava uma negociação radiofônica em público entre o reitor Chalin, emissário do governo, e Alain Geismar, porta-voz dos “insurgentes”.

Para Geismar, a primeira medida é o fim das sanções, e sugere ao reitor a ideia de que convença o ministro do Interior. O reitor aceita e marca a reunião para “dentro de dez minutos”. Depois de uma hora, sai com uma negativa, e os estudantes reforçam as barricadas.

À meia-noite começa o balé dos ministros. Louis Joxe, ministro da Justiça e primeiro-ministro interino, convoca uma conferência com Jacques Foccart, Peyrefitte, Michel Debré. Juntos, vão ver Christian Foucher, principal da polícia, e comentam um informe de Grimaud, prefeito da polícia de Paris.

Presos nas nossas redes, as autoridades se debatem e se põem nervosas. Mas a rede está muito bem-feita e aguenta. Será necessário escolher entre a agressão massiva e a capitulação total. Os senhores ministros são gente de segurança, e sua propensão natural os incita à repressão. Depois do espetáculo da sua confusão, decidem acabar com as barricadas.

Não insistiremos na batalha, da qual há muitos relatos e



testemunhos. A resistência dos jovens estudantes e operários foi valorosa e tenaz. Contrariando o que se esperava, aguentaram até o amanhecer. Mas aquela noite se distinguiu pela extraordinária capacidade de iniciativa e de autodireção de que se pode orgulhar, mais do que nunca, a massa revolucionária. Em cada fase da luta surgiam da multidão militantes anônimos que realizavam perfeitamente as tarefas do momento.

Quem eram esses milhares de manifestantes que resistiram aos CRS até o amanhecer?

Na sua maior parte, tratava-se de militantes “não organizados”, simpatizantes da ação política por não quererem se render aos representantes do poder. A impetuosidade, o entusiasmo, o engenho desses combatentes inexperientes deram às jornadas de maio um caráter audaz e criativo, que as distingue das lutas anteriores. Além disso, nos pontos de maior perigo, estavam quase a totalidade dos militantes do 22 de Março e da JCR, de Voix Ouvrière, do PCMLF, do MAU, dos ESU e dos grupos anarquistas.

Perto da meia-noite havia chegado a FER, que saía da sua plenária, com as bandeiras vermelhas à frente. Ao passar, os estudantes aclamavam esse novo reforço. Infelizmente, não eram reforços o que chegava. À altura das primeiras barricadas, Claude Chisseray toma a palavra. Para espanto geral, o dirigente da FER exorta os manifestantes a saírem dali. Denuncia os “pequeno-burgueses” que se dedicam à jardinagem na rua de Gay-Lussac. Condena a operação barricada, que seria um gesto desesperado de pequeno-burgueses indignados. É o remate da política aventureira que dirigentes despreparados preconizam já há uma semana. Para a FER, não há mais de um caminho, que é obrigar as diretivas operárias que organizem uma resposta unida nas ruas. Daí sairia uma só diretriz: “Na segunda-feira, 500.000 estudantes e operários ao Bairro Latino.” Os que se esforçam em isolar o movimento estudantil da classe operária terá frente a história a responsabilidade da matança. Dito isso, os militantes da FER dão meia-volta e voltam para suas camas quentinhas.



A UJCml condena também os “trotskistas e anarquistas” que levam o movimento à carnificina. Sua direção política deu ordem de não participar da batalha. Os militantes da UJCml se limitaram a assegurar a defesa das suas “bases vermelhas”, as escolas normais superiores. E as centenas de milhares de militantes que formavam o último quarteirão da rua Gay-Lussac se lembraram com certa amargura da sua recepção na rua de Ulm. Quando, perseguidos pela polícia, foram buscar refúgio, cansados, sem fôlego, na ENS, os ml os receberam, descansados e corados, lhes explicaram tranquilamente que a partir de então eles se encarregariam de dirigir as operações e lhes rogaram que deixassem suas “armas”. Detalhe horrível, alguns tiveram a indecência até de abrir uma banca de literatura e ir vendendo *Servir le peuple* de quatro em quatro.

O sectarismo é ainda mais cego que o amor. A UJCml e a FER não entendem que, nessa noite do dia 10 ao 11 de maio, o que estava em jogo era o destino do regime.

Às 6 da manhã, Daniel Cohn-Bendit dá a ordem de dispersão, estigmatiza as violências da polícia e pede às centrais sindicais e aos partidos democráticos que organizem uma grande manifestação em Paris na segunda-feira, 13 de maio. Nenhuma organização “de esquerda” poderá fugir dessa tarefa. Milhões de franceses estiveram toda a noite atentos aos relatos dos combates. A opinião ficou profundamente sacudida. As estações de rádio periféricas soltam uma enxurrada de comunicados em que condenam a atitude do poder.

O movimento estudantil acaba de conseguir uma brilhante vitória. Com sua ação exemplar isolou o governo, conquistou a opinião pública e obrigou os sindicatos e os partidos operários a lutar. À noite, a vitória é um grande triunfo. Às 21h35min, Georges Pompidou, primeiro-ministro, de volta do Afeganistão, solenemente recebe as reivindicações estudantis. Na segunda-feira, as faculdades voltam a abrir e “o tribunal de apelação poderá, de acordo com a lei, decidir sobre as petições de liberação



apresentadas pelos estudantes condenados”.

Pela primeira vez em dez anos, a ação das massas vence o forte Estado gaullista. Umas dezenas de milhares de estudantes secundaristas e universitários e de operários jovens acabam de inflingir a ele sua primeira e dolorosa derrota. Essa façanha modifica profundamente o equilíbrio político. Algo essencial acaba de partir o coração do regime.







A LUTA ABERTA DAS RUAS







“É necessário começar um novo maio de 68”

Entrevista com Alain Krivine

Israel Dutra¹ e João Machado²

Alain Krivine foi um dos líderes do movimento de maio de 1968 na França. Na época tinha 27 anos e era um dos dirigentes da JCR (Juventude Comunista Revolucionária), organização formada dois anos antes por militantes excluídos do PCF (Partido Comunista Francês) e da União dos Estudantes Comunistas.

A radicalização de uma parte da juventude comunista, em torno de temas como a oposição à guerra da Argélia (ou seja, a oposição ao imperialismo de seu próprio país), a solidariedade à luta do povo vietnamita, e a crítica à burocratização do PCF, foi parte do processo de radicalização da juventude que desembocou em maio de 1968.

Ainda como militante do PCF, Krivine havia se tornado militante da IV Internacional. A JCR tinha cerca de 300 militantes antes de maio, e teve um rápido crescimento a partir daí.

Por sua atividade militante, Krivine foi preso em julho de 1968, e libertado alguns meses depois. Em 1969, foi um dos fundadores da Liga Comunista (que unificou os militantes da JCR com os militantes “adultos” da IV Internacional). A LC foi dissolvida em 1973 pelo Estado francês e recriada em 1974, com o nome de Liga Comunista Revolucionária.

A LCR foi por várias décadas uma das principais organizações da IV Internacional (e da extrema-esquerda em geral), e Krivine um de seus principais dirigentes. Foi candidato a presidente da França por duas vezes (em 1969 e 1974); eleito deputado no Parlamento Europeu em 1999, exerceu seu mandato de 5 anos.

Em 2009, a LCR se autodissolveu para impulsionar a criação do Novo Partido Anticapitalista (NPA).

¹ Dirigente nacional do MES e Secretário de Relações Internacionais do PSOL

² Dirigente da Comuna/PSOL e da IV Internacional.



Krivine publicou uma autobiografia em 2006, à qual deu o título irônico de *Ça te passera avec l'âge*, que podemos traduzir por “Isso vai passar com a idade”. Para ele, “isso” – a convicção revolucionária, a dedicação da vida à militância comunista, o internacionalismo, a solidariedade a toda a humanidade, a confiança na construção de uma sociedade livre de toda exploração e opressão – não passou nunca.

No Congresso da IV Internacional de 2018, Krivine foi convidado a fazer o discurso de abertura, com o tema “50 anos de maio de 1968”. A seguir, apresentamos a entrevista com ele realizada nessa oportunidade.

Hoje em dia, há um debate não apenas na França, mas em todo o mundo, sobre a relevância e os impactos do Maio Francês na História. Por favor, fale-nos sobre o seu ponto de vista nesta questão.

AK – Eu acredito que este acontecimento tenha deixado um legado mais do que positivo, uma vez que representa algo tão essencial que é uma enorme explosão social como conhecemos na França e na maioria dos países do mundo. Mesmo que na França e na Itália tenham sido exceções, pela ligação mais ou menos forte entre estudantes e trabalhadores, enquanto em outros lugares o que houve foi essencialmente uma explosão da juventude e dos estudantes. Este acontecimento primeiramente mostrou que uma grande explosão social anticapitalista sempre é possível; em segundo lugar, quando ocorre uma explosão social e um movimento tão grande quanto esse (havia 10 milhões de grevistas com bandeiras vermelhas nas ruas da França), as pessoas se tornam, como dizia Trotsky, cotidianamente irreconhecíveis. Assim, essa revolução cultural, sexual e artística desafiou muitas coisas. Mesmo que muito dela não tenha durado e mesmo que todos os novos movimentos sociais que conhecemos hoje não tenham nascido em 68 (mas depois de 68 e graças a 68). Nós temos a ideia de que uma explosão social ainda é possível.



Para mim, hoje, o anticapitalismo está mais forte. Eu creio que o título do artigo escrito pelo redator-chefe do *Le Monde* à época, semanas antes da eclosão da greve geral, “A França está entediada...”, diz que tudo é possível. Em todo caso, é necessário começar de novo um novo maio de 68, mas em outras condições e que desta vez ocorra em todas as frentes, o que não foi o caso daquela explosão.

No tocante ao início da rebelião, conte-nos um pouco dos fatores que concorreram para que aquele Maio se tornasse um capítulo incontornável do século XX. Como foram os antecedentes imediatos e as primeiras movimentações que culminariam num evento global?

AK – Eu acho que começou com a soma de dois fenômenos diferentes: um fenômeno que dizia respeito chegada de novos estudantes nas universidades da França e em todo o mundo; e outro fenômeno de questionamento à universidade burguesa, tal como ela existia com seus cursos tradicionais, algo que não era mais aceitável pela chegada de dezenas de milhares de novos estudantes – advindos não das camadas populares, mas das camadas médias – às universidades ao redor do mundo, estas que não eram mais reservadas às camadas altas da sociedade. Portanto, um questionamento da universidade burguesa, um questionamento de sua composição. Além disso, houve uma politização enorme dos jovens na França e no Mundo inteiro, dos jovens, mas não só dos jovens, por ocasião da guerra do Vietnã e pela manifestação em Berlim em fevereiro de 68 junto com o líder socialista alemão – que posteriormente seria baleado – Rudi Dutschke. Tal fato na Alemanha, em fevereiro de 1968, nos serviria de treino quando mais à frente quando foi convocada a greve geral, assim como aprendemos palavras de ordem que faziam Che Guevara ou Ho-Chi Minh mais aceitáveis e com mais entrada nas escolas.

Em relação ao impacto global desse acontecimento, seus artigos sempre destacam que 1968 foi uma unidade de diferentes realidades e uma irrupção que atingiu diferentes países (México, Tchecoslováquia, Itália, EUA, Brasil, Tunísia, Argentina, etc.). Explique-nos um pouco mais esta sincronia.

AK – Eu creio que houve revoltas da juventude na maior parte dos muitos países existentes na América Latina, nos Estados Unidos, na Tchecoslováquia e em outros países da Europa, cada um a sua maneira. As duas exceções foram a França e a Itália, onde houve uma forte coalizão operário-estudantil. Eu creio que a explicação para essa explosão, especialmente na juventude estudantil, como eu já disse, é a chegada à universidade de novas camadas sociais e o questionamento da Universidade clássica. Há ainda a politização a qual estava ligada e que aumenta rapidamente com uma tomada de posição rápida e massiva contra a guerra do Vietnã. E os dois elementos influenciaram a explosão da juventude no mundo inteiro, na França, como na Itália, na Espanha, ou em Portugal. Uma explosão enorme da juventude em todos estes países, mas mais vinculado ao movimento operário na França e na Itália.

Tratando especialmente da França, qual o papel que cumpriram neste processo o stalinismo e o Partido Comunista?

AK – Eu creio que para o PC (Partido Comunista) e para a CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores) foi o começo de uma crise, entretanto, não muito visível à época. Naquele momento, ambos ainda eram muito poderosos. O stalinismo tinha milhares de militantes e muitos cargos parlamentares, dirigiam o principal sindicato do país (CGT). Contudo, em certos setores operários, onde havia uma nova classe operária, a direção stalinista começou a ser questionada, embora este questionamento nunca tenha aparecido de forma massiva em 1968. Esse questionamento apareceria muitos anos mais tarde ou dezenas de anos mais tarde, mas àquela época resumia-se a sua oposição sindical, a quem



chamavam de “gauchistes” [radicais de esquerda]. A atitude da CGT era ambígua, eles não convocaram uma greve geral, porém convocaram uma série de outras greves. Quando o Estado desapareceu por uma semana em que De Gaulle estava Alemanha, foram os sindicalistas que garantiram a circulação. Na região de Provença, foram as intersindicais que levavam os alimentos aos comerciantes porque não havia mais alimentos. Então os sindicatos tiveram um papel, a depender do país e da região, às vezes de apoio, às vezes de condenação. Mas a direção nacional do Partido Comunista Francês e a direção da CGT ficaram muito aborrecidas com um movimento que não controlavam e que eles não queriam tomar a direção. E quando o problema do poder foi colocado, o povo e a classe operária confiavam em Alain Geismar, Jacques Sauvageot e Daniel Cohn-Bendit (que eram os três dirigentes mais conhecidos) para fazer as manifestações, mas não para governar e tomar o poder. E houve uma ofensiva, que foi mal sucedida, em 28 de maio, quando Pierre Mendès France e François Mitterrand se propuseram como candidatos. Houve então uma segunda ofensiva do General de Gaulle convocado a dissolução do parlamento e chamando novas eleições - que aconteceriam em junho e que ele ganharia já que nesse momento o PC aceitou prontamente as eleições. E nós elaboramos uma palavra de ordem que para a época era justa, naquele momento preciso, mas não globalmente, que era “Élections, pièges à com [Eleições, armadilhas]”, já que era uma forma do Partido Comunista enterrar de forma eleitoral um movimento extraeleitoral.

Em 2018, também se celebram os 80 anos da fundação da IV Internacional. Como conclusão desta nossa conversa, gostaríamos de saber o envolvimento e a agência dos líderes juvenis e estudantis, vinculados ao trotskismo e à JCR, no desenvolvimento de Maio de 68. Fale-nos um pouco disso e da relação de seus camaradas com a luta da classe operária.

AK – Podemos dizer duas coisas. Em primeiro lugar, a Quarta Internacional nos ajudou materialmente. Quando houve a greve no setor de combustível, foi a seção alemã, belga, italiana, que nos fornecia gasolina. E nós abastecíamos os carros graças à gasolina provinda dessas seções da Quarta Internacional. Isso pode parecer pouco, mas é uma ajuda enorme. Era preciso até mesmo se esconder para abastecer um carro com gasolina para que não a roubassem. Em segundo lugar, nós criamos, já que havíamos sido expulsos dois anos antes do Partido Comunista e dos Estudantes Comunistas, de uma forma um pouco arbitrária, com o trotskista belga Ernest Mandel, a Juventude Comunista Revolucionária. Ela reunia no início do movimento algo em torno de 600 pessoas, e talvez 900 pessoas ao final. Mas teve um papel decisivo no serviço de ordem. Isso quer dizer que em todas essas manifestações, havia todas as noites uma reunião de milhares de estudantes em Paris, em torno da estátua de Denfert-Rochereau, e lá haviam dois grupos que dirigiam: o de Cohn-Bendit e que dizia para onde a massa deveria ir, que era ele que decidia, e a JCR que estavam embaixo que levavam as pessoas aonde elas queriam ir. Nem um nem o outro eram democráticos, mas as assembleias gerais com milhares de pessoas não eram mais democráticas. Então, a Quarta Internacional e a JCR tiveram um papel importante, apesar de seu tamanho, mas no espaço de alguns dias. Eu dou um exemplo: quando Cohn-Bendit foi excluído, nós todos criamos, dezenas de milhares, “nós somos todos judeus alemães”, nós nunca teríamos criado isso antes, se tivéssemos criado isso dois meses antes nas universidades as pessoas nos tomariam como loucos, porque elas não eram nem judias nem alemãs.



Nós não vamos enterrar Maio de 68¹

Alain Krivine² e Alain Cyrroulnik³

Dentro de alguns meses, será comemorado o cinquentenário de Maio de 68. Já foram publicados dezenas de livros e outros estão em vias de publicação. A *M Magazine du Monde* (revista do *Le Monde* de 6 de janeiro) acaba de anunciar que Daniel Cohn-Bendit e Romain Goupil⁴ vão fazer um filme para a televisão sobre o assunto...

Entre Sarkozy que se propôs a “liquidar de uma vez por todas a herança de Maio de 68” e quem quer reduzi-lo a uma revolução cultural e sexual que teria modernizado os nossos costumes, o que prevalece é, sobretudo, o desejo de apagar do imaginário coletivo o que representa a dimensão subversiva do que foi a maior greve geral da história social francesa (na mesma linha do legado da Comuna de Paris ou da greve de 1936), tanto para as gerações que a viveram como para as posteriores. É uma tentativa de escrever uma nova história da França sem menção à luta de classes e aos massacres coloniais, não restando nada além do que Carlos Magno, São Luís, Joana d’ Arc na fogueira, Luís XIV, Napoleão, De Gaulle e... “Júpiter Macron”.

Este último hesita em comemorar Maio de 68. Hesita entre a manifestação operária de 13 de maio⁵ o desfile reacionário de

1 Artigo originalmente publicado na edição de 24 de janeiro de 2018 do jornal francês *Le Monde* sob o título: “Eh bien non, nous n’allons pas enterrer Mai 68”. Esta versão em português é fruto da revisão de Pedro Micussi da tradução de Carlos Santos realizada para o portal português *Esquerda.net*.

2 Alain Krivine é um marxista francês. Antigo membro da comissão política da *Ligue Communiste Revolutionnaire* (LCR), é atualmente membro do Nouveau Parti Anticapitaliste (NPA).

3 Alain Cyrroulnik é um marxista francês. Antigo membro da comissão política da *Ligue Communiste Revolutionnaire* (LCR), é atualmente membro do Ensemble.

4 Daniel Cohn-Bendit, um dos líderes do Maio de 68, popularmente conhecido como Daniel o vermelho, pertencia naquele tempo à corrente anarquista. A partir da década de 70 aproximou-se dos Verdes alemães e desde 1994 é deputado europeu e co-presidente do grupo parlamentar verde no Parlamento Europeu. Romain Goupil é um cineasta francês, foi líder estudantil em 1968 Foi um militante trostkista e, a partir do ano 2000, evoluiu para posições neoconservadoras. Ambos apoiaram Emmanuel Macron nas eleições presidenciais de 2017 [nota do tradutor].

5 Dia da greve geral [nota do tradutor].



30 de maio⁶. Mas por que não comemorar ambos ao mesmo tempo, já que deixou de existir esquerda e direita? Além do mais, ele tem ao seu lado Cohn-Bendit e Goupil, ou como diz o *Le Monde* “De Maio de 68 a Macron, a viagem de uma geração”.

Uma das maiores greves da nossa história

Mas não! Nós não estamos comemorando esse “tal Maio de 68”, porque nós não vamos enterrar aquela que foi uma das maiores greves da nossa história. Sem irritar Dani, que conseguia juntar toda a direita do parlamento europeu através de suas piadinhas e de um liberalismo que não tinha mais nada a ver com Maio de 68, nem Romain, que se vangloria de ter “se divertido bastante” e de ter agora abandonado tudo: “Não suporto ver um militante político. Sou como os antigos alcoólatras, me tornei intolerante”.

E uma vez mais, não! Maio de 68 não foi apenas uma euforia de momento ou uma crise de puberdade. Ele não era e continua não sendo compatível com as reneгаções, as pequenas tramoias. Ele não foi consensual e continua não sendo. Não foi patriótico, nem liberal. A nossa geração, nascida durante a Segunda Guerra Mundial, levantou-se contra o pesadelo das guerras da Argélia e do Vietnã. As guerras que os países ocidentais conduzem hoje, entre eles a França, seja na África ou no Oriente Médio, continuam a nos provocar náuseas. Nós queríamos um mundo que não estivesse submetido nem às ordens de Washington nem às ordens de Moscou, e queríamos devolver ao socialismo a sua face humana. O rosto horrível do capitalismo continua a nos repugnar tanto quanto antes.

Bandeiras vermelhas ao alto

Para nós, 68 não pode ser reduzido uma revolução cultural ou à libertação sexual, mesmo que, sem dúvida alguma, como em todo movimento social em que as pessoas se tornam irreconhecíveis por estarem felizes e alegres, tudo isso tenha acontecido.

⁶ Manifestação convocada pelos gaullistas, “Em defesa da República” [nota do tradutor].



Na França, Maio de 68 foi, sobretudo, 10 milhões de grevistas que, com bandeiras vermelhas em mãos, ocuparam suas fábricas, estudantes suas faculdades, secundaristas suas escolas e pessoas que, por todos os lados, debatiam e discutiam conjuntamente.

Nós não guardamos a lembrança de uma grande farsa ou de uma grande festa, mas fundamentalmente de um momento intenso em que milhões de pessoas puseram-se a existir. Guy Hocquenghem⁷, que foi nosso editorialista em 1968, enfrentou parte dessa geração que resolveu mudar de lado num livro escrito dois anos antes de sua morte: *Lettre ouverte à ceux qui sont passés du col Mao au Rotary* (1986, reeditado pela Agona em 2003) [Carta aberta àqueles que passaram do colo de Mao ao do Rotary, sem edições em português]. Pois bem, nunca fomos desses e também não seremos agora.

É verdade que a situação mudou: hoje em dia constroem-se muros e grades em todos os lugares, há milhares de pessoas que são mortas nas estradas, nos mares do exílio e pelas bombas de guerras em todos os continentes. Na França há quase 10 milhões de pessoas desempregadas e trabalhadores em situação de precariedade.

A Renault Billancourt desapareceu

É verdade que já não existem quinhentos mil estudantes, mas cerca de dois milhões, dos quais a metade precisa trabalhar para pagar os seus estudos ou a sua moradia. As grandes fábricas como a de Renault Billancourt desapareceram, mas os explorados e excluídos nunca foram tão numerosos. Eles não se encontram mais nem na esquerda, nem na direita, enquanto a direita faz a política da extrema-direita e a esquerda a política da direita.

Não... Nós não vamos enterrar Maio de 68. Pelo contrário, nós temos hoje tantas ou mais razões para nos revoltarmos. Após trinta anos de ataques liberais que permitiram à extrema-direita chegar ao segundo turno nas eleições presidenciais e contaminar

⁷ Guy Hocquenghem (1946–1988) foi ensaísta, romancista e ativista LGBT [nota do tradutor].



todo o debate político, o espírito de Maio de 68 é mais atual do que nunca.

Para nós, Maio de 68 continua a ser o que ainda falta ser feito, mas sendo capaz de coordenar as lutas, de suscitar nas empresas e nos bairros, nas cidades e nos campos, um verdadeiro poder das e dos trabalhadores, juntando todas e todos, pessoas não organizadas, associações ou sindicatos, partidos, pessoas com ou sem emprego, franceses ou estrangeiros que acreditam que outro mundo é possível e que o querem construir, sem fronteiras, sem muros e sem ódio, como afirmava esta consigna de Maio 68: “Que se danem as fronteiras!” (*Les frontières on s’en fout!*)

A solidariedade militante, a esperança em uma revolução que varra o “Velho Mundo”, por um novo Maio de 68 do século XXI que, desta vez, consiga os seus objetivos... Nós ainda lutamos por isso.





Da caça às bruxas ao maio de 68: o corpo da mulher como terreno de luta

Luciana Genro¹

Não há dúvida que a emancipação das mulheres e a revolução sexual que ocorreu na década de 1970 tiveram no Maio de 1968 suas sementes. Muito embora não tenha sido um movimento diretamente feminista, as mulheres participaram do Maio de 68 ativamente, não só na França, mas em toda a parte onde ocorrem lutas neste período. Elas eram estudantes, trabalhadoras, militantes, grevistas, estavam nos protestos e nas assembleias. Dificilmente estavam entre as lideranças, pois este era apenas o começo de uma libertação que se intensificou na década seguinte. “Havia muitas mulheres em 1968. E, a partir de 1970, muitos grupos feministas foram criados. Mas esses grupos nasceram apenas depois de 1968”, lembra Isabelle Saint-Saens, então estudante de economia na Unidade de Nanterre.²

Nas décadas seguintes as feministas ganharam postos de relevância na luta pelo direito ao corpo e à sexualidade. A ideia de que o nosso corpo nos pertence se fortaleceu imensamente. Na França, berço dos movimentos de 68, as mulheres conquistam o direito à contracepção sem restrições em 1974 e em 1975 o direito ao aborto nas primeiras dez semanas de gravidez.³

É, portanto, fato notório a importância do Maio de 1968 nisto que ficou conhecido como “liberação dos costumes”, o que inclui também a ascensão das mulheres a um patamar de maior igualdade formal perante os homens. O que não é de todo aceito é a importância desta luta destravada pelo Maio de 68 no enfrentamento ao capitalismo. Ainda é muito comum a difusão da ideia de que a revolução sexual, a luta pelo direito ao corpo e à sexualidade são lutas de menor importância e que, portanto,

1 Advogada, dirigente do PSOL e do MES.

2 <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,maio-de-68-um-movimento-pluralista-sem-mulheres-na-lideranca,70002302357>

3 FERRAND, Michèle. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto/2008.



as consequências do Maio de 68 neste terreno não foram relevantes para a luta anticapitalista.

O que desejo demonstrar neste artigo é a tese desenvolvida por Silvia Federici, feminista marxista, no seu livro “Calibã e a Bruxa – Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva” (ed. Elefante, 2004)⁴ sobre a importância do corpo no processo de dominação capitalista, e de como a subjugação das mulheres foi fundamental no disciplinamento da mão de obra e na acumulação primitiva que forneceu as bases econômicas para o desenvolvimento capitalista. Daí decorre a importância desta luta e do legado de Maio de 1968 neste terreno.

O fenômeno da caça às bruxas

Nós, mulheres feministas, somos herdeiras das “bruxas” que arderam nas fogueiras. Mas a caça às bruxas é um fenômeno que raramente aparece na história do proletariado ou mesmo na história da luta das mulheres. A maior parte das vítimas foram mulheres camponesas pobres, o que para Federici talvez explique a abordagem acadêmica misógina, que retrata as vítimas como mulheres loucas, desonradas, frustradas e/ou pervertidas. Foram as autoras, acadêmicas e ativistas feministas que fizeram emergir da clandestinidade esta tragédia, ao se identificarem com as bruxas e as adotarem como símbolo da revolta feminina.

“As bruxas sempre foram mulheres que se atreveram a serem corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas, curiosas, independentes, sexualmente liberadas, revolucionárias (..) WITCH vive e ri em cada mulher, ela é parte livre de cada uma nós (...) Você é uma bruxa pela fato de ser mulher, indomável, desvairada, alegre e imortal.”⁵

Durante a caça às bruxas centenas de milhares de mulheres foram massacradas e submetidas às formas mais cruéis de tortura por que significavam um desafio às estruturas de poder.

4 As páginas citadas referem-se ao PDF do livro citado, disponível em <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/caliba/15e7b78f3d95783a?projector=1&messagePartId=0.1>

5 MORGAN, Robin. *Sisterhood is Powerful*. Nova York: Vintage, 1970, p. 605,606



Esta guerra, que começou na Europa e chegou ao mundo todo, foi um momento decisivo na história das mulheres, um ponto determinante no processo de degradação social que as mulheres viveram com a chegada do capitalismo e que, portanto, conforma a misoginia que ainda caracteriza as relações entre homens e mulheres.

Para Federici, a

“caça às bruxas constituiu um dos acontecimentos mais importantes do desenvolvimento da sociedade capitalista e da formação do proletariado moderno. Isto por que o desencadeamento de uma campanha de terror contra as mulheres, não igualada por nenhuma outra perseguição, debilitou a capacidade de resistência do campesinato europeu frente ao ataque lançado pela aristocracia latifundiária e o Estado, em uma época na qual a comunidade camponesa já começa a se desintegrar sob o impacto combinado da privatização da terra, do aumento dos impostos e da extensão do controle estatal sobre todos os aspectos da vida social. A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social.” (p.297-298)

Juristas, magistrados e demonólogos sistematizaram os argumentos e ajudaram a conformar e aperfeiçoar o aparato legal que deu um formato quase padronizado aos julgamentos, com cooperação dos intelectuais de grande prestígio, como Thomas Hobbes, que aprovou a caça as bruxas como forma de controle social ou Jean Bodin, que insistiu que as bruxas deveriam ser queimadas vivas.

A caçada foi uma iniciativa política de grande importância, o que não minimiza o papel da Igreja Católica, que forneceu o arcabouço metafísico e ideológico, estimulando a perseguição. Mas não foi somente a igreja, pois no apogeu da caça foram cortes seculares que conduziram a maior parte dos julgamentos, e a Inquisição sempre dependeu da cooperação do Estado para levar adiante as execuções.

“Se considerarmos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe dos acusados, bem como os efeitos da perseguição,



podemos concluir que a caça as bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres representaram contra a difusão das relações capitalistas e ao poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, seu controle sobre a reprodução e sua capacidade de curar.” (p. 309-310)

O porquê da demonização das mulheres

Desde a sociedade medieval, as mulheres já tentavam controlar sua função reprodutiva. Designadas como “poções para a esterilidade”, são inúmeras as referências ao uso feminino de contraceptivos e também ao aborto. Até a Alta Idade Média a própria igreja reconhecia que as mulheres tinham o direito de limitar suas gestações por razões econômicas.

Foi a catástrofe demográfica resultante da “peste negra”, que entre 1347 e 1352 dizimou mais de um terço da população europeia, que levou a uma mudança brutal neste cenário, pois o controle das mulheres sobre a reprodução começou a se visto como uma ameaça à estabilidade econômica e social diante da crise do trabalho provocada pela Peste, ao escassear a mão de obra e aumentar o seu custo.

As terras abundantes e a população pouco numerosa modificaram as relações de poder em prol das classes baixas, fazendo também crescer a vontade das pessoas de romper os laços de dominação feudal pois os camponeses podiam facilmente achar novas terras para trabalhar:

“Até o final do século XIV, a recusa a pagar aluguel e realizar serviços havia se transformado em um fenômeno coletivo. Aldeias inteiras organizaram-se conjuntamente para deixar de pagar multas, os impostos e a talha, deixando de reconhecer a troca de serviços e as determinações dos tribunais senhoriais que eram os principais instrumentos de poder feudal.” (p. 80)

Revoltas estouraram pela Europa como resposta às tentativas do poder feudal de aumentar a exploração do trabalho e “regiões inteiras rebelaram-se, formando assembleias e recrutando exércitos. Algumas vezes, os camponeses se organizaram em bandos, atacaram castelos dos senhores e destruíram os arquivos onde eram mantidos os registros escritos da servidão” (p.83).



Esta época foi descrita como a “idade de ouro do proletariado europeu”. Os salários eram altos e a comida barata, configurando o século XV como uma época de poder sem precedentes para parte importante do campesinato e dos trabalhadores urbanos da Europa ocidental. “Os servos agora são senhores e os senhores são servos” reclamava John Gower em *Mirour de l’omme* (1378) diante da “arrogância” exibida pelos trabalhadores que determinavam quando, quanto e em que condições iriam trabalhar.

“Para o proletariado europeu, isto significou não só a conquista de um nível de vida que não foi igualdo até o século XIX, mas também o desaparecimento da servidão. No fim do século XV as amarras entre os servos e a terra havia praticamente desaparecido.” (p.86)

Uma contrarrevolução entra em marcha então para controlar esta situação insustentável para as classes altas. Conforma-se uma aliança entre a burguesia e a nobreza para derrotar as revoltas proletárias, levando “à centralização do Estado como único agente capaz de confrontar a generalização da luta e de preservar as relações de classe.” (p.90) Todas as forças do poder feudal uniram-se para enfrentar as rebeliões proletárias. A própria burguesia urbana, que havia por dois séculos lutado por soberania, restituiu o poder à nobreza e deu o primeiro passo na consolidação do Estado absolutista.

Ao mesmo tempo “as autoridades políticas empreenderam importantes esforços para cooptar os trabalhadores mais jovens e rebeldes por meio de uma maliciosa política sexual, que lhes deu acesso a sexo gratuito e transformou o antagonismo de classe em hostilidade contra as mulheres proletárias.” (p.86). Foi descriminalizado o estupro de mulheres pobres, tornando o estupro coletivo de mulheres proletárias uma prática comum que chegou a ser descrita como “uma forma de protesto de classe, um meio para os homens proletários – forçados a postergar seus casamentos por muitos anos, devido às suas condições econômicas – cobrassem aquilo que era ‘seu’ e se vingassem dos ricos” (p.87).



Esta prática de estupro com consentimento estatal debilitou a solidariedade de classe alcançada na luta antifeudal. As mulheres estupradas eram obrigadas a abandonar a cidade ou dedicar-se a prostituição. Também resultou em um clima misógeno que degradou todas as mulheres e insensibilizou a população diante da violência contra mulheres, facilitando a caça às bruxas que estava começando neste período.

Na Baixa Idade Média a economia feudal estava condenada e em resposta a esta crise a classe dominante europeia fez uma ofensiva global que durou três séculos e estabeleceu as bases do sistema capitalista mundial, garantindo a sua apropriação das novas fontes de riqueza e dominando a classe trabalhadora. Esta transição para o capitalismo foi sangrenta, baseada no roubo, na escravização e na conquista, configurando, nas palavras de Silvia Federici e no conceito cunhado por Marx, uma “acumulação primitiva ou originária” (p.111).

Esta acumulação primitiva, para Federici, não consistiu apenas na expropriação dos meios de subsistência dos trabalhadores europeus e na escravização dos povos da América e África. Ela também consistiu em “uma acumulação de diferenças e divisões dentro da classe trabalhadora, na qual as hierarquias construídas sobre o gênero, assim como sobre a raça e a idade, se tornaram constitutivas da dominação de classe e da formação do proletariado moderno” (p.113).

A mulher foi sujeitada a se transformar em uma máquina de reprodução da força de trabalho, e através da caça às bruxas seu poder foi destruído. A chegada do capitalismo, portanto, implantou no corpo do proletariado uma divisão profunda que serviu para intensificar e ocultar a exploração.

Os séculos XVI e XVII foram marcados pela privatização da terra e pela mercantilização das relações sociais, mas também por uma intensa resistência. Para Federici é neste contexto que devemos “situar a história das mulheres e da reprodução na transição do feudalismo para o capitalismo, por que as mudanças



que a chegada do capitalismo introduziu na posição social das mulheres – especialmente entre as proletárias, seja na Europa, seja na América – foram impostas basicamente com a finalidade de buscar novas formas de arregimentar e dividir a força de trabalho” (p.118).

A caça às bruxas foi parte da estratégia da classe dominante para construir uma nova ordem patriarcal, definida por Federici como “patriarcado do salário”, a fim de disciplinar e expandir o proletariado.

A privatização da terra, através do cercamento dos campos, acabou com o sistema de terras comunais, que era especialmente importantes para as mulheres. Tendo menos direitos e menos poder social as mulheres eram mais dependentes delas para sua subsistência e sociabilidade. Por isso também foram parte importante dos motins e rebeliões, como durante o reinado de James I, na Inglaterra:

“Alguns protestos eram inteiramente femininos. E, 1607, por exemplo, 37 mulheres, lideradas por uma tal “Capitã Dorothy” atacaram mineiros de carvão que trabalhavam naquilo que as mulheres reivindicavam como sendo os campos comuns do vilarejo de Thorpe Moor.” (p.130)

Federici explica que

“As mulheres foram as que mais sofreram quando a terra foi perdida e o vilarejo comunitário se desintegrou. Isso se deve, em parte, ao fato de que para elas era muito mais difícil tornarem-se ‘vagabundas’ ou trabalhadoras migrantes, pois uma vida nômade as expunha à violência masculina, especialmente num momento em que a misoginia estava crescendo. As mulheres também tinham a mobilidade reduzida, devido à gravidez e ao cuidado dos filhos (...). As mulheres tampouco podiam se tornar soldados pagos, apesar de algumas terem se unido aos exércitos como cozinheiras, lavadeiras, prostitutas e esposas; porém essa opção também desapareceu no século XVII, à medida que, progressivamente, os exércitos foram sendo regulamentados e as multidões de mulheres que costumavam segui-los foram expulsas dos campos de batalha.” (p. 131, 132)

As mulheres, confinadas ao trabalho reprodutivo foram então desvalorizadas, na medida em que a vida se mercantilizava e as



relações monetárias começaram a dominar a vida econômica. Nas sociedades baseadas na produção para o uso (não mercantis) havia uma unidade entre a produção e a reprodução. No modelo mercantil e monetário somente a produção para o mercado era considerada uma atividade produtora de valor, e a reprodução do trabalhador deixou de ser considerado um trabalho. Quando realizado fora do lar continuou sendo pago, embora em valores cada vez menores, mas o trabalho doméstico e sua função fundamental na acumulação de capital tornou-se invisível.

Uma derrota histórica

A figura da dona de casa em tempo integral, consolidada no século XIX, redefiniu a posição das mulheres na sociedade e na sua relação com os homens em termos de sujeição e dependência econômica. “Dessa forma, a separação efetuada entre produção de mercadorias e reprodução da força de trabalho também tornou possível o desenvolvimento de um uso especificamente capitalista do salário e dos mercados como meios para acumulação de trabalho não remunerado” (p.133) e tornou as mulheres ainda mais despossuídas do que os homens, pois praticamente não tinham acesso ao trabalho assalariado. As mulheres foram as mais degradadas neste processo, mas a desvalorização e feminização do trabalho reprodutivo desvalorizou também o seu produto, a própria força de trabalho.

A transição do feudalismo para o capitalismo libertou o capital, permitindo que a terra funcionasse como meio de acumulação e exploração e não mais apenas como meio de subsistência. Ao separar os trabalhadores e seus meios de produção e criar relações monetárias, tornou possível a redução do salário real através do aumento dos preços, pauperizando a classe trabalhadora europeia.

No contexto do século XVI a ideia de que a quantidade de cidadãos determinava a riqueza de uma nação era algo inquestionável e o apoio ao crescimento da população teve seu



auge no mercantilismo, em cuja teoria e prática vamos encontrar

“a expressão mais direta dos requisitos da acumulação primitiva e da primeira política capitalista que trata explicitamente do problema da reprodução da força de trabalho. (...) Porém, mesmo antes do auge da teoria mercantilista, na França e na Inglaterra, o Estado adotou um conjunto de medidas pró natalistas, que, combinadas com a assistência pública, formaram o embrião de uma política reprodutiva capitalista. Aprovaram-se leis que bonificavam o casamento e penalizavam o celibato (...). Foi dada uma nova importância à família enquanto instituição chave que assegurava a transmissão da propriedade e a reprodução da força de trabalho.” (p. 155, 156)

Para garantir esta política era preciso quebrar o controle que as mulheres haviam exercido sobre seus corpos e sobre a reprodução. Isto foi feito principalmente através da política de caça às bruxas, que demonizou o controle da natalidade e a sexualidade não reprodutiva, e implementou penas mais severas ao aborto, à contracepção e ao infanticídio. As parteiras foram marginalizadas, pois era necessário uma vigilância estrita às mulheres durante a gravidez e o parto. Assim, os médicos homens passaram a tomar conta dos partos, expulsando o grupo de mulheres que reunia-se em torno da cama da futura mãe e tirando das mulheres o controle sobre este momento.

“Enquanto na Idade Média as mulheres podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle indiscutível sobre o processo de parto, a partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlado pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista.” (p.163)

Foi negado às mulheres o controle sobre seus corpos, a maternidade foi transformada em uma obrigação e a reprodução tornou-se o lugar de confinamento das mulheres, reduzindo sua situação a de não trabalhadoras.

Até o final do século XVII as mulheres foram expurgadas ou submetidas a severas restrições nas funções que haviam exercido até então, como a fabricação de cerveja e a realização de partos. Tinham cada vez mais dificuldade para conseguir empregos que não fossem os mais mal remunerados, como o de empregadas



domésticas, vendedoras ambulantes, bordadeiras ou amas de leite. Assim massificou-se também a prostituição, pois sem acesso à terra e com pouco acesso ao trabalho assalariado, para muitas mulheres não restou outra alternativa. Mas, enquanto na Baixa Idade Média a prostituição era vista como um mal necessário e proporcionava altos salários, no século XVI o “clima de intensa misoginia, caracterizado pelo avanço da reforma protestante e pela caça às bruxas, a prostituição foi, inicialmente, sujeita a novas restrições e depois criminalizada.” (p.170)

Este processo se constituiu em uma derrota histórica para a as mulheres:

“Com sua expulsão dos ofícios e a desvalorização do trabalho reprodutivo, a pobreza foi feminizada e, para colocar em prática a ‘apropriação primitiva’ dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo-se as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens. O fato de que as relações de poder desiguais entre mulheres e homens existiam mesmo antes do advento do capitalismo, assim como uma divisão sexual do trabalho discriminatória, não foge a esta avaliação . Isso por que, na Europa pré- capitalista, a subordinação das mulheres aos homens esteve atenuada pelo fato de que elas tinham acesso às terras e a outros bens comuns, enquanto, no novo regime capitalista, as próprias mulheres se tornaram bens comuns, dado que seu trabalho foi definido como um recurso natural, que estava fora da esfera das relações de mercado.” (p.175)

A família burguesa cumpriu um papel essencial ao se separar da esfera pública e tornar-se o principal centro para a reprodução da força de trabalho.

“Complemento do mercado, instrumento para a privatização das relações sociais e, sobretudo, para a propagação da disciplina capitalista e da dominação patriarcal, a família surgiu no período de acumulação primitiva também como instituição mais importante para a apropriação e ocultamento do trabalho das mulheres.” (p.175)

Tanto nas famílias burguesas como nas famílias da classe trabalhadora o marido tornou-se o representante do Estado, por ser o possuidor da propriedade, no caso da burguesia, e por ser o assalariado, no caso da classe trabalhadora. Muito embora em muitos casos a mulher também trabalhasse para o mercado, era o



marido quem recebia o salário. Em ambos os casos o homem era o encarregado da dominação sobre os demais membros da família a ele subordinados.

Federici define esta situação da mulher trabalhadora, impossibilitada de ter seu próprio dinheiro e assim objetivamente sujeita aos homens, como “patriarcado do salário”. (p.177)

O ataque contra as mulheres, sua demonização, degradação, vilipêndio econômico e moral serviu para justificar a apropriação masculina de seu trabalho e a criminalização do seu controle sobre a reprodução. O extermínio sempre foi uma resposta da classe dominante diante da resistência, e com as mulheres não foi diferente. A caça às bruxas exerceu este papel decisivo na construção da nova função social das mulheres e da degradação de sua identidade social.

No final do século XVII, após mais de dois séculos de terrorismo de Estado contra a mulheres durante o qual elas foram retratadas como “seres selvagens, mentalmente débeis, de desejos insaciáveis, rebeldes, insubordinadas e incapazes de se controlarem, o cânone foi revertido. Agora as mulheres eram retratada como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles.” (p. 187,188)

O “disciplinamento do corpo” (Foucault), isto é, “transformar as potencialidades dos indivíduos em força de trabalho” (Federici) foi uma das condições necessárias para o desenvolvimento do capitalismo. Nas regiões da Reforma Protestante da Europa Ocidental durante o século XVI, onde também emerge a burguesia mercantil, surge um novo conceito de pessoa, em meio a uma batalha contra o corpo. Esta pessoa é o indivíduo trabalhador que é marcado pela alienação do seu próprio corpo, sem direito a qualquer forma espontânea de desfrutar a vida e totalmente subordinado a ordens externas. Um ser que vende “livremente” seu trabalho e que entende seu corpo com um capital que será entregue a quem pagar o preço.

Mas este processo não se deu sem resistência. O disciplinamento da mão de obra assalariada ao longo dos séculos XVI e XVII não foi pacífico. Muitos dos trabalhadores e artesãos expropriados não aceitaram o assalariamento convertendo-se em mendigos, vagabundos ou criminosos e muitos preferiram a força ao assalariamento. Leis e penas mais duras contra esta insubordinação foram implementadas, junto a um regime de verdadeiro terror.

A *vis erótica* precisava ser transformada em *vis lavorativa* (p.282), racionalizando a natureza humana cujos poderes tinham que ser subordinados ao desenvolvimento e formação de mão de obra para o trabalho.

Assim acaba o conceito de corpo como receptáculo de poderes mágicos, que predominou no mundo medieval, e nasce o conceito de corpo como máquina de trabalho. Erradicar a “bruxaria” era uma condição necessária para a conclusão deste processo. Foi na fogueira e na tortura que se forjam os novos paradigmas do feminino: submissão, domesticidade e obediência.

A revisitação proposta por Federici à transição do feudalismo para o capitalismo nos permite entender a importância do corpo na compreensão do domínio masculino e na construção do que hoje ainda predomina como a identidade social feminina. A degradação das mulheres e do seu corpo em uma máquina de reprodução foi instrumento fundamental na afirmação do poder patriarcal e da exploração masculina do trabalho das mulheres. Isto coloca a sexualidade e a procriação como pontos fundamentais na história da opressão feminina e o corpo da mulher como um laboratório privilegiado para a implementação das relações de poder de exploração capitalista sobre todos os seres humanos.

A conclusão fundamental de Federici é que “o gênero não deveria ser tratado como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe” (p.21) e que “o corpo é o lugar de uma alienação fundamental que só pode ser superada com o fim da disciplina-trabalho que o define” (p.23).



A violência do capitalismo no presente contra outros sujeitos rebeldes, a escravidão sob novas formas, a feminização da pobreza, a violência persistente contra as mulheres, o racismo e as novas formas de acumulação por espoliação demonstram que o sistema precisa desconstituir a natureza daqueles a quem ele explora com maior intensidade, como mulheres, negros e imigrantes, com o propósito de ocultar a contradição entre suas promessas de liberdade e prosperidade e a realidade de opressão, miséria e desigualdade cada vez maiores. Portanto a destruição deste sistema perverso passa pela visibilização desta contradição e por uma luta de dimensão global pela libertação do corpo e da mente de todos os seres humanos. Os acontecimentos de Maio de 68 foram uma parte fundamental deste desafio que segue necessário.







A Primavera de Praga¹

Catherine Samary²

A Primavera de Praga, com sua influência internacional, simboliza a dinâmica que o ano de 1968 teve no Leste. A luta por uma “Tchecoslováquia livre e socialista” – conforme dizia um dos comitês criados a Oeste contra a intervenção dos tanques soviéticos – engolfou-se numa das várias fissuras que abalaram o enquadramento limitador da divisão bipolar do mundo imposto pela Guerra Fria: os alinhamentos “campistas” que os PCs stalinistas queriam impor (apoiar o campo soviético sem crítica, sob pena de ser taxado de agente opositor do campo imperialista) caíram por terra.

Em tempos anteriores, os países ditos socialistas enfrentaram crises diversas desde a Segunda Guerra. O conjunto dessas crises revelava a grande diferença entre o ideário socialista proclamado por esses regimes e a realidade. A explosão democrática da Primavera de Praga, como o menos “visível” junho de 1968 de Belgrado, não respeitava os limites do partido único, mesmo reformista, que operava em nome dos trabalhadores e da população e as suas custas. Tal “momento” de bifurcação histórica condensou uma acumulação de tensões que, da Segunda Guerra até depois do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, reconsiderou a dominação stalinista sem ser capaz de estabelecer uma alternativa socialista coerente.

O Partido Comunista da Tchecoslováquia, com centenas de milhares de membros, era um dos mais importantes da região. Mal passou por mudanças tímidas nas suas equipes stalinistas no poder – a nomeação de Alexandre Dubcek como Primeiro Secretário do partido eslovaco em 1963 mostra bem isso.

¹ Este texto retoma elementos do artigo da autora consagrado aos países do Leste, publicado em Antoine Artous, Didier Epszajn e Patrick Silberstein (org.). *La France des années 1968*, Paris, Syllepse, 2008. Artigo originalmente publicado como parte integrante do número 22 da revista francesa *Contretemps* em sua edição especial sobre os quarenta anos de Maio de 1968.

² Economista, fundadora da LCR e militante da IV Internacional.



A Tchecoslováquia, inicialmente mais desenvolvida que os outros países da zona de controle soviético, passou por uma forte diminuição de seu crescimento durante os anos de 1960, sinal dos limites de um crescimento extensivo embasado numa planificação hipercentralizada, como era o modo soviético. Além disso, essa estrutura que beneficiava os poderes de Praga era encarada pela Eslováquia como ameaça à diversidade nacional – um sentimento denunciado como “nacionalismo burguês” pelo dirigente conservador Antonin Novotny. Na literatura (com Milan Kundera e Vaclav Havel), no cinema ou no jornalismo (com o novo diretor da televisão, Jiri Pelikan), vários intelectuais militaram contra a censura.

No âmbito econômico, as reformas preconizadas sobretudo pelo economista Ota Sik eram comparáveis ao “Novo Mecanismo Econômico” (NEM), então impulsionado pelo regime de Kadar na Hungria: buscavam atribuir aos diretores de empresas maior responsabilização e estímulos monetários. A introdução de certos mecanismos de mercado que visavam melhorar a qualidade e a diversidade da produção, assim como a produtividade do trabalho, implicaram notadamente aumento de preço dos bens de consumo, maior desigualdade em função dos resultados e uma enorme insegurança quanto ao emprego. A liberalização política e cultural então defendida pela ala reformista visava “aprovar” as medidas econômicas, cuja impopularidade era explorada pela ala conservadora. As reformas defendidas não reconsideravam o partido único, mas separavam os órgãos do partido e do Estado, de modo a flexibilizar a planificação e introduzir liberdades culturais e religiosas. Essas reformas estimulam a explosão de movimentos (políticos, sociais e culturais) que chamamos Primavera de Praga, cuja dinâmica aventada preocupa os partidos e é considerada pelo Kremlin, num primeiro momento, incontrolável...

O impacto do movimento não tinha precedentes, é um marco de sua época. Os encontros internacionais de jovens comunistas nos festivais organizados em Moscou ao longo dos



anos de 1960 e as primeiras viagens ao Ocidente permitiram aberturas intelectuais e culturais e entabulações de contato... Andreï Gratchev, então com 27 anos, representou a URSS em 1968 na direção da Federação Mundial da Juventude Democrática, sediada em Budapest. Ele relembrou o evento, por ocasião dos trinta anos do mesmo, numa entrevista concedida ao *Nouvel Observateur* (número correspondente à semana do dia 20 de agosto de 1998): “Fui a Praga em maio. Era Woodstock em território socialista: os *beatniks* na praça da prefeitura, o sol, as delegações vindas de todos os cantos do mundo, uma efervescência permanente de ideias. Estávamos num país irmão, mas esse país era uma ilha de liberdade. Jamais tínhamos vivido aquilo e aquilo, no entanto, se passava em território socialista: estávamos inebriados pela Primavera”. Essas primeiras linhas entabulam bem os debates...

Relações difusas com as lutas da América Latina; com o Maio de 68 francês; com o Junho de 68 de Belgrado; com a “Carta Aberta ao Partido Operário Polonês” de Kuron e Modzelevsky (1969, Paris) que lhes valeu os primeiros anos de prisão, sem lhes impedir de participar, novamente em 1968, das lutas estudantis de Varsóvia, reprimidas sobre bases antisemitas. Neste mesmo ano de 1968, na Hungria, Miklos Haraszti foi expulso da Faculdade de Sociologia por “gauchismo”. Ainda nesse ano, o ex-general do Exército Vermelho Piotr Grigorienko incitou os tártaros a se mobilizarem de modo independente do poder para reconquistar a República Autônoma Socialista da Criméia; e os funerais do velho bolchevique Alexis Kosterine se transformaram em uma reunião da oposição de esquerda cujos textos são publicados no *Samizdat*. Tudo isso se expressa em slogans da época, como: “Tirem as mãos da Tchecoslováquia! Liberdade aos presos políticos! Leninismo, sim! Stalinismo, não!”...

Naquele contexto, “para aquela época” o entusiasmo da Primavera de Praga representava o risco de ser contagioso. É justamente por isso que foi considerada intolerável por Moscou. A intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia, sob o poder de



Brejnev, tinha a mesma motivação de 1956. Contudo, o contexto e os efeitos eram diferentes, tanto no plano interno como no internacional. A tentativa de normalização política se traduz, num primeiro momento, na expulsão de centenas de milhares de militantes comunistas do partido – da qual uma parte escolhe se refugiar no Partido “Eurocomunista” italiano; outra, na França, onde pela primeira vez o PCF denuncia a intervenção soviética. Nenhum dos grandes partidos comunistas ocidentais apoia dessa vez o modo como o Kremlin pretendia “defender o socialismo”...

E na própria Tchecoslováquia, a ocupação soviética provocou um Outono marcado pela eclosão de comitês de greve nas empresas e universidades, bem como o início da convergência entre eles. O Movimento da Juventude Revolucionária Tchecoslovaca é lançado e seu Manifesto exprime a exigência de uma “sociedade socialista livre da burocracia e amparada em conselhos operários”. A repressão não tarda, interditando todas as organizações autônomas e botando a ferros pela primeira vez Petr Uhl, apoiador desse movimento chamado de “complô trotskista”.

Em 1977, intelectuais das mais diversas sensibilidades políticas, a maior parte deles afastada de suas atividades por razões políticas, lançam em Praga como ação de resistência à “normalização” soviética a Carta 77; tratava-se de agitar um grande dia de defesa das liberdades e do VONS – comitê de defesa das pessoas injustamente perseguidas –, impulsionado principalmente por Petr Uhl... o que lhe valeu novos anos de encarceramento...



1968: explosão e transformação da corrente radical nos Estados Unidos¹

Max Elbaum²

O ano de 1968 viu uma explosão de protesto e de radicalização nos Estados Unidos como em diversos países ao redor do mundo. Duas questões centrais – o racismo e a guerra do Vietnã – estão no coração desse ano de mobilização popular. Os eventos de 1968 estenderam os movimentos sociais radicais e transformaram o modelo ideológico da esquerda nos Estados Unidos. O assassinato de Martin Luther King e a nomeação de dois candidatos a favor da guerra pelos dois grandes partidos do país convenceram milhões de pessoas de que o sistema não poderia ser reformado. Houve uma mudança no interior das fileiras radicais: passou-se de uma “Nova Esquerda”, radicalmente anti-ideológica, ao marxismo, em particular às variedades de marxismo anti-imperialistas e antirracistas que buscavam uma fonte de inspiração nos partidos comunistas do Terceiro Mundo.

Em crise pela Ofensiva do Tet no Vietnã, assediado pelos manifestantes antiguerra e confrontado por uma rebelião no interior de seu próprio partido, é um presidente Lyndon Johnson sitiado que se direciona ao país em 31 de março de 1968. Ele o choca ao anunciar que renunciaria à campanha por sua reeleição, de um lado, e que as conversas de paz com as forças de libertação vietnamitas estavam a ponto de serem iniciadas, por outro. Em alguns minutos, um rumor de festa começa a tomar conta de todo o país. Para milhares de pessoas, é com grande entusiasmo que era possível dizer que um presidente dos Estados Unidos tinha sido atingido pelos gritos de *Hey, Hey, LBJ, how many babies did you kill today?* (“Hey, Hey, LBJ, quantas crianças você matou hoje?”).

¹ Artigo originalmente publicado sob o título “1968: explosion et transformation du courant radical aux États-Unis”. Este texto foi concebido como parte integrante do número 22 da revista francesa *Contretemps* em sua edição especial sobre os quarenta anos de Maio de 1968. Tradução de Pedro Micussi.

² Max Elbaum é um historiador estadunidense. Foi membro do Students for Democratic Society e líder de uma das principais organizações comunistas que surgiram nos Estados Unidos na segunda metade do século passado. É autor do livro *Revolution is in the Air: Sixties Radicals Turn to Lenin* (Verso Books, 2002).



Quatro dias depois, Martin Luther King Jr., o principal representante do movimento de liberdade afro-americano, foi assassinado. King foi morto em Memphis, no Tennessee, onde ele prestava seu apoio aos trabalhadores negros dos serviços de limpeza em greve. Nos dias seguintes, rebeliões negras explodiram em mais de uma centena de cidades. As chamas chegaram a apenas seis quarteirões da Casa Branca. Setenta mil uniformes de tropas federais foram necessários para reestabelecer a ordem pública.

Os levantes negros de abril de 1968 representaram apenas um terço das trezentas rebeliões urbanas que tinham ocorrido desde o verão de 1964. Segundo a opinião da própria Comissão de Conselho Nacional sobre as desordens civil, quase que um em cada cinco habitantes dos setores afetados participaram dessas manifestações (o que significava, à época, mais de um milhão de pessoas).

A luta social em – e ao redor de – 68 atravessou e transformou todas as instituições e organizações populares estadunidenses. As batalhas por igualdade da população negra e contra a guerra no Vietnã reviveram as lutas de emancipação de todas as minoridades raciais estadunidenses e insuflaram uma nova dinâmica no movimento pela libertação das mulheres. Em conexão com esse ano de revolta global, tais batalhas foram o caldeirão de um completo novo espírito e de uma nova prática do internacionalismo.

As revoltas de 68 saíram de uma nova configuração da esquerda estadunidense. A mudança mais notável foi o aumento espetacular de suas fileiras. Dezenas de milhares de jovens foram ganhos às ideias radicais. Os Estudantes por uma Sociedade Democrática (*Students for a Democratic Society*, SDS), por exemplo, tinham no final do ano triplicado seu corpo militante atingindo a marca de cem mil membros.

Mais significativas ainda foram as mudanças nas orientações e na estratégia da esquerda. Os eventos de 1968 forçaram os



militantes mais ativos da Nova Esquerda (*New Left*) dos anos 1960, dinâmicos, mas anti-idelógicos, a considerar perspectivas mais sistemáticas, fazendo o marxismo, portanto, a ocupar um lugar central. Em particular, as variantes de marxismo que privilegiavam o anti-imperialismo e o antirracismo e que prestavam atenção à experiência dos partidos comunistas do Terceiro Mundo ganharam sensivelmente mais audiência. Os partidários dessas perspectivas passaram a formar novas organizações marxistas-leninistas ou a aderir a grupos socialistas já existentes herdeiros da “velha esquerda”. Durante alguns anos no pós-68, pareceu que os esforços desses grupos em se enraizar nos meios operários, nas populações oprimidas pelo racismo e em construir uma corrente radical perene na classe operária estadunidense renderiam frutos.

Mas isso não aconteceu. Assim como em outros países, a esquerda estadunidense advinda de 68 se mostrou incapaz de compreender as dinâmicas econômicas e sociais do fim dos anos 1970 e 1980. Suas forças se dissiparam enquanto que o bloco no poder reunido sob a bandeira do reganismo (ou do neoliberalismo) orientou a política dos Estados Unidos em outra direção.

O que se viu depois de 1968 marcou uma mudança qualitativa na esquerda estadunidense. As tentativas de reviver uma radicalidade hoje não chegarão a lugar nenhum se elas não partirem de ensinamentos e se não prolongaram o sucesso e não superarem as fraquezas da esquerda que nasceu do caldeirão das revoltas de massa de quarenta anos atrás.

O caminho de toda uma década

As explosões e transformações de 68 não tiveram nada de repentino. Elas foram o resultado de uma década de manifestações de massa durante a qual dezenas de milhares de pessoas fizeram suas novas experiências da relação que mantinham com a política, com a militância e com o capitalismo.

A força motora foi o movimento das populações negras pelos direitos civis, que teve sua primeira aparição marcante com o



boicote dos ônibus em Montgomery (Alabama, 1955-1956). A conferência de direção dos cristãos dos Estados do Sul, implantada no clero sob a autoridade de Martin Luther King, e o Comitê Não-violento de Coordenação dos Estudantes (SNCC), baseado na juventude e nos meios populares, foram o posto avançado das lutas. O combate posto em prática pelo movimento a favor do fim da segregação e do monopólio branco sobre o poder político foi longo e difícil. O seu sucesso, cuja expressão legislativa foi a lei de direitos civis de 1964 e a lei de direito ao voto de 1965, teve uma importância capital. O movimento de direitos civis cumpriu um papel decisivo na reabertura de um espaço de contestação depois da histeria anticomunista da caça às bruxas no fim dos anos 1940 e no início dos anos 1950.

A vitória contras as chamadas leis Jim Crow abriu caminho para novas conquistas pelo conjunto dos movimentos democráticos. Pondo fim à segregação legal, milhões de pessoas passam a reconhecer que a desigualdade racial não era somente a consequência de legislações injustas e de preconceitos individuais, mas que ela era ligada à própria estrutura socioeconômica do país. Em outro front, a vitória da revolução cubana, em 1 de janeiro de 1959, atizou a atenção da juventude contestatória sobre os movimentos de libertação nacional que varreram a Ásia, a África e a América Latina.

É nesse contexto que os Estudantes por uma Sociedade Democrática (SDS) apareceram como a principal expressão de radicalidade entre os estudantes brancos. Em 1964, o SNCC e o SDS se afirmaram como as duas primeiras organizações de uma nova esquerda em expansão. Nenhum desses dois grupos eram explicitamente anticapitalistas e a maior parte de seus membros não viam na classe operária um agente fundamental de transformação revolucionária. Contudo, ambos se caracterizavam pela adesão ao princípio de ação direta, pela sensibilidade radical e pelo confronto de todas as relações de poder desiguais e opressivas.



Quando a grande escalada da guerra do Vietnã começou em 1964 e 1965, o SNCC foi uma das primeiras organizações a adotar uma posição antiguerra. O SDS jogou um papel decisivo no lançamento da contestação entre os estudantes brancos que constituiriam o maior movimento das manifestações antiguerra da década seguinte.

Entre 1964 e 1967, os movimentos contra o racismo e a guerra ganharam terreno. Os militantes fizeram a conexão entre o militarismo, o racismo, a pobreza e, enfim, o capitalismo. As trajetórias políticas de Malcolm X e de Martin Luther King, figuras centrais na evolução do radicalismo dos anos 1960, foram ao mesmo tempo elementos motores e reflexos das transformações ideológicas em curso.

Em 1965, Malcolm decide romper com o *Nation of Islam* e lança a Organização da Unidade Afroamericana (*Organization of Afro-American Unity*) de modo a fornecer uma expressão organizacional à perspectiva internacionalista revolucionária que caracterizou o último ano de sua vida. Depois do assassinato de Malcolm (em 21 de fevereiro de 1965) e a publicação do seu livro *Autobiografia*, as suas análises sobre o internacionalismo, a autodeterminação e o *Black Power* tiveram uma influência profunda em milhares de jovens militantes.

Dois anos mais tarde, Martin Luther King desafiou as intensas pressões advindas tanto do governo como dos setores mais institucionais do movimento de direitos civis e condenou publicamente a guerra no Vietnã. Em seu discurso de ruptura, “Romper o silêncio”, no mês de abril do mesmo ano, ele não apenas descreveu o governo dos Estados Unidos como “o grande provedor de violência no mundo hoje”, mas também defendeu uma rejeição geral da guerra, do racismo e da pobreza. Ele escreve que os Estados Unidos precisavam de uma “revolução dos valores” visando, com o objetivo de garantir a justiça e a liberdade para todos, a necessária evolução do país em direção ao socialismo democrático. No último ano de sua vida, King se



investe completamente numa organização vigorosa da *Poor People's Campaign*, se esforçando com isso para prolongar sua análise, cada vez mais radical, em uma potente iniciativa de massa.

Muitos jovens militantes influenciados por Malcolm X e Dr. King se comprometeram em ir até mais longe. Eles tomaram consciência do fato de que, ainda que os estudantes fossem os mais numerosos nas manifestações antiguerra, as sondagens demonstravam um sentimento antiguerra particularmente forte entre os operários, os pobres e os negros. A implicação nos movimentos de libertação na África e na América Latina criou as condições para um maior interesse pelo marxismo. Na medida em que aproximávamos do ano de 1968, os movimentos de contestação estadunidenses se distinguiam não somente por seu rápido crescimento, mas também pelo de seus militantes mais ativos na busca de novas perspectivas.

1968: a virada crucial

O primeiro grande choque do ano, a Ofensiva do Tet, foi ainda maior porque ela praticamente não era esperada. Em 30 de janeiro, o Front de Libertação Nacional lança um ataque coordenado em todo o país, ataque que constituiu a virada crucial da guerra. A ofensiva revelou o fracasso da estratégia de Washington e quebrou o consenso que havia até então prevalecido no interior da elite estadunidense. A rebelião antiguerra se manifestou primeiramente no interior do próprio partido de Johnson, principalmente através da tentativa de Eugene McCarthy de confrontar o presidente nas primárias democratas durante a primavera do mesmo ano.

Com o episódio do Tet, Johnson foi constrangido a reunir um grupo *ad hoc* de conselheiros escolhidos entre os grandes atores de Washington (“os sábios”). Eles explicaram a Johnson que ele não possuía nenhuma chance de vitória. Com o crescimento da contestação antiguerra, essa foi origem da surpreendente retirada de Johnson da corrida presidencial. Apenas quatro anos mais



cedo, Johnson havia sido levado por uma maré eleitoral para ser agora obrigado a renunciar a um novo mandato. Ofuscados durante alguns dias, os movimentos de oposição saborearam esse momento e se prepararam para novas vitórias.

Acontece então o assassinado de King. Além de uma centena de rebeliões que se inflamaram em algumas horas, sua morte teve um profundo impacto ideológico. Para dezenas de milhares de pessoas, aqueles que tinham participado ou apoiado os movimentos de contestação foram convencidos de que o “sistema” não podia ser reformado pela via eleitoral ou através da contestação não-violenta: restava apenas revertê-lo através da força.

Tais sentimentos se reforçaram dois meses mais tarde com o assassinato de Robert Kennedy, candidato à eleição presidencial. O irmão do presidente assassinado, John Kennedy, aderiu tardiamente às bandeiras antiguerra e da defesa dos mais modestos e das minorias oprimidas. Depois do assassinato de King, eram muitos os que viam em Kennedy uma “última esperança” de mudança pelas vias tradicionais. O processo de radicalização se acelerou ainda mais dois meses depois, quando Hubert Humphrey, artesão da guerra e leal vice-presidente de Johnson, foi designado candidato pelo Partido Democrata à eleição presidencial enquanto que as forças de polícia atacavam violentamente os manifestantes nas ruas de Chicago.

Para os jovens militantes, cujo número era cada vez maior, a radicalização não se devia somente à cólera contra um sistema inflexível e assassino. Ela correspondia ao sentimento cada vez mais claro de que havia a possibilidade de uma transformação revolucionária. O Tet havia naufragado a ideia de um império estadunidense invencível. Depois, em maio, uma insurreição de um milhão de pessoas na França pareceu colocar a revolução na ordem do dia nos próprios bastiões do capitalismo avançado. A mensagem arrebatadora vinda de Paris ganhará sentido com as histórias de militantes franceses ou estadunidenses indo de um campus a outro depois de terem participado dos eventos e de



terem testemunhado as alianças entre estudantes e trabalhadores e a rápida expansão das organizações revolucionárias.

(Em um plano pessoal, eu me lembro ter ficado fascinado quando um membro de minha seção do SDS, que havia passado a primavera em Paris, nos contou sobre a célebre “noite das barricadas”. Isso foi um fator importante na minha decisão de fazer da militância radical o fio condutor da minha existência. Obrigado aos estudantes e aos trabalhadores franceses!.”.)

O despertar de uma sociedade

O ano de 1968 traçou uma linha divisória para outras movimentações e movimentos. Até 68, nos Estados Unidos, as organizações de moradores chineses, japoneses, coreanos, e de origem asiática em geral, eram constituídas a partir de uma base simplesmente nacional. Naquela primavera, uma nova dinâmica se colocou em movimento enquanto os grupos que se definiam como asiático-americanos se formaram em diversos campi da costa oeste. O verão de 68 viu ser realizada a primeira conferência nacional de estudantes asiático-americanos, e antes mesmo do fim do ano um novo movimento radical asiático-americano ganhava o conjunto do país.

Em 3 de março de 1968, mais de mil estudantes mexicano-americanos se desligam do colégio Lincoln de Los Angeles, inaugurando assim uma nova série de desligamentos dos colégios. Essa foi a origem de um renascimento em larga escala da história de resistência militante da comunidade mexicana-americana, principalmente no que se refere à formação do grupo militante dos *Brown Berets* e de *CASA-Hermandad General de Trabajadores*, uma organização socialista implementada no meio operário mexicano.

Em 23 de setembro de 1968, dezenas de milhares de pessoas desfilaram em Porto Rico para celebrar o centésimo aniversário do El Grito de Lares, a insurreição de 1868 que proclamou pela primeira vez a república independente de Porto Rico. Essa renovação (*El Nuevo*



Despertar), com militantes à frente de seu comando, não demorou a ganhar as comunidades porto-riquenhas dos Estados Unidos.

O *American Indian Movement* (AIM) nasce em 1968 e revive as antigas lutas pela soberania dos indígenas estadunidenses.

No outono de 68 ocorreu a primeira conferência nacional de um novo Movimento pela Libertação das Mulheres. Ao longo da década seguinte, a “segunda onda do feminismo” iriar reagrupar milhões de pessoas e reverter várias das velhas barreiras sexistas, marcando em seguida profundamente a paisagem cultural e política.

A contestação ardia nos campi durante todo o ano de 1968, contestação normalmente colocada em prática pelos estudantes negros. A primeira ocupação de locais em um campus estadunidense acontece em março de 1968 na Universidade de Howard (Washington) onde estudantes militantes negros obtiveram ganho de causa em quase todas as suas reivindicações. Em maio, em Columbia (Nova York), mil estudantes ocuparam cinco prédios em sinal de protesto ao projeto da universidade que visava deslocar os residentes da comunidade negra vizinha e contra as relações que a universidade matinha com o Instituto de Análise Militar (*Institute for Defense Analysis*), associado à guerra do Vietnã. Na Universidade de São Francisco, o Front de Libertação do Terceiro Mundo encampou uma greve de quatro meses e meio obrigando a administração a implantar um dos primeiros programas de estudos étnicos do país.

A luta afro-americana continuou a ocupar um lugar central. A partir de 1968, em todas as grandes cidades dos Estados Unidos, militantes dos *Black Panthers* (partido criado em 1966) defendiam seu programa de autodeterminação negra, anticapitalista e internacionalista. As fileiras dos *Black Panthers* chegavam a perto de cinco mil pessoas. Em setembro de 1968, o chefe do FBI, J. Edgar Hoover, denunciou publicamente os Black Panthers como “a maior ameaça à segurança interior do país” e deu ordens para serem intensificados os esforços que visavam destruir o partido



por meio do Programa de Contraespionagem (COINTELPRO), de sinistras lembranças.

Um movimento unido sobre uma base de classe?

Até o fim dos anos 1960, foi preciso lamentar o silêncio do movimento operário. As direções se contentavam principalmente em apoiar formalmente as iniciativas ao redor dos direitos civis, mas continuavam regularmente (com apenas algumas honrosas exceções) a lançar mão de práticas discriminatórias no interior das próprias fileiras das organizações operárias. Da mesma forma, as direções permaneciam significativamente aprisionadas pelo anticomunismo da guerra fria e apoiando a guerra no Vietnã. Apenas alguns sindicatos como o *West Coast Longshoremen* (dos trabalhadores estivadores) ou o *New York's Hospital Workers* demonstravam seu desacordo. Havia também alguns grupos de trabalhadores (em sua maioria trabalhadores negros) capazes de dirigir a energia das lutas antirracistas e antiguerra dos anos 1960 contra esse predominante consenso.

A virada crucial ocorreu em Detroit, capital da indústria automobilística dos Estados Unidos. Em 2 de maio de 1968, um grupo de militantes negros organizados na *Dodge Revolutionary Union Movement* (DRUM) esteve na origem da primeira greve selvagem em 14 anos que buscava paralisar a gigantesca planta de Dodge Main. Em algumas semanas, centenas de operários desafiaram a direção do *United Auto Workers* aderindo ao *Revolutionary Union Movement* (RUM), formado a partir de outras fábricas. A onda de choque foi sentida até no coração dos Estados Unidos do capital, na imagem desta apreciação do *Wall Street Journal*, segundo quem “a revolução negra dos anos 1960 tinha agora atingido um dos pontos mais vulneráveis do sistema econômico estadunidense; o mecanismo da produção de massa, ou dito de outra forma, a linha de montagem”. O DRUM esteve na vanguarda do novo ativismo dos jovens trabalhadores negros em escala nacional. A resistência negra começou a encontrar,



ainda que de maneira parcial, os sentimentos de revolta presentes nos jovens trabalhadores brancos entre os quais se encontravam muitos veteranos do Vietnã. Foi também o momento em que o movimento dos trabalhadores agrícolas da Califórnia, conduzidos por César Chávez, se juntou aos trabalhadores mexicanos dos Estados Unidos em uma potente nova força.

Essa agitação que veio de baixo contribui sensivelmente para o fato dos sindicatos se lançarem, entre 1969 e 1970, nas greves mais duras que eles haviam participado desde 1946. Além disso, no interior do próprio movimento operário, grupos militantes que emergiam das batalhas dos anos 1968-1972 perseguiram o combate contra as discriminações ao longo da década seguinte, conseguindo em pouco tempo colocar fim a uma série de práticas racistas.

Transformação no interior da esquerda

No interior da esquerda, esse novo ativismo operário no nível da produção teve um impacto considerável. Malcom X, Martin Luther King, a luta vietnamita, e as experiências próprias dessa esquerda já haviam colocado no programa da juventude militante as questões do internacionalismo, do anti-imperialismo e as interconexões entre guerra, pobreza, racismo e capitalismo. O sucesso dos *Black Panther*, um grupo de quadros disciplinado, levou muitos deles a reconsiderar a aversão que a nova esquerda tinha à organização solidamente estruturada. O ativismo operário visível na França em 1968 (ou em 69 ao longo do “outono quente” na Itália) causou uma impressão forte nos jovens radicais nos Estados Unidos: a classe operária dos bastiões do imperialismo não era, portanto, talvez tão burguesa quanto ele. E não é que agora os trabalhadores acordaram aqui mesmo, nos Estados Unidos! Essa tomada de consciência foi acompanhada de uma acelerada virada em direção ao marxismo, o que fez rapidamente se tornar um hábito corriqueiro ver importantes representantes da nova esquerda - para quem, em 1966, o marxismo já não era nada mais



do que “o dogma arcaico da esquerda” - se declararem “comunistas revolucionários”.

Determinados, mas relativamente menos numerosos, aqueles e aquelas que se voltavam ao marxismo gravitavam em direção ao Partido Comunista dos Estados Unidos. Em 1968, a intervenção militar soviética na Tchecoslováquia descreditou o comunismo pró-soviético aos olhos de toda uma geração, cuja radicalização estava diretamente ligada à questão da autodeterminação nacional. Diversas tendências trotskistas, com suas precisas análises críticas da sociedade soviética (e suas participações ativas no movimento antiguerra) atraíram um grande número de jovens militantes. Entretanto, o setor mais dinâmico foi aquele das correntes voltadas aos partidos revolucionários do Terceiro Mundo. A Revolução Cultural chinesa (apresentada como uma prática do socialismo pela base) e o internacionalismo de Che, que conclamava a criação de “dois, três, vários Vietnãs”, tiveram ecos retumbantes. Daí a corrente caracterizada como “marxismo terceiro-mundista” (também conhecida sob o nome de “novo movimento comunista”) que apareceu no começo do ano de 1968, e não era para menos. Desde o começo dos anos 1970, ela foi a tendência mais dinâmica e a mais multirracial da esquerda socialista estadunidense. Não por azar que a Liga dos Trabalhadores Negros de Detroit (*League of Revolutionary Black Workers*), advinda do DRUM, era geralmente identificada a essa corrente. Para todos os tipos de militantes radicais vindos de todos os lugares, em 1968, ficou claro que a Liga tinha a experiência mais sólida de campo e na intersecção das questões de exploração de classe e de opressão racial. Consequentemente, para muitas pessoas, o seu sucesso representava a possibilidade de libertar o potencial revolucionário de toda a classe operária estadunidense.

Todas essas tendências marxistas alimentaram grandes esperanças. Pesquisas de opinião realizadas no outono de 68 indicavam que, entre os estudantes, as pessoas se identificavam mais com o Che (20%) do que com qualquer um dos candidatos à



presidência dos Estados Unidos. Mais de um milhão de estudantes se consideravam fazer parte da esquerda. Entre os afro-americanos, os sentimentos revolucionários não aumentavam simplesmente em influência, mas tornavam-se hegemônicos, ao menos entre os menores de trinta anos. Todas as outras comunidades étnicas foram influenciadas por correntes radicais. E, pela primeira vez após os expurgos anticomunistas do fim dos anos 1940, a radicalidade tinha o vento em popa no movimento sindical.

Uma dinâmica que continua ao longo dos anos 1970

Durante muitos anos após 1968, a militância de massa permaneceu vivaz e a esquerda continuou a crescer.

As mobilizações antiguerra dos anos 1969-1970 foram muito maiores que aquelas de 1968. Atingiu-se o clima com a invasão do Camboja em maio de 1970, revelando o fracasso da política de “vietnização” de Richard Nixon. Houve conflitos com a polícia e com a guarda nacional em todos os cantos do país. Quatro estudantes brancos foram assassinados na Universidade de Kent (Ohio) e dois estudantes negros na Universidade de Jackson (Mississippi). As greves e mobilizações em quatrocentos e quarenta campi do país, com a participação de quatro milhões de estudantes e de trezentos e cinquenta mil pessoas, pareciam uma greve geral da universidade.

Pela primeira vez, uma força fraturou as direções sindicais no que se refere à questão da guerra. Um manifesto antiguerra recebeu a assinatura de duzentos e cinquenta funcionários do Departamento de Estado e foi relatado que para o Secretário de Estado da época, Henry Kissinger, “era o próprio sistema de governo que estava em colapso”.

Nixon foi obrigado a voltar atrás e teve que prometer a retirada das tropas do Camboja em até trinta dias. Foi esse o prenúncio da renúncia do presidente e de sua desgraça final com a crise de Watergate.

No Vietnã, a agitação ganhou até mesmo as fileiras do exército. A rejeição de ir ao combate por boa parte dos soldados soltados nutria um movimento de protesto operário e negro contra o racismo e a guerra. Os registros militares revelaram milhares de casos de desobediência e quinhentas e cinquenta e uma agressões armadas deflagradas contra superiores entre 1969 e julho de 1972. A amplitude da crise no interior do exército foi revelada por um coronel no *Armed Forces Journal* de junho de 1971: “Ao sul do Vietnã, a desorganização das forças militares estadunidenses está a ponto de se tornar completa devido ao fato de indivíduos e unidades que estarem evitando ou recusando o combate, assassinando seus oficiais, se drogando regularmente, e se afundando em plena desmoralização... o ardor, a disciplina e a bravura das forças armadas estão... abaixo do nível de tudo o que se pôde conhecer ao longo deste século e, provavelmente, durante toda a história dos Estados Unidos”.

Nesse momento, o grupo de veteranos do Vietnã contra a guerra contava com onze mil membros, vinte e seis coordenadores regionais e possuía uma ala esquerda que clamava pela vitória do Front de Libertação Nacional.

O movimento radical no pós-68 se desenvolveu entre os detentos. Contabilizou-se não menos que dezesseis rebeliões em prisões durante o ano de 1970 e, em 1971, houve o terrível confronto da prisão de Attica (no estado de Nova York): mil e duzentos detentos tomaram o controle de metade da prisão e fizeram reféns. Tomando de assalto, os policiais mataram vinte e nove prisioneiros, enquanto dez reféns faleceram através de seus tiros. Segundo uma comissão oficial, “com exceção dos massacres de indígenas do final do século XIX, o assalto da polícia foi, eu um só dia, o enfrentamento mais mortífero desde a guerra civil”.

O movimento de libertação das mulheres, em ascensão, se somou à dinâmica geral. A rebelião de *Stonewall* na cidade de Nova York, em junho de 1969, durante a qual milhares de gays enfrentaram a polícia (para quem, há muito tempo, a perseguição



anti-homosexual era uma questão de rotina) foi o ato fundador do movimento de libertação de gays e lésbicas.

Cabia talvez àqueles que tinham sido os pioneiros a estarem também na origem do último marcante episódio do que é conhecido com “os sixties”. No início do mês de fevereiro de 1973, os combatentes indígena-americanos pela liberdade ocuparam o local de Wounded Knee na reserva de Pine Ridge em Dakota do Sul. Setenta e um dias durante os quais uma aliança de anciões indígenas tradicionais e de novos militantes desafiou o cerco a eles imposto pelo FBI junto com os esquadrões locais e as tropas federais.

Nesse momento, as organizações marxistas que haviam se formado ou se desenvolviam desde 1968 estavam plenamente voltadas ao trabalho de massa operário. O Partido Comunista dos Estados Unidos cativou em sua direção uma onda de novos militantes ao longo de sua (vitoriosa) campanha pela libertação de uma de suas figuras emblemáticas, Angela Davis, que havia sido acusada de ter colaborado com uma rebelião de prisioneiros. As fileiras do *Socialist Worker Party* trotskista atingiram seu pico máximo desde a guerra graças ao seu papel em uma das duas principais coalizões nacionais contra a guerra no Vietnã. O meio, mais restrito, dos internacionalistas do “terceiro campo”, avançava em seu trabalho de enraizamento de militantes na indústria pesada. Dezenas de organizações e de coletivos “neocomunistas” inspirados por diversos marxismos vindos do Terceiro Mundo, e principalmente o maoísmo, pareciam convergir para formar o principal polo dentro da esquerda anticapitalista.

Essas formações tiveram suas forças e suas fraquezas, mas no conjunto, a envergadura e a qualidade de seu trabalho de organização na classe operária ultrapassou largamente tudo o que havia existido desde os anos dos expurgos e das repressões comunistas (1947-1953) que haviam deixado a esquerda e um estado terrível. Esses grupos se situavam na intersecção de questões de classe e de raça, ao mesmo tempo no plano teórico e



prático, e sua coesão os permitia implantar campanhas e operações coordenadas com base em uma sofisticada divisão do trabalho. Em todas essas esferas, eles representavam um notável progresso em relação ao que propunha a nova esquerda. Entretanto, um verdadeiro balanço deve também levar em conta o fato de que essas novas tendências marxistas negligenciavam certas contribuições importantes da nova esquerda sem, contudo, se livrarem de problemas consideráveis: a adaptabilidade, a criatividade e a preocupação democrática foram muitas vezes descartadas em favor do dogmatismo, do sectarismo e de estruturas hierarquizadas que deixavam pouco espaço às iniciativas vindas da base.

Esses problemas pareciam ser de ordem secundária no momento em que a geração de 68, repleta de entusiasmo, adentrava na nova década que se iniciava. Ela era otimista em relação às possibilidades de aumentar seu enraizamento na classe operária multirracial e se sentia tomada pelo clima geral de radicalidade. Uma pesquisa de opinião de 1971 demonstrava que mais de três milhões de pessoas julgavam que uma revolução era necessária nos Estados Unidos. Uma década depois, a geração radical do final dos anos 1980 teve antes de enfrentar uma situação de (inesperado) fracasso do que de (suposto) crescimento. De todo modo, sua experiência durante e depois dos anos 1970 é rica de lições para a nova geração. Nada disso teria sido possível sem as metamorfoses do ano de 1968.



1968: um velho mundo que ficou para trás

Fernanda Melchionna¹

Nestes 50 anos do revolucionário maio de 68, é fundamental analisarmos este belo momento da história de luta dos jovens e dos trabalhadores. Não há dúvidas de que, enquanto revolução no sentido de destruir as estruturas de poder vigente e derrotar o modo de produção capitalista, não foi vitoriosa. Mas o mundo não seria o mesmo sem as mobilizações multitudinárias que sacudiram o globo há 50 anos. Nem todas com a dimensão do maio francês, capaz de arrastar junto o movimento operário e em dias botar em cheque o poder instituído, mas todas com as características dos jovens como protagonistas do processo. Em todas o clamor por liberdade.

O mundo, recém-emergido da segunda guerra mundial, havia sido dividido esquematicamente, pelo Pacto de Yalta, em um mundo bipolar. Do lado capitalista, o imperialismo inglês e francês em declínio desde o fim da guerra, sendo que as lutas anticoloniais dos anos 50 ajudaram a solapar esta influência. Isso deu espaço para os EUA ser a potência chefe do mundo capitalista. Do lado do socialismo real a URSS, já há muito burocratizada, dando as cartas no processo global do outro campo, pois a revolução russa de 1917 há muito já havia sofrido a contrarrevolução estalinista, o sufocamento do poder operário, as perseguições e execuções dos críticos ao regime.

Neste contexto uma geração inteira, o do *baby boom* – fenômeno assim chamado pelo aumento enorme da natalidade com o término da guerra –, cresceu vendo por um lado um capitalismo plastificado, a ode à sociedade de consumo, tentando exportar o *american way of life* para o mundo, ao mesmo tempo em que milhões de jovens não encontravam vaga nas universidades e se viam sufocados pelos costumes vigentes. Os jovens soviéticos, sob o comando do socialismo burocratizado, também eram

¹ Vereadora de Porto Alegre e dirigente do MES/PSOL.



sufocados pelo controle do Estado sobre a vida, pelos costumes conservadores, pela ausência de democracia e pela imposição do que o aparato estalinista mandava.

Além do conservadorismo político, estamos falando de um período histórico de segregação racial, de criminalização da liberdade de orientação sexual, de ausência de muitas liberdades para as mulheres, ainda prisioneiras do lar e do casamento, sendo um tabu falar de liberdade sexual. Estamos falando dos EUA como um país herdeiro do macarthismo, que na década de 50, com a Subcomissão Permanente de Investigação do Senado presidida por Joseph McCarthy, com a febre anticomunista e o moralismo altamente conservador, perseguiu professores, artistas, militantes e a tod@s considerados subversiv@s. É evidente que havia resistências e contestação a esta sociedade retrógrada antes, mas em 68 esta resistência deu um salto e se tornou global, impulsionando a vaga de lutas democráticas na esteira das lutas anti-imperialistas, anticapitalistas e antiburocráticas.

Antiimperialista porque uma das marcas foi a contestação à Guerra Vietnã. A luta pela independência da Indochina (Camboja, Laos, Vietnã) foi parte das revoluções democráticas de 45. Começou em 46 e se estendeu até 1954. A invasão do Japão no Vietnã, no final da Segunda Guerra Mundial, provocou uma grande resistência e constituiu Ho Chi Mím como grande líder da Independência, além da proclamação da República Democrática do Vietnã. Com a derrota do Japão na Guerra, o imperialismo francês tenta retomar o controle do Vietnã, mas o povo já não aceita mais a dominação imperialista. Este impasse leva a uma tentativa militar francesa de retomar a região, que é derrotada em 1954. Da região da Indochina, apenas o Vietnã do Sul segue sendo parte do bloco capitalista. Laos, Camboja e o Vietnã do Norte se aproximaram do bloco comunista e o elemento de descontrole da geopolítica mundial alerta os EUA, que começa a financiar o Vietnã do Sul. Com medo de um efeito dominó de novas revoluções em toda a região depois do assassinato de Ngo



Dinh Diem (presidente do Vietnã do Sul em 1963), o governo do EUA começa a Guerra contra o Vietnã em agosto de 1964.

Evidentemente, o poderio bélico estadunidense era mais potente, e em 1968 já são meio milhão de soldados americanos no Vietnã. Mas os vietnamitas começam a usar as técnicas de guerrilha para se defender. Aproveitando as comemorações do Ano Novo Lunar, os guerrilheiros vietnamitas lançam a ofensiva do TET, atacando simultaneamente mais de cem cidades e cinquenta aldeias em 30 de janeiro de 69. O maior resultado da ofensiva foi na moral das tropas e na opinião pública estadunidense. Cresce a contestação à Guerra e a exigência do retorno dos soldados americanos.

A revolução chinesa de 1949, a revolução cubana de 1959 e as crescentes lutas pela libertação nacional são revoluções que transbordam, rompem o pacto de coexistência pacífica firmado em Yalta, fatos que tiveram repercussão na tentativa militar no Vietnã para evitar mais descontrole, mas também foram combustível para as revoluções que estão por vir em 1968.

A revolução de 68 foi anticapitalista porque a crítica à sociedade de consumo, ao conservadorismo, marcou a parte capitalista do mundo. O maio francês, que começou como resposta à repressão da ocupação da Universidade de Nanterre, com pautas iniciais como a solidariedade ao Vietnã e críticas a estrutura conservadora da Universidade, transborda para uma poderosa greve estudantil que arrasta a contragosto os líderes burocráticos ligados ao PC Francês, o movimento operário de conjunto. Um grito pelo poder popular, a unidade operária juvenil e a vontade de construir uma sociedade distinta dão poder à imaginação. Aqui teremos mobilizações fortes como a lutas pelos direitos civis nos EUA, na Alemanha, na Espanha, na Argentina (com o *Cordobazo*), no Chile que ajuda as bases também para a futura vitória de Allende, no México com a luta estudantil cruelmente reprimida no “Massacre de Tlatelolco”. No Brasil, em meio à ditadura militar, a famosa Passeata dos Cem Mil contra a ditadura e em memória do

jovem Edson Luís, assassinado em 28 de março em um protesto no Restaurante Calabouço, no RJ, e ápice de uma luta de meses na esteira deste processo.

Foi antiburocrática, porque estes jovens começam a buscar novas referências no campo socialista, os crimes de Stalin já haviam sido denunciados. Bandeiras com a cara de Che aparecem nos protestos. Na França de 68, o grupo trotskista JCR se converte em uma das grandes referências do processo. Se no mundo capitalista temos o maio de 68 na França como ápice do grito de liberdade, do outro lado a primavera de Praga e o levante do povo da Tchecoslováquia mostraram o descontentamento com a divisão burocrática imposta pela URSS. Em janeiro de 68 a luta interna no PC leva Alexander Dubcek a assumir o governo. Dubcek começa um processo de um “socialismo de face humana”, mudando a matriz econômica, concedendo liberdade sindical e de auto-organização, garantindo liberdades civis, abolindo a censura e os entulhos burocráticos anteriores. O povo experimenta uma revolução dentro da revolução, e Praga volta a respirar com liberdade. O líder do “socialismo com face humana” é amplamente respaldado pelas massas. Mas, logo, temendo o efeito exemplo e a mudança na divisão internacional da produção deste bloco, no dia 21 de agosto tanques de guerra soviéticos entram na cidade, prendem Dubcek e outros líderes deste processo e trazem um longo inverno a Praga. Lacaios da URSS assumem o governo e até hoje há dúvidas se a capitulação de Dubcek não é produto de longas torturas no período que esteve preso na URSS.

Embora, como processo de mudanças radicais na estrutura da sociedade, 1968 tenha sido derrotado, afinal estes jovens jogaram com a imaginação e auto-organização contra dois enormes aparatos mundiais, o mundo jamais foi o mesmo após a irrupção juvenil. Certamente os costumes nunca mais foram os mesmos, a cultura da mesma forma e as lutas democráticas ganharam um novo impulso.

É proibido proibir!



Uma das canções imortalizadas por Caetano Veloso, no Brasil, tem no seu título umas das milhares de pichações na rebelde Paris. Além desta, “Sejamos realistas, queiramos o impossível”, a “imaginação no poder”, “barricadas fecham ruas, porém abrem caminhos” ou a célebre “debaixo dos paralelepípedos, tem uma praia” mostram a criatividade que marcou 68. Esse processo além de uma ruptura ética, também gerou uma ruptura estética.

Esta é a época do rádio, da televisão nascente, da indústria cultural americana voltada à sociedade de consumo, ao individualismo e ao moralismo protestante. Já no bloco soviético, a arte há muito havia sido sufocada e agora era usada apenas como instrumento para fazer propaganda do regime, tal como o careta “realismo socialista”.

Se nos EUA, na década de 50 temos o rock’ n’ roll como uma manifestação artística que buscava subverter o conservadorismo, é verdade que mais na forma do que no conteúdo das canções, a geração beatnik questionou o consumismo e as premissas desta sociedade plastificada. Jack Kerouac e Allen Ginsberg inspiraram muitos artistas e estudantes que, em 68, serão os protagonistas da contracultura. Como contracultura podemos entender todo o conjunto de manifestações artísticas, culturais e sociais que vão questionar o moralismo na época, a busca de uma narrativa que quebrasse o conjunto de valores conservadores impostos a esta geração. Neste marco, a busca por liberdade transbordava muros pichados, encontrando ecos em outras perspectivas sobre a música, o sexo, gênero, raça, ecologia, comunidades alternativas. A busca de um novo *ethos* estava em voga. Os jovens sabiam bem o que queriam questionar, buscavam novas formas de afirmar a necessidade de uma nova sociedade.

Um dos grandes marcos da contracultura é o famoso festival de Woodstock, que aconteceu durante 4 dias. Ninguém supunha a dimensão que o festival teria quando buscavam emprestada uma fazenda no interior de Nova York. Chegaram a vender mais de 100 mil ingressos, mas diante da grande procura de pessoas, a



entrada foi liberada, e durante estes dias 400 mil pessoas estiveram no local para ouvir músicos como Joan Baez, Jimmi Hendrix, Janis Joplin, Bob Dilan. Um dos momentos que entraram para história é Jimmi Hendrix tocando na guitarra o hino americano e distorcendo as notas para simular o barulho das bombas em clara alusão à Guerra do Vietnã.

Na música o rock, o blues, o folk combinavam protesto, com a defesa da liberdade. Woodstook também é marco pela defesa da liberdade sexual em uma sociedade onde que sexo antes do casamento era um tabu, que homens não podiam frequentar o dormitório das mulheres em universidades e que recentemente o debate sobre os contraceptivos tinha entrado em cena, encontrando grande resistência na Igreja e nas mentes conservadoras que achavam que as mulheres deveriam servir sempre e apenas para procriar. Achavam um absurdo que pudéssemos controlar e decidir quando e quantas vezes seríamos mães.

O lema do movimento hippie, também impulsionado por 68, nos traz “Faça amor, não faça guerra” o caráter pacifista e da libertação sexual eram a tônica do movimento hippie. Retratos desta época foram imortalizados no famoso filme *Hair* que, ao entrar em cartaz justamente neste momento, se converteu em um sucesso e ainda hoje é assistido por muitas gerações posteriores aos jovens revolucionários de 68.

Ainda na música, cabe o registro do rock ácido (*acid rock*), nascido em San Francisco, em que os artistas buscavam misturar sonoridades para fazer alusão ao efeito psicodélico do ácido lisérgico (LSD). Aqui temos The Doors de Jim Morrison e o Grateful Dead de Jerry Garcia.

No cinema teremos os cineastas Jean-Luc Godard e François Truffaut que começam com um novo tipo de cinema, crítico ao caráter comercial e trazendo temas existenciais além de muita experimentação às telas a partir do movimento *Novelle Vague*.

No Brasil, sob a ditadura militar, além das passeatas estudantis que são decorrência deste turbulento cenário internacional,



a contracultura encontrará eco em jovens artistas que, conhecendo a música popular da época, também começam a sua ruptura estética. Caetano Veloso, Gilberto Gil, os Mutantes, Gal, Bethânia, Tom Zé, Torquato Neto, Nara Leão, dão início a um movimento chamado Tropicalismo, com o disco *Tropicália ou panis et circenses* em 1968. As características do *movimento* segundo Brandão e Duarte (1990 p.71) “realçando as características de arcaísmo e modernismo, fundindo os elementos tradicionais da música popular brasileira com a modernidade de vida urbana e sua cultura de consumo, a partir de um discurso de caráter fragmentário e descentrado, como num filme de Glauber Rocha”

O movimento da década de 60 Cinema Novo Brasileiro, de Glauber Rocha e tantos outros, focado em um discurso crítico e uma narração fragmentária, também inspirou o Tropicalismo, assim como o Manifesto Pau Brasil e a Antropofagia, lançados na semana de Arte Moderna em 1922. Ao conhecer todos os gêneros anteriores e misturá-los livremente, estes artistas inovaram e muito a música até então. Não é de se estranhar o discurso inflamado que Caetano dá ao ser vaiado no II Festival Internacional da Canção, ao cantar *É proibido proibir*: “Vocês não estão entendendo nada, nada, nada. Absolutamente nada. (...) Se vocês são em política como são em estética, estamos feitos (...).” A velha esquerda não estava entendendo as várias dimensões de ruptura que o ano de 68 e seus eventos traziam consigo...

Na teoria veremos o ressurgimento das ideias de Wilhelm Reich, quando jovens franceses jogavam exemplares da *Psicologia de Massas do Fascismo* nos capacetes de agentes da repressão. Reich foi pioneiro em muitos temas sobre a revolução sexual, escreveu livros como a função do orgasmo e estudava a repressão sexual e as suas repercussões na sociedade e saúde mental. Enfrentou o capitalismo, o nazismo e o comunismo burocrático em vida. O psicanalista morreu preso nos EUA em 1957, mas os rebeldes de 68 retornaram aos seus estudos e sua teoria. O próprio psicanalista Sigmund Freud encontrará ecos das suas



ideais entre os jovens que protagonizavam com mais ênfase a luta pela libertação sexual.

Herbert Marcuse, integrante da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, (autor de *Eros e a Civilização e Ideais para uma teoria crítica da sociedade e do homem unidimensional*) também estará na cabeceira de leituras de muitos revolucionários. Marcuse, que havia sido professor de Angela Davis, é um dos intelectuais que vai unir as categorias marxistas com a teoria freudiana da repressão da sexualidade. Além disto, apoiará claramente a luta dos estudantes por liberdade. Embora haja um debate sobre o sujeito social da revolução em que a medida que os jovens tomam a dianteira, um setor do marxismo passa a secundarizar o peso do proletariado industrial, entre eles o próprio Marcuse, isso não diminui o papel progressivo da intelectualidade, que combateu a velha esquerda e defendeu a revolução de 68 em seu tempo presente.

Uma contribuição essencial para pensar estrategicamente o maio de 68 como potência de uma revolução social foi a contribuição de Ernest Mandel, economista, militante e dirigente da IV Internacional e sobrevivente de dois campos de concentração durante o nazismo. Mandel defendeu a revolução dos jovens e a necessidade da unidade com o movimento operário não somente em livros, mas na agitação direta nas fábricas em greve. Por sua convicção via as potencialidades da juventude e as limitações com a ausência do movimento operário autodeterminado. Sua influência sobre os jovens revolucionários que estavam no front como Alain Krivine, entrevistado neste livro, e Tariq Ali, fez com a juventude do partido comunista rompesse e buscasse caminho próprio com a JCR. Esta organização foi fundamental em 68 e ainda hoje tem atuação na luta de classes sendo uma das principais correntes da IV Internacional.

Ao contrário de Louis Aragon, intelectual do Partido Comunista, hostilizado nas assembléias do maio de 68 francês pela posição defendida pelo partido no início das mobilizações (chamando os estudantes de grupúsculo que deviam ser isolados)



e depois revista no calor dos acontecimentos, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, dois intelectuais importantíssimos na França da época, desde o princípio apoiam publicamente os jovens em sua revolução. Sartre, dramaturgo, filósofo, escritor, se opôs a Guerra do Vietnã, a invasão da Tchecoslováquia, e tentava influenciar as novas lideranças que surgiam no calor das barricadas das ruas francesas. Simone de Beauvoir além de cumprir o papel histórico de apoio aos jovens, teve a sua obra “O Segundo Sexo” (escrito em 1949), um lugar de destaque nas brechas abertas deste período, a luta das mulheres despontará em 68.

A emergência da mulher e da nova moral sexual

Desde o início dos anos 60 vários embates estavam sendo feitas pelo movimento de mulheres que foram rapidamente potencializados a uma escala global com 68. Aqui nesta década está começando a segunda onda feminista da história. Com peso nos EUA, depois Europa Ocidental, até 1980 se espalhará por vários países do globo. Se a primeira onda ficou restrita à igualdade política das mulheres, e ainda muito marcada pelo peso das mulheres brancas, aqui teremos a ampliação de temas de luta das mulheres: o debate sobre a família, liberdade sexual, direitos reprodutivos, desigualdade salarial, violência doméstica, direito ao divórcio e o combate aos papéis historicamente construídos para os gêneros irá aparecer.

Segundo Bittecourt (2015) será nesta segunda onda que a denúncia do patriarcado como relações de poder exercido pelos homens contra as mulheres, de dominação masculina que combina ideologia e violência começa a ser problematizado. Este modelo relega as mulheres ao espaço privado. A divisão sexual do trabalho, do caráter opressor da sociedade de classes e a emergência da “transversalidade das opressões estruturais para além do gênero. Assim, elevam-se as vozes das mulheres negras e pobres, subjugadas dentro do movimento” (p.201) são elementos de questionamento.

Temas como a questão da orientação sexual também são



marcas do período que tem pensadoras como Beauvoir, Heleieth Saffioti, Betty Friedman, Nancy Fraser entre tantas outras como expressões do momento. Como é um processo desigual, as vitórias não foram universais. Cada país avançou no que entre a correlação de luta das mulheres por liberdade e a conservação machista permitiu. O marcante é que a partir de 68 as mulheres deixaram de ser e de se sentir propriedade dos homens, da casa, do casamento até que a morte os separe, do útero universal da humanidade, para definirem sua liberdade. Temas banais hoje em dia como escolher livremente seus parceiros ou parceiras, o direito a contraceptivo, usar minissaia ou calça jeans, debater gênero, conhecer o próprio corpo e conhecer e aproveitar o orgasmo, ou seja, a ideia de sexo por prazer e não para reprodução, devemos ao legado destas mulheres. O corpo feminino deixou de ser um tabu!

Poder Negro

As lutas por direitos civis nos EUA haviam ganhado corpo quando Rosa Parks, em 1955, se recusara a levantar no ônibus para dar lugar a um homem branco, fato considerado um crime pelas leis racistas da época. Na campanha em sua defesa, Martin Luther King se transformaria em um dos principais porta-vozes da luta contra a segregação racial nos EUA, com a campanha de boicote aos ônibus de Montgomery, a passeata a Washington em 64, a campanha pelo direito ao voto e a marcha a Selma em 1965. Luther King era um defensor da resistência não violenta. Logo, quando os protestos acabavam em repressão, muitos eram espancados e presos sem reagir. Este foi um dos debates mais importantes do movimento da época, tendo Malcom X como referência de uma posição contrária. Malcom defendia que era preciso resistir no limite com violência contra a violência racista da polícia e os grupos racistas armados.

Em outubro de 66 é fundado por Huey P. Newton e Bobby Seale em Oakland o Partido dos Panteras Negras pela Autodefesa



(*Black Panthers Party for Self-defense*) que se valiam da brecha constitucional que permitia portar armas. Mais que patrulhas armadas para defesa dos negros, o partido serviu de instrumento de organização da luta, educação e assistência para os negros norte-americanos que sofriam com as desigualdades de acesso à educação e até alimentação. Grupos de alfabetização, restaurantes populares e programas de sobrevivência eram práticas fomentadas e articuladas pelos integrantes do partido, com o lema “Sobreviver para a revolução”. Huey foi um dos articuladores da internacionalização da campanha contra a segregação racial, além de estabelecer vínculos com vietnamitas, chineses e cubanos, e grupos que defendiam a libertação nacional em outros países como o CNA de Nelson Mandela. Ele é preso em 1967 e uma campanha *Free Huey Movement* é realizada nos EUA e fora do país. Além da importância para derrotar a legislação racista do país, os *Black Panthers* internacionalizaram a ideia do Black Power com os punhos cerrados e erguidos, a reverberação do movimento chegou às Olimpíadas, nos palcos do Brasil com Tony Tornado e nos bailes funk impulsionados pela Banda Black Rio, entre muitos outros. James Brown foi um das principais referências na música deste processo.

Em 4 de abril de 1968, Marthin Luther King foi assassinado em Memphis nos EUA. Uma onda potente de revoltas enormes se produz, mais de cem universidades são ocupadas, mobilizações gigantes são realizadas, barricadas, carros incendiados e saques são parte das respostas de uma comunidade negra revoltada com a assassinato do seu maior líder.

Assim como a revolta depois do assassinato de Luther King foi um estopim para enormes mobilizações antiracistas, o legado dos *Black Panthers* inspirou grandes lutas de libertação nacional em toda a África negra na década de 70. Não é exagero dizer que a identificação das lutas anticoloniais e a causa socialista são parte da influência dos Panteras Negras.

Esse processo gerou novos líderes nos EUA como Angela



Davis, presa na década de 70, e liberta após a estrondosa campanha internacional Free Angela. Davis segue uma militante e uma das maiores intelectuais e ativistas do movimento de mulheres nos dias atuais, na defesa do feminismo dos 99% contra 1 e na interseccionalidade da raça, classe e gênero. A greve internacional das mulheres em 2017 não seria a mesma sem a contribuição e disputa de Ângela.

A Revolta de Stonewall: um estopim das lutas LGBTs

Assim como catalisador do movimento feminista e do movimento negro, o maio de 68 foi um marco para a luta em defesa da liberdade de ser e de amar. LGBTs, reprimidos pelas potências capitalistas e pelo socialismo burocratizado ganharam um impulso com a Rebelião de Stonewall. O Bar Stonewall Inn, em Nova York, era um espaço frequentado pela população trans, gay, lésbica, bissexual e drag queen à época. Não precisamos citar que boa parte dos bares não aceitavam LGBTs neste momento, logo, este bar era um ponto de encontro e de convivência. Frequentemente ocorriam batidas policiais violentas e intimidatórias, drags e trans eram presas, as filas eram feitas e as pessoas revistadas e identificadas. Em 28 de junho de 1969 a comunidade decidiu não aceitar mais e a revolta se instalou. Quem estava sendo liberado das revistas, ao invés de ir embora, começou a se concentrar na frente do bar. Uma multidão começou a se formar, alguém começou a cantar *We Shall Overcome* (canção de Joan Baez que havia se tornado hino da luta por direitos civis dos negros) e quando foram levar os presos para a delegacia, a multidão era muito maior que o aparato repressor. Quando os policiais agrediram uma mulher algemada a multidão revidou e foi para cima. Nesta noite teve pedras, paus, barricadas. Na noite seguinte, da mesma forma.

Esta rebelião espontânea gerou a auto-organização, e nos meses seguintes associações em defesa da comunidade foram criadas nos EUA. Já em 1970 a primeira passeata em defesa do



orgulho LGBT foi organizada em Nova Iorque, Chicago, Los Angeles e São Francisco, e este exemplo foi se espalhando para outras cidades e outros países. Ferramentas de luta foram sendo criadas e de maneira “desigual e combinada” a luta pela liberdade de orientação sexual foi se forjando e ganhando ao longo das décadas vitórias civilizatórias. Nada disso teria sido igual sem 68, sem Stonewall!

A beleza sempre está nas ruas

Leon Trotsky dizia que “uma revolução é imprevisível até que se torne inevitável”. Em situações como em maio de 68, e outras mais contemporâneas como junho de 2013, os aparatos adaptados ao regime da normalidade consideram a imprevisibilidade dos levantes sua impossibilidade de mudança, e é justamente quando o imprevisível se torna inevitável que podemos exigir o impossível, como bem diziam os muros de Paris em maio de 68.

Estas breves linhas são uma pequena demonstração de uma revolução que queria mudar o mundo, levando a imaginação ao poder, o sonho da liberdade com igualdade e de um modelo que não fosse o das guerras, da desigualdade, das opressões. Fato é que mesmo tendo sido derrotada no que diz respeito ao modo de produção, foi uma verdadeira revolução de costumes de um velho mundo que, felizmente, em muitos aspetos ficou para trás. As latências de 68 são sentidas no tempo presente. A crise econômica gerou uma resistência que teve no centro a juventude precarizada, as mulheres, os negros, LGBTs e as lutas democráticas voltam com peso no tempo presente. A reação conservadora também aparece nestes tempos de interregno em que o “velho já morreu e o novo ainda não nasceu”, mas as sementes deste novo mundo serão encontradas na rebeldia das jornadas de junho de 2013, na primavera feminista, nas rodas de slam, nas ocupações de escolas e universidades, nas ocupações de terra, nas greves, nas ocupações de praças e palácios, na emergência e necessidade de um novo sindicalismo, nas mobilizações gigantes por justiça

para a nossa companheira Marielle Franco e Anderson Gomes. Os jovens de 68 fizeram a sua revolução, cabe a nós fazermos a nossa!

Referências bibliográficas

BRANDÃO, A.C.; DUARTE, M.F. *Movimentos Culturais da Juventude*. São Paulo: Moderna, 1990.

NEWTON, H.P. *Revolutionary Suicide*. New York: Penguin, 1973.

MEDEIROS, D. 1968: esquina do mundo. São Paulo: Editora Brasil, 1999.

KRUER, C. *Impressões de 68: contracultura e identidades*. Disponível em < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/7926/7926>>

PONGE, R. 1968, *dos movimentos sociais à cultura*. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29507/18192>>

ALMEIDA, A. L. P. *Maió de 68 e a ruptura de paradigmas*. Disponível em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0082.html>>

1968: entre a cultura e a política, jovens mudaram o mundo. Disponível <<https://pt.scribd.com/document/322604418/1968-Entre-a-Politica-e-a-Cultura-Jovens-Mudaram-o-Mundo-Observatorio-Jovem>>

FUENTES, P. “As revoluções de 68”. In: *Movimento – Crítica, Teoria e Ação*. Porto Alegre, ano 3, n. 9, abr./jun. 2018.

BITTENCOURT, N.A. *As “ondas” dos movimentos feministas e o eurocentrismo da história*. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/viewFile/16758/11894>>



1968
NO BRASIL







“Para nós, era um episódio da revolução” Entrevista com Vladimir Palmeira

Roberto Robaina¹

Chegamos ao apartamento de Vladimir Palmeira, no centro do Rio de Janeiro, na hora marcada. Eram 14 horas de uma tarde quente de abril deste ano. Estávamos Inez Rocha, Honório Oliveira, Israel Dutra e eu. Perto da Lapa, o edifício é uma construção antiga, enorme prédio no qual a parte interna tem um amplo corredor em círculo onde os apartamentos localizam-se em sequência e, no centro, um amplo vão em que apenas um muro baixo nos protege. É o próprio Vladimir que nos atende. A alegria do reencontro é grande. Tínhamos nos visto algumas vezes nos últimos anos, mas sempre foram encontros breves, na rua, ou conversas por telefone. Conversa com tempo e pessoalmente fazia muito tempo. Aconteceram entre os anos de 1998 e 2002, quando tive a sorte de trabalhar durante longos períodos com Vladimir, Antônio Neiva, os dirigentes da corrente petista Refazendo.

Na recepção, me chama de gaúcho e trotskista – sempre intercalou um tratamento ou outro – quando não me chama simplesmente de Robaina. A simplicidade proletária do prédio contrasta com a vista ampla e maravilhosa que o apartamento do 14º andar proporciona: a baía da Guanabara.

Vladimir foi deputado federal por mais de um mandato, adquiriu fama e não enriqueceu. Chegou a ganhar na loteria e doou o dinheiro para o partido. Quanta diferença da política tradicional e da burocracia! A conversa foi ótima. Saímos felizes. Vladimir já não tem um partido. Quando trabalhamos juntos ficou evidente que o PT era um partido que tinha falido. Repetimos muitas vezes que a intervenção contra a candidatura a governador de Vladimir em 1998 para impor o apoio do PT a Garotinho antecipou a crise e o colapso do PT. Vladimir também

¹ Dirigente do MES/PSOL e vereador de Porto Alegre.

percebeu isso. A crise do PT, especialmente no Rio, mostrava que havia um espaço para ser ocupado por uma nova esquerda. Quando decidimos fundar o PSOL, porém, Vladimir não acompanhou. O crescimento do PSOL conformou a existência desta hipótese. Ainda assim, Vladimir não se somou. Apesar de não ser do PSOL, votou no Tarcísio nas eleições de governador em 2014. E, embora não tenha partido, suas posições mostram que ele tem uma relação de defesa do partido de Marx no sentido amplo. Vladimir, em termos estratégicos, mantém um discurso nos marcos do marxismo.

Nesse sentido, é muito rico seu relato das mobilizações de 68. É visível seu entusiasmo com a defesa do método da mobilização de massas. Vi isso em seus discursos de 98, na sua reivindicação do levante de junho de 2013 e novamente em seu relato de 68 no Brasil e no mundo. Em todos os momentos da entrevista, fica claro seu entusiasmo com o movimento de massas. É um pensamento com o qual compartilhamos, base de nossa camaradagem. Quando neste livro homenageamos o ano de 68, é muito importante lembrar como Trotsky definia a revolução:

“A revolução destrói e derruba a maquinaria do antigo estado. As massas entram em cena decidindo, atuando, legislando de uma maneira sem precedentes; julgam e dão ordens. A essência da revolução é que a própria massa se torna seu próprio órgão executivo” (p. 392 de *Stalin*). Mas este impulso nem sempre consegue ir até o final. No Brasil de 68, foram apenas alguns indícios. Em 2013, novamente no Brasil os indícios existiram. Na França, eles foram muito mais poderosos. Mas, mesmo na França insurreta, a revolução não se consumou. A eleição e as concessões salariais foram as armas burguesas para conter o processo. Neste ponto, também os ensinamentos de Trotsky nos servem. Ele explicou que os elementos mais ativos das classes participam da luta revolucionária. “Na eleição, a participação se amplia; é estendido para incluir também uma parte considerável da (massa) semi-passiva e semi-indiferente” (p.393 de *Stalin*).

Por isso, o resultado das eleições é, em geral, muito distorcido,



se forem comparados à energia das ruas e manifestações. Por isso, trotskistas, maoístas e anarquistas denunciaram a eleição de De Gaulle, contra o PCF que apoiou o regime burguês. A entrevista de Vladimir vai ajudar a armar aqueles que querem desenvolver a política de emancipação e de ações de massas. Acompanhe a seguir.

(Entrevista realizada por Israel Dutra ² e Roberto Robaina)

I) A massa nas ruas

Israel Dutra: Caro Vladimir, um prazer conversar contigo, olhar com os olhos de hoje e contar para as novas gerações o que aconteceu em 68, além de descrever teu papel político e social. Neste cinquentenário, para início de conversa, eu queria uma apresentação tua sobre o significado desse encontro com a História que tiveste no auge da tua juventude.

Vladimir Palmeira: (Risos) A gente nem pensava muito nisso não. Para nós era um episódio da revolução. Apesar de importante, nós sabíamos que o movimento estudantil era um movimento secundário. Quem tinha força era o movimento sindical e camponês. Então, sentíamos um prazer em ter gente na rua, um movimento, mas tínhamos absoluta certeza das nossas limitações e não pretendíamos liderar ninguém no Rio. A Ação Popular³, nossa corrente, era a liderança do movimento, ela queria liderar, mesmo que transitoriamente, o movimento operário-camponês. E nós dizíamos “Não, não”. Em São Paulo, a UNE e o pessoal da AP forçava a barra para falar em assembleia operária. Aqui no Rio, nós sempre fomos convidados pra essas coisas de sindicato

² Sociólogo, membro da Direção Nacional do PSOL e do Movimento Esquerda Socialista (MES). É Secretário de Relações Internacionais do PSOL

³ A Ação Popular (AP) foi uma organização cristã de esquerda fundada em 1962, com bastante influência no movimento estudantil brasileiro, a partir do crescimento da Juventude Universitária Católica (JUC). Opositora ferrenha do regime militar de 1964, por suas fileiras passaram nomes como Herbert de Souza (Betinho), José Serra, Vinícius Brant, Haroldo Lima, entre outros. Sua ala majoritária se dissolveria posteriormente no PCdoB, em 1971, após ser ganha pelas teses maoístas da Guerra Popular Prolongada.



e nunca falamos. E esses caras davam apoio simbólico às nossas manifestações, mas respeitando a dinâmica do movimento, que era o mais importante.

O movimento de massas é uma coisa muito boa. É uma força, é um negócio. A massa é uma força notável. Sabia que naqueles conflitos que antecederam a Passeata dos Cem Mil⁴ foram cinquenta e cinco soldados presos ou pro hospital? Cinquenta com problemas nervosos! Não é a pancada, é o medo. A massa é um negócio impressionante. Aquilo dá uma energia. Foi um prazer, foi muito bom. Mas também sabíamos que vinha o revertério, que vinha golpe. Enquanto não houvesse movimento operário e campesinato organizado, não se iria ia muito mais adiante. Não sabíamos exatamente o que aconteceria, mas sabíamos que vinha um golpe. Eu e Franklin Martins⁵ conversamos bastante com o pai dele, o senador Mário Martins (MDB), homem honesto e decente, e com seu suplente Marcelo Alencar (MDB). Queriam ajeitar a gente para as próximas eleições e tal, para capitalizar o movimento. Nós dizíamos “não vai ter eleição”. E de fato nós estávamos certos. Logo, nossa perspectiva não era imediata.

Nós não refletíamos sobre as mudanças que 68 iria significar. Isso é coisa de velho, depois se faz o balanço, conforme se acompanham as mudanças ao longo da história. Mas ali não se tratava disso. Nós éramos excessivamente leninistas, queríamos fazer a revolução operária e camponesa. Com formas novas e com a massa. Este era o ponto de vista, do meu grupo, a Dissidência Comunista da Guanabara (DI-GB).⁶ Agora, no movimento estudantil tinha de tudo, até direita.

4 Manifestação popular contra a ditadura militar em 26 de junho de 1968 que reuniu dezenas de milhares de pessoas na praça da Candelária, Rio de Janeiro, dois meses após o assassinato do estudante secundarista Edson Luís pelas forças da repressão.

5 Liderança estudantil de 1968 que posteriormente entraria para a luta armada juntamente com Cid Benjamin, Daniel Aarão dos Reis, Fernando Gabeira, Vera Sílvia Magalhães, Maria Augusta Carneiro, Ricardo Villas Boas, entre outros.

6 Organização estudantil que romperia com PCB no final dos anos 60 e partiria para a luta armada. Idealizou e realizou o sequestro do embaixador norte-americano no Brasil, já sob o nome de MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro).



Aqui no Rio de Janeiro, a direita participava das entidades estudantis. Nós éramos uma entidade sindical. O movimento estudantil tem alta rotatividade. Na Europa, havia o bloco operário. O avô é operário, o pai é operário, o neto é operário. A memória é mantida pelos sindicatos, pelas instituições, e eventualmente pelos partidos operários. Essa é uma memória permanente. De quem, do estudante? Não! O estudante não é parte da Universidade a longo prazo. Então, isso facilita uma ruptura na memória do movimento. E foi o que aconteceu. Quando se reconstruiu o movimento estudantil em 75-76⁷ eles nem sabiam direito o que era 68. Construíram um movimento estudantil somente político contra a ditadura. Mas nós tínhamos no Rio de Janeiro um movimento de natureza sindical contra a ditadura. Embora a maior parte das lideranças eram pela revolução de uma forma ou de outra, era um movimento de natureza sindical que abarcava todas as frações de pensamentos estudantis contra a ditadura, até mesmo uma direita contra a ditadura. E a ditadura foi se isolando cada vez mais. A amplitude do movimento se deve muito a isso.

Evidentemente, havia muitas diferenças. Nós éramos o pessoal mais à esquerda. O pessoal ligado ao Partidão era mais moderado. Mas nada disso afetou o caminho geral do movimento. Então era um movimento de contestação à ditadura com reivindicações concretas importantes. Por exemplo, a luta pelo ensino público. No Brasil, depois de 1964, a ditadura fez a contrarreforma em todos os aspectos da vida social. Ela fez uma reforma agrária com o Estatuto da Terra: a desapropriação por via de títulos da dívida pública pagáveis. Antes de 64, a desapropriação era à vista. Assim ela perdeu parte do apoio latifundiário. Ela também fez a reforma no sistema financeiro, quase inaugurando um novo sistema financeiro. Fez a reforma do sistema de habitação, com

7 Em maio de 1976, os estudantes de SP criaram o DCE Livre da USP Alexandre Vannucchi Leme. E assim foi acontecendo em várias outras universidades brasileiras com surgimento tendências estudantis que se articulavam nacionalmente.



a criação do Banco Nacional de Habitação, presidida pela Sandra Cavalcanti. Com estas mudanças, mudou-se o sistema fiscal. No entanto, quando esta contrarreforma chegou nas Universidades, encontrou resistência. E foi o único setor em que não triunfou totalmente por causa da luta de 68. A ditadura teve que fazer uma curva aí, multiplicando o ensino superior privado, eventualmente de baixa qualidade. Entre a minha prisão, o exílio e a volta do Brasil (1968-1979), o número de estudantes universitários decuplicou.

Roberto Robaina: Quatro anos após o golpe, como era o clima nas ruas e qual era a sensação do ativismo em relação ao regime militar? E como a população via isso?

VP: Era muita crítica e pouca aporrinhção. Os movimentos populares foram destruídos e grande parte dos partidos de esquerda foram presos. O movimento popular sofreu repressão maior, com a morte de camponeses e marinheiros. O movimento camponês e o movimento operário pararam.. Já com o movimento estudantil, era tudo mais tolerável, porque tinha uma base que apoiou a ditadura militar. Uma parte da classe média realmente apoiou o golpe. Inicialmente, a repressão ao movimento estudantil foi branda, o que lhe permitiu reorganizar rapidamente.

Logo, a ditadura começou a perder seus aliados imediatos. Quer dizer, tirando o capital multinacional, a ditadura perdeu uma parte da burguesia, uma parte da classe média e uma parte do latifúndio pela política de contrarreformas. A ditadura não era a negação do progresso, era a afirmação do progresso capitalista. Dirigido e de direita. Reacionário, mas progresso. É equívoco imaginar que a ditadura veio pra defender o que era antigo. A ditadura foi um grande elemento modernizador no Brasil.

No início, como o Elio Gaspari chama⁸, havia uma “ditadura envergonhada”. A ditadura primeiro disse que iria fazer eleições.

⁸ *Ditadura Envergonhada* (2002) é o primeiro volume da série de livros “Ilusões Armadas” escrita pelo jornalista Élio Gaspari sobre a ditadura, a partir dos documentos que lhe foram entregues pelo general Golbery do Couto e Silva. Este volume trata do período entre o golpe de 1964 até o AI-5 em 1968.



Depois adiou as eleições. Depois cancelou e matou os partidos todos. Criou dois partidos. No final, outorgou uma Constituição. Considerado mais “light”, Castelo Branco entregou para Costa e Silva uma cadeia, que era a Constituição. Constituição de merda e tal, mas uma Constituição. Havia Superior Tribunal Federal, tinha habeas corpus, os direitos fundamentais eram garantidos. E ficou esse impasse. Por isso, o Gaspari chamou de “ditadura envergonhada”. Ela era uma ditadura, quer dizer, se eles quisessem, em tese, fazer alguma coisa, poderiam. Mas de tal forma que não podiam fazer qualquer coisa de fato, porque estavam aprisionados pelas leis que eles próprios criaram. Nesse clima, não tinha censura à imprensa. O movimento estudantil cresceu muito porque a imprensa dava grande divulgação. Mesmo a imprensa esculhambando o movimento estudantil, isso só realçava a falácia do regime. O cara que assistia simpatizava com o estudante. E o pessoal tende a ter um olhar mais divertido com relação à juventude. E nós crescemos com isso. A gente falava muito mal do governo militar, falava mal de tudo. Mas a ditadura não era exatamente ainda uma tirania, comparando como ficou depois do AI-5.⁹

ID: No movimento estudantil, quais os antecedentes de 68? Enquanto luta estudantil, nesses anos.

VP: A minha faculdade foi a primeira que se reergueu. Havia uma grande disputa pra saber qual faculdade era melhor: a nossa (a Faculdade Nacional de Direito) e a Faculdade de Filosofia. A nossa tinha uma grande tradição, com o Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO). Mas a filosofia tinha o maior movimento, pois tinha mais gente. A Filosofia congregava todo o pessoal das Humanas, Matemática, Física, menos o Direito.

Apesar de pequenos, tínhamos uma grande tradição de luta

⁹ Elaborado em 13/12/1968 pelo ministro da Justiça, Luís da Gama e Silva, o AI-5 foi o mais severo dos Atos Institucionais da ditadura. Entre outras arbitrariedades, concedeu ao presidente da República o instrumento jurídico para fechar o Congresso Nacional, restringiu ainda mais o direito à dissidência e endureceu a censura.



e de confronto. Mas a Filosofia foi a mais reprimida. Assim, nós crescemos rapidamente, elegemos acho que o primeiro centro acadêmico do Brasil, acho que em 64 ainda, pelas liberdades democráticas. Até elegemos um cara que era mais populista, um tribuno, um grande orador. Queríamos reestabelecer os poderes do centro acadêmico, entre os quais a gestão do bandejão e a gráfica, que era nossa e a ditadura roubou. Roubaram a Atlética, onde tinha jogos. A polícia começou a entrar. Você fazia plenária a polícia entrava. Dispersava o professor e acabava as aulas. Mas a gente tinha certa sabedoria, né, não criava confronto. Saía indignado, mas saía. E aí em 65 fizemos uma greve por causa da situação do bandejão.

A nossa escola fazia muita coisa, mas as outras escolas não faziam tanta coisa naquele momento. Até que com a distensão, a Filosofia conseguiu fazer a primeira manifestação. E os funcionários públicos revolveram fazer a primeira passeata em defesa dos seus interesses. Tinha um resto de sindicato. A passeata foi marcada para a Central do Brasil que na visão distorcida da nossa pequena burguesia era o centro dos trabalhadores. Na verdade não tinha operário, tinha gente pobre que morava no subúrbio e ia trabalhar no centro. E eles “Ah, vamos pra cima da classe operária”. No dia marcado, os caras editaram o AI-2¹⁰. Os funcionários públicos ficaram intimidados. A Filosofia cancelou a passeata. E um resto dos estudantes foi para o CACO. A esquerda discutia muito mais que hoje em dia. Foi passando a hora e os radicais queriam sair. Depois de muita briga, acabamos saindo. Mas já saímos fora de hora. Os trabalhadores já tinham ido embora há tempos. Saímos por ali, numa calçada estreitinha, uns oitenta, uns caras com uns cartazes... Havia um cara da UNE, o Antônio Xavier, presidente temporário da UNE. Ai chegamos lá e eu sempre conto essa história. Não tinha mais trabalhador nenhum,

10 Baixado em outubro de 1965, em resposta à vitória eleitoral da oposição em alguns estados, o AI-2 reforçou o poder do Executivo federal, desativou o pluripartidarismo, instituiu de vez a eleição indireta para presidente e possibilitou a demissão de funcionários públicos que se envolvessem com a oposição.



só tinha o lumpemproletariado né. Mendigos e prostitutas que nos aplaudiram delirantemente. Nós fomos e isso gerou um clima de entusiasmo.

Veja o papel da imprensa. No dia seguinte, o jornal do Brasil botou “Primeiro ato, ato de força. Segundo ato, ato de apoio. E terceiro ato, de protesto”. Éramos nós, primeira página do Jornal do Brasil. Então era um destaque pequeno, mas causava um choque. Assim começamos. Fizemos depois uma passeata em solidariedade aos estudantes americanos, diante da baixada americana.

Essa foi uma primeira etapa, a da luta política contra a Lei Suplicy.¹¹ Nessa altura, nós estávamos conversando, e eu não era ainda do Partido Comunista, eu nunca apoiei as posições do Partido Comunista. As pessoas achavam que eu iria para a AP. E eu dizia “Eu tenho um negócio com a AP, que eu não...” E o pessoal do PCB tinha uma fração e me chamou pra destruir o partido. Então eu entrei no partido pra destruir o partido. E construir o partido operário.

RR: Em que ano que tu entraste no PCB?

VP: Em 1965. Eu entrei e foi um marasmo. Eu fui e fiquei até o final do ano. Eu dizia: “Eu vou fazer uma fração, vocês são uns merdas!”. Quando eu fui fazer a fração, abriram uma. Ai eu fui pra fração e depois fui da sua direção.

Assim, lutamos contra a Lei Suplicy no geral, e eles fizeram o negócio da universidade paga e cobrança de anuidades.¹²

Este foi um tema de 66. Primeiro começou com uma passeata reprimida em Belo Horizonte. E o Brasil se levantou em solidariedade. O primeiro sinal de que o mal-estar era geral. Nós botamos cinco mil pessoas na rua. Quem saiu dessa vez foi

¹¹ Editada em 09/11/1964 pelo ministro da Educação, Flavio Suplicy de Lacerda, a Lei Suplicy regulamentava o controle do Ministério da Educação contra as entidades estudantis, foco de muito insatisfação contra o regime.

¹² Em 01/03/1966, Castello Branco anunciou que a gratuidade das escolas federais seria extinta para quem dispusesse de recursos para financiá-la.



a Filosofia. Não fizemos a primeira passeata. E você vê como o esquerdismo é: quem tinha uma porção de esquerdistas era o PCdoB¹³, que nós chamávamos “Tigres de Papel”. Eles queriam passar pelo Ministério do Exército. Nós dizíamos “De jeito nenhum, vamos entrar no Campo de Santana, não queremos confronto”. E aí fomos pras escolas, pra não pagar anuidade. Essa luta, em geral, foi derrotada. Nós esquecemos que existia o sistema financeiro, só quinze por cento tinham pago, parecia que foi um grande sucesso para nós. Mas, na verdade, 80% tinham pago pelo banco. Não eram os estudantes, eram os pais. Os pais não queriam os filhos fora das escolas, então iam lá e pagavam pelo banco. O último dia chegou e o cara da secretaria, sabendo que eu não era tão maluco, e querendo evitar confusão, chegou e mostrou: “Olha aqui, oitenta por cento pago”. Nisso, mandei recuar o movimento. Foi uma choradeira, um desastre. Uma das maiores derrotas que já tive no movimento de massas. E o choro e a esculhambação em cima de mim, né. Mas tinha que recuar, ia fazer o quê? Mandei o pessoal pagar. Foi uma derrota muito importante pra mim.

A anuidade era mais pelo impacto simbólico, seu valor não era caro. Os reitores diziam: “Assim a gente arruma dinheiro pra Universidade”. Porque a ditadura não dava dinheiro, então não tinha verba. O reitor era ganho para ideia de pagar alguma coisa. Mas essa luta se espalhou. E perdeu em todos os cantos. Eu e outros companheiros fomos suspensos por um ano. Mas virei uma liderança Estadual.

RR: A Dissidência não tinha muita articulação, né? Havia uma separação entre São Paulo e Rio. A AP que fazia a unidade.

VP: Não, não. Estava começando a ter contato. E a AP fazia aliança com a gente, no Rio. Porque nós éramos pela esquerda. Direita era o tradicional, o Partidão. A luta da AP era sempre

¹³Racha do PCB, o PC do B foi fundado em 1962 por uma ala que questionava o revisionismo soviético de N. Krushev. No início, teve forte influência do maoísmo.



contra o Partidão. Mas nós reorganizamos a UNE. O Daniel Aarão Reis, que era meu primeiro vice-presidente no CACO, foi pra ser presidente da UME (União Metropolitana dos Estudantes), a UEE da época. O Daniel foi fazer um trabalho excepcional, durante um ano, de montagem, de trabalho. Pra ampliar a saída federal. E foi pra UEG, que hoje é a UERJ. Foi conhecer os independentes, foi pra Rural, que não era nem do nosso Estado, era do Estado do Rio. E fomos cuidar da parte da reconstrução do Calabouço¹⁴. O Daniel fez um trabalho de organização muito bom, mas os dois movimentos de 67 são da Universidade Rural.

Por outro lado, começaram a fazer autocrítica das discussões partidárias. Discutia tudo no centro acadêmico, de revolução socialista a libertação nacional. E nós começamos a fazer trabalho de massa e é a massa que ensina. Você começa a fazer trabalho e você aprende. Eu sempre gozei a Convergência, porque dizia “Ô Cyro¹⁵, a primeira coisa que eu aprendi no movimento de massas é que tem que recuar, as vezes”. Não tem esse negócio de só ir pra frente, tem que recuar. E a gente começou a ver que não dava. A gente tratar movimento estudantil como movimento auxiliar tudo bem, mas não podia ser como bucha de canhão. “A pequena burguesia é isso mesmo, o negócio é acender a chispa que vai iluminar a classe operária”. E nós dizemos “Olha, isso não tá certo”. Quem lida com a massa representa, você é eleito pelos estudantes. Não pode fazer qualquer coisa maluca nesse nível.

Nós começamos a refletir bastante. “Não, esse processo vai acabar um ano depois”. No congresso da UNE de Valinhos (1967), onde nós discutimos ainda as teses da revolução, mas dissemos “Jamais faremos isso aqui, proibimos essa discussão”. E um ano depois nós ganhamos o congresso de Valinhos, né. Perdemos a

14 Inaugurado em 1951, o Calabouço era um refeitório estudantil que oferecia comida a baixo custo para estudantes de baixa renda. Sua segunda sede na Avenida Infante Dom Henrique teria sido uma prisão de escravos, daí o nome Calabouço. A UME, que por um tempo seria presidida por Vladimir Palmeira, era a responsável por gerir o espaço.

15 Militante desde os tempos da Convergência Socialista, Cyro Garcia é um dirigente do PSTU.



cabeça para o Travassos¹⁶ por erros de condução. No plenário, nós perdemos por seis votos.

1967 foi isso. Mas isso é definido no conselho de dezembro, onde nós tínhamos perdido a presidência, AP estava cheia de si. E naquela época era tudo por conselho que decidia mais que a diretoria. E ganhamos o conselho. Havia duas posições eram bem nítidas. A posição da AP era de que o centro tático era a luta pela derrubada da ditadura militar. E a nossa era contra a política educacional do governo. Era um abismo. A gente colocava “governo” já de provocação, né. Para a AP ficar mais irritada. E nós ganhamos.

Quando voltamos para o Rio, eu defendi que tínhamos de abandonar a luta pelo fim da anuidade. Foi difícil, porque mesmo nosso pessoal não queria. Aquela luta de 66 marcou. Eu dizia “Nós vamos perder sempre”. E luta que você perde sempre está errada. Eu dizia “Vamos lutar por mais verba”, que é o outro lado da medalha. Se a gente consegue verba, não tem porque cobrar anuidade. E você mobiliza muito mais estudante com a verba, porque esse dinheiro não conta. Não é uma reivindicação “não pagar anuidade”. É um argumento de natureza política, não é de natureza material. Bom, foi difícil. Dentro da gente mesmo teve problema. Depois nós ganhamos o conselho por um voto. Todas as forças contra nós. Só nós e independentes. Um voto. Quase perdemos. Muito esperto, o Jean Marc¹⁷ estava na luta contra a anuidade e a escola dele entrou. Quem estava contra era a direita, lá na escola dele. Ele fez o diabo. Se juntou com o Partidão, com a AP, com PCBR¹⁸, com tudo. Mas ganhamos por um voto. E isso foi o que definiu um pouco o nível do movimento. Quer dizer, você teve as primeiras grandes manifestações,

16 Estudante de Direito da PUC-SP, Luis Travassos (1945-1982) era dirigente estudantil da AP e foi presidente da UNE (1968-1969).

17 Estudante de Engenharia Química da Federal do Rio de Janeiro, Jean Marc von der Weid era outra liderança estudantil da AP. Elege-se presidente da UNE em 1969, após o Congresso de Ibiúna.

18 PCBR foi outra dissidência do PCB. Fundado em 1968, seus principais expoentes foram Mário Alves, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho. Defendia a combinação da guerrilha rural com o trabalho das massas nas cidades.



a primeira no enterro do Edson, para concluir as obras do Calabouço. Porque nós tínhamos ganhado as obras do Calabouço, nós tínhamos feito o restaurante em outro lugar, mas ganhamos. Porque a ditadura destruiu o Calabouço...

ID: Fala um pouco mais sobre o Calabouço.

VP: Era o restaurante da União Metropolitana dos Estudantes (UMES), dos pobres, bandejão. Aí eles queriam fechar. Iam pegar a antiga sede da UNE, porque teria uma reunião do FMI, e queriam aproveitar e passar o rodo. Num protesto contra o FMI, eu e mais uns caras fomos presos. O Márcio Moreira Alves¹⁹ estava lá e foi preso também. Daí eles arrombaram lá. O Calabouço era muito forte, o Calabouço era lugar de estudante pobre. E de pobres que não eram estudantes. Então fizeram uma arruaça, fizeram a luta, nós travamos, e eles ganharam um novo restaurante perto do Fórum. Mas o restaurante eles entregaram. Aliás, foi uma cena a entrega, eu e Daniel esculhambando o Negrão²⁰ daqui pra ali. Imagine, o governo. Foi um escândalo, o Governador do Estado.

ID: O governador era o Negrão de Lima, na época?

VP: Era. Elinor Brito era o líder da FUEC (Frente Única dos Estudantes do Calabouço) e queria uma festa. Eu e Daniel entornamos o caldo neles. Mas tinha poeira, as pessoas comiam com poeira. Porque não acabavam as obras. Inauguram, mas não acabaram as obras. Ai começou a luta pela continuação do Calabouço. Era muita luta. Eles usavam uns cacete desse tamanho, com uma bandeirinha do Brasil desse tamanho. E sentavam a porrada, inclusive nos Volkswagem da classe média. Não tinha controle. O carro avançava. Era uma massa muito radicalizada. Então, nós apanhamos no Calabouço. Independente de críticas eventuais ali, trouxemos o Calabouço para o movimento

¹⁹ Um dos primeiros cassados pelo AI-5, o deputado federal Márcio Moreira Alves (MDB) entrou para a história ao proferir o discurso no Congresso Nacional, sugerindo um boicote às comemorações do 7 de setembro em 1968, o que serviria de pretexto para o AI-5.

²⁰ Francisco Negrão de Lima era o governador do Estado da Guanabara à época (1965-1971).



estudantil e eles sempre foram assim, participavam da AMES, que era o secundário, e da UNE, que era o universitário. Eles tiveram um papel muito importante.

No episódio do Edson Luis, foi reivindicação para acabar o restaurante, não foi exatamente uma coisa ordenada pela ditadura. O soldado lá perdeu a cabeça e deu um tiro. Acontece muito no movimento de massas. Não acredito que tenha sido uma coisa deliberada, que eles tenham decidido. A ditadura não é burra. Os caras da ditadura não eram burros! Um sujeito lá fez uma burrice, o que despertou a manifestação de massas. Em cima de quê? Luta reivindicatória! E aí virou manifestação contra a ditadura. “E se fosse um filho seu? Mataram um menino, mataram uma criança”.²¹

Juntou aquilo tudo. Entrou a classe média de uma forma geral, os pais levavam os seus filhos, as freiras levavam os seus alunos... Os sindicalistas apareceram no enterro. As mães fizeram suas associações. Então a sociedade começou a se organizar. Isso também foi importante. A Passeata dos Cem Mil também foi em cima de reivindicações. Nós exigimos a libertação do Jean Marc e de outros três presos, mas a luta era por mais verba. A gente programou, “vamos começar a luta em junho, por mais verba”. Organizamos tudo, chamamos gente, fomos lá e fizemos duas ou três manifestações na rua. Pegávamos a contramão, fechávamos o trânsito. Com a organização do movimento estudantil de rua, nós éramos muito bem organizados em negócio de manifestação de rua. E mensageiro vem de lá, mensageiro vem daqui, para saber se a polícia tava vindo. “Tem um carro” e eu dizia “queima!”, e a gente queimava tudo que era carro de polícia. Mas não os policiais. Nunca fizemos nenhuma hostilidade as pessoas e tal. Mas eles vinham, porque as vezes eram de um departamento qualquer da polícia. Era um movimento muito desenvolvido o movimento

21 O estudante secundarista Edson Luis foi assassinado durante a repressão a um protesto contra as condições do Calabouço em 28/03/1964. Seu enterro no bairro do Botafogo contou com dezenas de milhares de manifestantes, na maior manifestação de massas desde abril de 1964.



da gente nessa altura, em 68. Bom, numa dessas, a gente fez a passeata. A gente marcou no MEC. Aí a polícia tomou o MEC. A gente foi pra Rio Branco, fez a passeata tradicional, até a Central do Brasil. Aí a Globo fez um editorial dizendo que nós queríamos anarquia, porque fomos lá marchar, mas nós queríamos dialogar.

RR: Mais ou menos, quantas pessoas tinham nessas passeatas?

VP: De duas a cinco mil pessoas, era isso que tinha nas passeatas. Não era mais que isso. Agora, de vez em quando enchia mais.

ID: Mas o enterro do Edson Luís foi onde se começou a encher?

VP: Aí tinham umas cem mil pessoas. E era feriado. E essas coisas são assim, você não pode comparar manifestação em dia útil pra feriado. Porque em dia útil o pessoal se incorpora. Passa, salta do ônibus, faz o que você quiser. Assim como a Passeata dos Cem Mil, foi ponto facultativo. Só ia pra lá quem queria ir. Então, bom, quando *O Globo* fez isso, nós marcamos a manifestação e decidimos usar a violência pela primeira vez. Por quê? Porque nós sempre fugimos. Sempre fugimos. Nós dizíamos “Nosso objetivo é ganhar a população, mostrar nossas reivindicações, denunciar a ditadura”, e tal. Mas o que acontecia, quando a polícia chegava? Nós dissolvíamos a manifestação. Isso depois de apanhar muito, é claro. E tinha outro lugar onde a gente puxava a manifestação meia hora depois, uma hora depois. Uma hora depois vinha outra manifestação. Ai vinha a polícia. A gente dissolvia. Claro que sempre tinha um arranca-rabo aqui, aqui e ali. Então dessa vez, ao invés de fugir, nós iríamos para o pau. Fomos para o pau para mostrar que queríamos dialogar.

No início do ano, março, abril, a Igreja católica, com Dom Castro Pinto, fez uma proposta de diálogo que dividiu a esquerda. Nós imediatamente aceitamos o diálogo com a ditadura. E a AP imediatamente disse que não, nunca. Que era uma traição. O José



Arantes²² chegou para mim antes da reunião e disse “Vladimir, você tem certeza dessa merda de diálogo?” Eu disse “Completa! Não tenho a menor dúvida”. O José Arantes foi lá e arrasou a AP na reunião. Pegou *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo* do Lênin. E fez uma intervenção monumental, intelectualmente brilhante. Nós aceitamos e nós fomos. Porque eles queriam isolar as lideranças estudantis da UNE. O Franklin Martins foi lá e fez uma confusão. E nós fomos. O Partidão se juntou com a Igreja, para fazer o diálogo, jogando as entidades estudantis para escanteio. Começamos a discutir as coisas, e fomos pra base. Chamar plenária, assembleia geral. O Partidão fez também uma mobilização na PUC, onde eles tinham aliança com a direita no DCE. Mas o onde Partidão tinha escola, nós fomos ganhando. E quando eles fizeram o ato pelo diálogo na PUC, eu recusei, disse que não ia sentar em reunião divisionista, sentei lá embaixo. E eles “Não, isso é um ato de apoio à UNE”. Ato esvaziado. Porque os delegados todos que eles levaram eram nossos. Então foi ganho na base da massa, com diálogo. E com isso também, de fazer o diálogo, ganhamos parte da direita do DCE da PUC. Dizia “Vamos discutir” e eles “Ah, mas vocês só fazem reunião clandestina” e eu “Claro, senão prendem a gente”. E desafiaram a gente a fazer na engenharia da PUC, que era um antro de reacionário, né. As engenharias eram muito divididas. Uma esquerda e uma direita muito radicalizadas, sobretudo a direita. E disse: “Nós vamos. Mas se dissolverem a reunião vocês vão passar a ir nas nossas reuniões clandestinas”. Aí enfim fechamos um acordo. E fomos fazer a reunião, que foi dissolvida a bombas, né. Pela direita. Não foi nem pela polícia, foi pela direita. E aí eles passaram a se integrar nas reuniões clandestinas. E travamos lutas em conjunto por verba. Íamos no restaurante da PUC, o cara do DCE da PUC, que era um cara muito sério, fazia o discurso dele. Ele dizia: “sei que não

22 Estudante de Física da USP, José Arantes era da Dissidência Comunista de São Paulo – DISP, grupo pelo qual alcançou a vice-presidência da UNE em 1967. Posteriormente, após treinamento em Cuba, ingressou na ALN. Seria morto pelo DOI-CODI/SP em 04/11/1971.



querem política, mas a verba...” E eu dizia: “a ditadura não dá verba”. Enfim, cada um na sua. Mas fazíamos a luta em conjunto. Assim se ampliou muito o movimento, né. E nós então, quando fomos pra esse negócio do MEC, nós queríamos o diálogo.

Nós estávamos com muita legitimidade. Então fomos lá, fazer a ocupação do MEC, porque já sabíamos que a polícia estaria lá. Nos separamos em três colunas e as três foram rechaçadas, evidentemente. Mas nós estávamos com pau e com pedra. Nossas armas eram isso. Pela primeira vez, levamos um molotov e jogamos no carro, incendiamos. E foi a primeira vez que a polícia usou o brucutu²³. E aquela água, aquela inovação da PM. A água foi caindo, caindo. E o Brito diz “O Brucutu broxou”. Pronto, todo mundo subiu, os estudantes subiram no brucutu. Uma farrá. O dia de grande “porralouquismo” da gente. Eu vi outro dia na televisão um filme que tinha um lutador que mordida a língua para sentir o gosto de sangue. Aquilo ali deixou a gente assim. Então, quando eu fui no caminho para o edifício, porque a gente tinha deixado um pessoal pra trás, na Rio Branco, fiz pela primeira vez uma barricada. Eu subi no teto de um Volks e falei pro batalhão da PM, pedindo pra eles se levantarem contra os oficiais. Criou o clima de confronto ali. “Vocês são pobres, trabalhadores”. E eles não mexeram o olho. Foi um negócio assim. Um silêncio sepulcral.

Depois, fomos para o edifício central, o Cid Benjamin²⁴ todo rasgado. E isso foi... E aí fomos pra passeata na Rio Branco. Chegamos lá e tinha uma barricadamuito mixuruca, mas era uma força de reserva. E como não interrompemos o trânsito, a polícia teve liberdade de vir. Quando você vai contra o trânsito, a polícia não pode se mexer, não podia vir de carro, nem cavalo, tinha que vir a pé. E apostar corrida com estudante é muito difícil, né. Então nós tínhamos uma grande vantagem. E eles vieram com

23 Brucutu era o nome dado ao veículo blindado que a ditadura utilizava para dispersar manifestações com jatos de água. Popularizou-se no Brasil inteiro, pois o termo remetia a uma canção de Roberto Carlos (“O Brucutu”).

24 Hoje no PSOL, o jornalista Cid Benjamin era militante do MR-8 e foi figura destacada no sequestro do embaixador estadunidense Charles Elbrick em 1969.



aqueles passos, aquelas trombas. E o Marquinhos da economia comigo, e eles vieram chegando, chegando. E eu já tinha dito para Marquinhos que nós íamos pra porrada. E aí quando chegaram uns 50 metros né, o Marquinhos dizia “Vão sentar o cacete na gente, o que vamos fazer?” Falei “Vamos pra cima deles”. Eles chegaram, fomos pra cima deles, batemos neles. Uma surpresa. É claro que eles são melhores lutadores que a gente, mais equipados. E nós nessa altura não éramos uma massa. Mas era um impacto, né. Eles verem os caras que eles sempre batiam se voltar contra eles. A massa saiu, seguiam os caras pelos becos no Centro do Rio e tal. Fomos para a Uruguaiana. Porque sabíamos que vinha a cavalaria e era a rua mais estreita. Aí teve de tudo. Bola de gude, cortiça. Um garoto trepou no cavalo da PM. Enfim, tudo que você pode imaginar. Até que tacaram fogo no caminhão do Exército, que era uma coisa terminantemente proibida por nós. Gente irresponsável, porque a gente tinha uma orientação contrária. Tocaram fogo num carro. Aí que o Jean Marc foi preso, coitado. Inocente. Quando veio a PM, nós mandamos dissolver. Mas a porrada continuou. E isso aí foi o que? Uma passeata pelo diálogo para resolver os problemas de verbas da Universidade. Queríamos mostrar nossa disposição para o diálogo. Mas usamos a violência pela primeira vez. E é isso que precipitou os acontecimentos.

No dia seguinte, ocupamos a Universidade. Obrigamos os professores a discutirem com a gente, no anfiteatro. Iam votar umas teses. Vocês não imaginam para a época o que era. Uns catedráticos. Pra eles aquilo era um negócio vetusto, um negócio terrível. Fizemos corredor polonês, obrigamos eles a sair. Aquele foi o ato de maior importância ideológica para quebrar a dominação da ordem dentro da Universidade. O ato de maior impacto. O ato mais importante não foi a porrada com a polícia, foi o professor descer. E ser obrigado a conversar. Como em todo mundo tem uns professores mais corajosos, outros menos corajosos. Um professor se comportou muito bem, era um



homem íntegro. Ele aguentou o papo. Dissentiu algumas vezes da gente. Clementino Fraga Filho. Dissentiu. Porque teve professor que votava tudo com a gente, né. E no final teve consenso. “E o que vocês querem fazer?” “Nós queremos sair”. Porque teve um episódio em 1966 quando nós ocupamos a medicina que fomos brutalmente reprimidos. E perdemos toda a massa da medicina. Nunca mais nenhum daqueles estudantes voltou a fazer movimento. Ou virou comunista ou nunca mais voltou. Só voltaram na Passeata dos cem mil. Aquela massa foi perdida para o movimento estudantil, porque foi massacrada. Aquelas coisas de enfiar cacetete em vagina de mulher, batia até a exaustão, enfiar a porrada, mijar em preso, tudo isso eles faziam. Por isso, nós queríamos sair. E nessa altura nós tínhamos montado um comitê, junto com Vagner e Jean Marc, mas Jean Marc foi preso na véspera. Era pra montar um comando de orientação militar, digamos assim. O Vagner ficou sozinho ali, mas fizemos um grupo. Primeiro fizemos um barulho a leste, pra tacar a oeste. Fizemos um barulho a leste pra polícia interceder e nós saímos lá pelo outro lado. O Vagner foi com uma turma de trinta caras dizendo que ia para Praia de Botafogo, para atrair a polícia. Foram as iscas, coitados. Foram todos presos. E nós saímos pela esquerda. E eu saí no meio da massa. Nos armamos com pau, com pedra. E saímos pela esquerda, na direção do campo do Botafogo. Mas saímos. Mas tinha o que? Mil e seiscentos estudantes. Quatrocentos foram presos. Fizeram a mesma barbaridade em 66. Mas nós já saímos, dessa vez, preparados para o movimento. Uma coisa que aprendi com o movimento de massas, e que hoje o pessoal não tem, é que todo movimento de massas tem que ter desdobramentos. E nós já sabíamos disso. Então já saímos com a manifestação marcada pra manhã seguinte, coisa que nós nunca tínhamos feito, só fazíamos passeata de tarde. Comício-relâmpago nós fazíamos às onze horas, meio dia, também. Mas marcamos. Saímos e foi uma repercussão tremenda. TV, barbaridade, uma indignação geral. O pessoal ficou puto mesmo



com a polícia. Na sexta de manhã nós fomos pra Praça Tiradentes, que era um lugar que nós nunca tínhamos ido. Quando a gente chegou, o comércio abriu e começou a fechar. Pronto. Pedra e pau para todo o lado. E vinha o pessoal descendo, para aplaudir a gente. Jogavam papel picado. Apoio total no Centro da cidade. Mas dessa vez desceram, faziam coluna pra bater palma pra gente. Marcamos uma manifestação no MEC. Uma parte ia para o MEC, mas uma parte que senta pra armar, organizar, que eram uns dois mil e quinhentos estudantes, iam pra outro lugar, pra garantir que a manifestação saísse. E aí depois passavam no lugar oficial. No lugar oficial estava o Brito e o Franklin. “Ah não, tem muita polícia, não dá nem pra chegar perto”. Foi a sexta-feira sangrenta. Demos a volta na Cinelândia, fomos na embaixada americana, apedrejamos a embaixada americana. Atiraram e começou o corre-corre. Eu fui pra rua do quartel da PM, fui pra um comício e eles estavam atirando de fuzil. O pessoal foi embora, eu fiquei sozinho lá escondido num poste.

RR: E aí começou a arma letal, né? Foi a mudança pra arma letal.

VP: Foi, foi.

RR: Aí começaram a dissolver. Ou seja, o AI-5 começou neste momento.

VP: É. Não diria isso, porque com o AI-5 os que eram políticos já estavam presos. Mas a repressão foi maior. Encontrei uma alma cândida que disse “Menino, você está sozinho!”. E me levou para o carro até Central do Brasil. E eu tinha um ponto quatro horas da tarde no Diagonal do Leblon, que era um ponto de encontro da gente. Quatro horas da tarde estamos lá no ponto e o pau quebrando no Centro. E todas as lideranças ali, no Diagonal. E a gente vibrando né. E a Rural chegou atrasada, o Calabouço chegou atrasado. Enfim, aquilo virou um inferno. A população se rebelou. Uma parte da população começou a jogar pedra e brigar com a polícia. Bom, nós fizemos a reunião, foi divertido também,



porque o finado Marcos Medeiros²⁵ do PCBR disse “Estamos em insurreição”. Eu disse “Calma, Marcos!”. E tinham uns caras do Partidão que queriam recuar imediatamente. Dissemos não. Nesta sexta-feira, marcamos uma passeata pra terça-feira.

RR: Como era o esquema de convocação?

VP: Ônibus. Botava no ônibus, panfleto no ônibus chamando. Panfleto, todo mundo sábado e domingo na rua, na praia, com panfleto. O panfleto da gente dizia “Vamos incendiar o Rio de Janeiro”. O Negrão decidiu permitir. Fez ponto facultativo na terça-feira e disse “Por favor, não incendeiem a nossa cidade, não toquem fogo”, como se a gente fosse tacar fogo nos prédios. E decretou ponto facultativo, permitindo a manifestação.

ID: E ele falou isso na televisão?

VP: Falou

ID: Então ele também convocou pra manifestação, na prática?

VP: Claro. Mas nessa altura não tinha como. Era um clima que todo mundo já sabia. Pra você ver, eu andava na rua em Copacabana e as crianças brincavam de polícia e estudante. Eu vi isso, não é invenção, não. Onde eu andava os meninos olhavam pra mim e gritavam “Estudante!”. Porque nós fazíamos passeata em tudo, inclusive na Nossa Senhora de Copacabana. Fazíamos muitos comícios-relâmpago. Inclusive, existia um apoio político no movimento estudantil, contra a guerra do Vietnã. Nós fizemos centenas de comícios-relâmpago contra a guerra do Vietnã. Centenas. Não dava pra fazer manifestação de massa. E às vezes fazíamos pelos interesses estudantis. A polícia chegava e a gente ia embora. Uma vez cheguei a ser preso mesmo, por uma besteira dessa de comício. Mas enfim, convocamos a manifestação.

²⁵ Ex-estudante de Sociologia no Rio de Janeiro. Marcos Medeiros foi um inflamado líder estudantil do PCBR. Após exílio em Cuba, torna-se cineasta na Europa.



Cem mil pessoas! Nós não esperávamos tanto. Esperávamos muita gente, mas era muita gente mesmo. E a representatividade. Ia artista, professor. Até minha mãe foi. Minha mãe nunca tinha ido a nada e levaram minha mãe para ver o filho. Coitada da minha mãe. Reacionária. Então foi um negócio notável, o comportamento da massa. Todo mundo entendeu também como se deve conduzir. Em ordem. Fizemos uma grande demonstração de maturidade política nesse dia. Daí foram lá falar com Costa e Silva, tirar uma Comissão. Já tinham tirado no dia do Edson Luís, comissão popular, políticos, sindicalistas, mães, padres, professores, mas não funcionou. Foi aquela missa da Candelária que teve muita repressão. Mas dessa vez o Costa e Silva decidiu receber e fez-se a comissão. Eu não fui. Outros foram. Acho que talvez tenha tido um pouco de esquerdismo, porque claro que os militares eram brutos. Enfim, o Costa e Silva exigiu que não se fizessem mais manifestações. Acho que se o pessoal tivesse mais a fim de papo... “claro, vamos ver...”. Em troca da liberdade dos meninos. Mas o Franklin e o Marcos Medeiros foram e disseram que não. O Costa e Silva bateu a mão na mesa. Não sei descrever direito, pois não estava lá.

ID: A Comissão era composta por quem?

VP: Pelos estudantes, políticos, mãe, padres, o Pellegrino²⁶, psicanalista que estava com a gente.

E a minha história acaba aí. Voltamos para a escola, e quando começaram as aulas eu fui preso. Fui preso por acaso. A polícia me seguia todo dia. Aeronáutica, DOPS... Quando me prenderam, foi por acaso, porque eu não tinha documento. Também por acaso, porque o meu documento era de Alagoas, eu dei para o meu pai tirar e ele esqueceu. Estava sem documento e fui preso. Para averiguações. O cara pensou que eu era maconheiro, quando eu comecei a jogar coisa fora. Mas era papel do movimento estudantil.

²⁶ Hélio Pellegrino foi um psicanalista, escritor e poeta brasileiro.



Neste dia, era para eu estar dormindo em casa, né. Não acharam casa pra eu dormir naquele dia. Eu tive que ficar até mais tarde para achar um canto pra dormir. Muita desorganização da gente. Então, acabei parando. O movimento caiu, passou a ser mais desse pessoal organizado, uns mil e quinhentos estudantes. Ao mesmo tempo, houve eleições estudantis e nós ganhamos tudo. Contra todos os grupos reunidos, nós ganhamos. Porque nós éramos realmente representativos. O Carlos Alberto²⁷ foi para o DCE. O Franklin foi pra me substituir na UMES. Mas eu aí perdi o contato. Fui preso, um mês e meio, depois fui solto. Fui me esconder em São Paulo. Depois fui para Ibiúna, onde fui preso de novo. Então, realmente, não posso examinar. Eu sei o que todo mundo diz, que o movimento foi caindo, foi ficando de vanguarda até o AI-5. O movimento estudantil acabou naquele momento.

2) Ibiúna, prisão e refluxo

ID: O Congresso de Ibiúna foi um ponto de inflexão? Fala um pouco mais sobre ele.

VP: O Congresso foi uma “porralouquice”, um joga a culpa no outro. Ofereceram para fazer o Congresso no Rio, eu recusei, porque disse que não tinha estrutura para fazer. São Paulo disse que fazia. O José Dirceu²⁸ estava querendo muito legitimação, porque em São Paulo havia duas UEEs, a dele e a da Catarina²⁹. E o Zé Dirceu estava ganhando força, dentro da outra UEE. E disse que topava. Essa foi a parte que eu vi. Eu vi nas entrevistas com Dirceu que ele queria um congresso aberto, a AP não topou. O fato é que o Congresso de Valinhos, a polícia chegou 24hrs depois. Havia 450 pessoas. E no Ibiúna, tinham oitocentos delegados, mais de mil pessoas. Numa cidadezinha, fizeram

²⁷ Carlos Alberto Muniz era conhecido como Adriano do MR-8.

²⁸ Estudante de Direito da PUC-SP, José Dirceu foi presidente da UEE-SP. Em 1967. Ainda no ensino secundário, filiou-se ao PCB, com o qual romperia, contribuindo para a formação das Dissidências.

²⁹ Catarina Meloni foi direção da Ação Popular em São Paulo, sendo a candidata que perdeu para a chapa de José Dirceu.



aberto. O Zé dizia que não era culpa dele, mas aí se distribuem as culpas. O Paulo de Tarso³⁰ deu uma entrevista falando disso, eu ainda não li. Ele era o organizador e virou inimigo do Dirceu depois. O Dirceu queria um congresso aberto. Deve-se ter tido alguma informação de que não iria se reprimir. Fiquei com essa impressão. O Abreu Sodré³¹ disse que não iria reprimir, e ele era um cara mais liberal. E o pessoal confiou nesse esquema.

RR: Mas o movimento já estava derrotado. Ou não?

VP: Olha, veja bem... Por mais que se fale de 68, nós do Brasil não temos muito a ver com a França. Na França, o movimento estudantil puxou uma luta pelo poder. Mesmo que não quisesse. Mas puxou. Porque tinha uma classe operária atuante, com a direção do Partido Comunista. E o movimento estudantil aqui nunca ameaçou o Estado. O AI-5 não saiu pelos estudantes. O que tinha acontecido é que você tinha mais estrutura para fazer o movimento estudantil continuar, depois do AI-5. Com outros critérios. E talvez evitar uma debandada tão forte para as ações armadas. Porque as pessoas ficaram torradas. Eles prendiam qualquer um que estivesse em Ibiúna.

ID: E o movimento estudantil ficou um pouco descabeçado depois de Ibiúna?

VP: Não diria isso. Tinha gente para continuar. O Jean Marc foi solto. Foi preso, mas saiu com nome falso. Tinha gente da UEE do Rio. O presidente da UEE daqui ficou aqui, não foi a Ibiúna. Aliás, o Brito também não foi.

RR: Ou seja, o movimento estudantil poderia ter continuado.

VP: Poderia. Eles ficaram aqui como força de reserva. Eles achavam que poderiam cair, segundo o Brito me disse. E ficaram aqui. Então, tinha condições.

30 Estudante da FEA-USP; Paulo de Tarso era um líder estudantil responsável pelo esquema de segurança dos estudantes reunidos para o Congresso de Ibiúna. Entraria para a ALN em 1969, participando do sequestro do embaixador Elbrick.

31 Eleito indiretamente em 1967, Abreu Sodré foi governador de São Paulo até 1971.



RR: Ou seja, podia seguir o movimento de massas, por via estudantil, num nível menor. Mas ele tinha chance de seguir.

VP: Sim, menor. O problema é que você tinha novecentas lideranças, catalogadas e fichadas pela polícia. Agora, o problema pode ser que não tenha nada a ver com movimento estudantil. Movimento estudantil era um movimento importante, socialmente importante. Mas nem as ações armadas forçaram o AI-5.

O AI-5 foi rearranjo das classes dominantes que vinha desde o tempo do Castelo Branco contra do Costa e Silva. O pessoal usava o movimento estudantil para dizer que era uma bagunça. Mas com a luta armada era pior. Eles se voltaram contra os poderes instituídos. O ato deles, o que eles fizeram, cassou muita gente da ARENA. O negócio deles era fechar o Congresso. Eles queriam ditadura pura e dura. O que mais aconteceu em 68 foi um pretexto. Agora, o que eles fizeram em 68? O principal objetivo não era lascar a ação armada nem o movimento estudantil. Claro que teve essa dimensão. Mas o objetivo era tirar os adversários de direita do campo. Prenderam os caras todos da direita. Eles abandonaram a frente ampla, colocaram a frente de lado. E caçaram mandato da direita, fecharam as divisões dentro. Fizeram a ditadura pura e dura. O que restava daí era adversário. O MDB virou um adversário. O MDB foi criado pela ditadura. Mas virou adversário. Um adversário menor, mas um adversário. Eles resolveram o problema da hegemonia dentro do bloco deles. Essa que foi a questão resolvida com o AI-5, a questão da hegemonia.

ID: Como o imperialismo se comportou neste momento?

VP: Apoiando. Eu que não sou dessa tendência de achar que está tudo ligado, que o imperialismo manda e desmanda. O imperialismo apoiou, como apoiou 64, em maior ou menor extensão. Mas ele apoia em função de forças internas. É um absurdo esquecer isso. O imperialismo apoia aquelas forças que são de seu agrado, naturalmente. E não são eles que criam as



coisas. As pessoas pensam que eles falam “Agora vamos chegar ali no Peru”, e não é assim. Aquilo corresponde a tensões internas poderosas.

Eu acho que o imperialismo apoiou ali. E a gente exagera um pouco. Na época a gente pensava que os americanos mandavam. Não é assim. Era a mentalidade dos dominados. A cultura da direita queria imitar os Estados Unidos. Não é que os Estados Unidos queria impor a ditadura, mas a direita brasileira queria impor, porque achava que os Estados Unidos eram um modelo. Por exemplo, as faculdades operacionais que eles começaram a montar aqui eram baseadas nas escolas superiores americanas. Achávamos que era pra impossibilitar nós construirmos a tecnologia nacional. Eles até podiam ficar felizes com isso, mas não era. Era mais imitação servil da direita brasileira do que os americanos preocupados com isso.

Os Estados Unidos influenciaram muito, os americanos influenciaram muito o Brasil. Não o imperialismo, mas as lutas americanas. No Brasil quem mais influenciou foram os Estados Unidos, mais do que Paris.

ID: A juventude americana?

VP: A luta contra a guerra do Vietnã, a luta armada dos negros, o que você quiser. As mulheres. O movimento negro não influenciou tanto pela questão racial, que no Brasil não tinha ainda florescido.

Na França, eles também tinham problemas de transição. Se você pegar o capitalismo desenvolvido estava havendo as transições da revolução industrial. Então você pega o livro do Braverman³², Trabalho e capital monopolista, e ele diz que os trabalhadores não aguentavam mais a vida no modo fordista de produção. Na cadeia de montagem. Ocorria uma mudança na classe trabalhadora. Então esse clima afeta todas as relações sociais.

³² Harry Braverman (1920-1976) foi um escritor marxista norte-americano, membro do SWP.



ID: Quando acontece a prisão em Ibiúna, você fica na prisão até o sequestro do embaixador?

VP: Fico.

ID: Como foi essa experiência?

VP: Varia. Eu conheci muitas cadeias. Fui muito transferido. Então variou. Gente mais madura, gente menos madura, dependendo de como se comporta diante da repressão. Em certo nível, a realidade é a mesma. Tem que saber recuar, tem que saber avançar. Continuei lutando dentro da cadeia. Mas as condições são diferentes.

ID: O sequestro foi em setembro de 69. Ficou quase um ano lá, não foi?

VP: É, mais ou menos. Uma parte junto com Dirceu, com Travassos, com Franklin, depois fiquei muito tempo sozinho. Aqui na Marinha. Depois passei um mês com outras pessoas aqui na Marinha. Depois voltei a ficar sozinho. E no final fiquei sozinho de novo, em São Paulo. Mas em todas elas era uma luta, uma briga. Tem que saber que a correlação de forças é desfavorável. Mas em todo canto tem alguma coisa pra você lutar, em todo canto tem um aliado seu. Não tinha um lugar lá onde não tivesse alguém que quisesse me ajudar. Em São Paulo as pessoas me ajudaram. E lá eles apanharam por minha causa. Eu estive na polícia do Rio, de São Paulo, no DOPS do Rio, no DOPS de São Paulo, na Marinha. E varia mesmo, porque os corpos militares são diferentes. Mas no meu caso varia mesmo. Não fui torturado. Na polícia de São Paulo levei uns tapas só. Metido à besta, eu disse que não falava nada, só pro juiz auditor. Aí eu levei uns tapas e eles disseram que iam me levar pra Minas, para me torturar. Graças a Deus me soltaram. Disseram que eu não queria sair. O Travassos fez críticas, mas mesmo o Travassos queria sair. Quem é doido para querer ficar preso? É porque eu e o Travassos éramos críticos, o Travassos mais do que eu, à luta armada.



RR: Isso quando teve o sequestro?

VP: A Ana Maria, minha mulher, dizia, “Vão te soltar”. Aí eu tinha que ir lá pro julgamento e eu me deitava no carro, porque podia ter tiroteio. E eu morro de medo do esquerdismo. O pessoal faz maluquice. Qualquer dia podia invadir um quartel. O meu pessoal eu tinha mais confiança, naturalmente. Mas nunca tinham feito ação armada. Na verdade começaram já em 68, né. Você vê como a tensão leva os caras a fazer isso. O pessoal tudo marxista e começa a fazer ação.

ID: O objetivo era tirar o Travasso, né?

VP: O objetivo inicial era. O dinheiro era pra fazer revolução. Mas aí, saímos. Mas a luta é sempre assim. E varia, o comportamento das pessoas é diferente. Você vai vendo as pessoas como são, né. Essas horas são horas difíceis. Mas no geral o pessoal se comportou bem. Não vi tanta mesquinha na cadeira. Havia alguma. Mas não foi tanta não. E os caras variam também. O “filho da puta”, o “bonzinho”, “o legal”, “o cara constrangido”. Às vezes deixavam entrar um livro. Variava. No meu tempo eu peguei a Bíblia. Mas depende, tem cara que é filho da puta mesmo. Em São Paulo tinha um cara que mandava tirar o jornal que a gente colocava na janela, no frio da porra de São Paulo em julho. Mas isso é um doente mental, né?

ID: O movimento estudantil depois do AI-5 se debateu muito sobre uma estratégia mais marxista?

VP: Eu acho que não. Do que eu acompanhei dos relatos, do pessoal que fez ação armada, não. A minha organização só foi fazer ação armada no final de 68. Tirar arma de soldados. Depois assaltar banco. Era pra levar a revolução adiante, um negócio meio nebuloso. Não sei direito, porque eu sempre fui contra isso.

RR: Tua posição foi uma das poucas contrárias. Na esquerda brasileira, quantas lideranças do movimento estudantil desse



período se colocaram assim? Não foram muitas, né?

VP: O meu grupo se dividiu. A votação foi apertada para eles irem para ação armada. Mas eles fizeram por cima, né? A direção fez ação armada. Depois, em abril de 69, fizeram um encontro.

RR: E aí deram a ação armada como fato consumado?

VP: Em abril chegaram já querendo. Mesmo assim foi duro, porque a sessão operária foi contra, e nos estudantes eles ganharam por um voto somente.

RR: Muita gente dividiu. Na prática, dividiria de qualquer jeito.

VP: Mas também já começa em abril a se fazer a auto-crítica. O meu grupo foi um grupo meio singular. “Não, mas queremos fazer movimento de massas”, foi a primeira auto-crítica, mas não adiantou. Depois que entrou nisso não tem como sair. Fez auto-crítica, mas continuou fazendo besteira.

RR: E quando que foi isso?

VP: Em 69, quando eu fui julgado. Depois me contaram. Mas minha posição no discurso foi clara: defendo a luta armada, mas disse que esse não era o caminho. Aquilo não ia levar a nada, era apenas uma ação de propaganda armada. Porque veja bem, uma coisa era você assaltar banco pra pegar dinheiro pra guerrilha. Podia ser errado, mas era inteligível. Você pega o dinheiro pra guerrilha, pois você tem um trabalho no campo e vai fazer uma guerrilha rural. Seus critérios podem ser foquistas, mas você tem um objetivo, um meio. Mas aquilo não era ossp. Você assaltava e essa era a ação política. Assalto a banco virou ação política.

Eu tive companheiros que participaram disso, em particular um companheiro de São Paulo que era muito meu amigo, Lauriberto³³, que foi assassinado depois pela ditadura, quando voltou para o Brasil, de Cuba. E ele dizia “É isso, Vladimir.

33 Militante da ALN, Lauriberto José Reyes (1945-1972) rompeu com essa organização no exílio e formou com um grupo de dissidentes o Movimento de Libertação Popular, dizimado pela OBAN e pelo DOI-CODI.



A gente jogava carta. Depois saía para o assalto. No dia seguinte, via a repercussão no jornal. Ganhava o dinheiro para sobreviver. E pensava no assalto da próxima semana”. Eu não quero nem usar o termo que ele usava... Perdeu-se completamente o sentido da história.

Em Cuba, houve um debate. Lauri, Zé Direceu, Arantes, o pessoal que o Marighella³⁴ jogou fora, a dissidência. E mais cinco deles que vieram conversar com a gente no final, porque houve um debate, e eles queriam saber qual era o caminho. E eles se dispunham inclusive a ficar em Cuba com a gente. Aí discutimos. E a decisão foi fazer a luta armada no Brasil. E morreram todos.

RR: O balanço é pesado.

VP: Mas nós não fizemos nada que não faríamos nós mesmos. Nós queríamos voltar. Ficar em Cuba não adiantava nada. E eles discutiram com a gente, perguntaram o que a gente achava. E em acordo conosco acharam que tinham que voltar. Chegaram aqui e estava infiltrada gente, morreu todo mundo. Mas eles tinham uma fonte de auto-crítica própria. Era a vida que eles queriam levar. Era um negócio sem razão de ser, ia ser eliminado mesmo. Quem voltou foi dizimado.

E tinha um culto de dizer que ação armada não deu certo porque foi mal executada. Os cubanos colocaram na cabeça deles que o negócio era técnico. Mas houve uma turma do Marighella que chegou a voltar também, chegou a ir para Goiás. E morreram em Goiás, tentando fazer os contatos rurais. Pra tentar fazer a guerrilha rural. Então há diversos exemplos, cada um tem que fazer a sua reflexão. Mas em geral a luta urbana é muito fraca, muito sem sentido. O PCdoB pelo menos tentou fazer uma linha, lá no Araguaia. Mas aqui no Rio, uma pena. O pessoal do movimento estudantil tinha que fazer um trabalho muito longo

34 Morto em novembro de 1969 pela ditadura, Carlos Marighella era a direção da Aliança Libertadora Nacional (ALN), uma dissidência do PCB que formaria a organização de guerrilha urbana mais bem estruturada no Brasil.



de aproximação com o operariado, liderança sindical, camponesa, devagarinho. Depois de um ritmo alucinante de 68, você cair num ritmo de tartaruga é difícil. Então o pessoal todo foi pra ação armada. E o Daniel dizia “Vladimir, eu não sei se eu também tivesse ficado no Brasil eu não iria pra ação”. Mas o fato é que eu fui contra.

RR: Desistiram do movimento de massas antes do movimento perder.

VP: Não significa que seguir outro caminho teria nos levado a glória. Seria outra história só. Era difícil. Tanto que você vê, outros partidos que não fizeram luta armada foram dizimados. Ia ser muita perda, pouco rendimento. Agora, é tudo também parte da tradição. Não temos tradição teórica. Eu não estou falando de grandes estudos, não. É aquela história horrível do PCB, dá cinco livros do Lênin e você aprende que a revolução se faz assim. O pior é isso. Se não soubesse nada era melhor, porque você aprendia com a vida. Um dia, minha ex mulher foi fazer um negócio dos Sem Terra, minha ex-mulher é uma teórica do campo, sobretudo a respeito das classes dominantes. Foi a primeira a lançar artigos sobre a UDR³⁵. E ela foi fazer um curso e teve alguma dificuldade com o MST. E eu disse pra ela “É claro. Isso aqui é um tipo de cultura onde você vai a São Paulo, o MST faz os quadros em São Paulo. E depois você volta pro seu Estado e você é um monitor, você dá aula para o pessoal da capital. E depois esse pessoal da capital vai dar aula para pessoal do interior.”. Quer dizer, aquilo ali não é uma reflexão. Claro que dá errado. Porque aquilo vai ficando cada vez mais artificial. Não teve a reflexão. Revolução não é consertar eletrodomésticos.

RR: Tu segues para o México e depois Cuba. Tua volta é em 79?

VP: É, 79. Mas eu fui para México. E depois forçado pra Cuba.

35 Fundada em 1985, a UDR (União Democrática Rural) é uma associação civil que representa os interesses dos grandes proprietários de terras.



Porque eu sabia que Cuba era um feudo do Mariguella. E eu queria ter contato com o Brasil. E o pessoal com Paris, naturalmente. Não é nem porque “Ah, Paris, festa”. Porque inclusive tinha vida, tinha a Liga.³⁶ Mas eu queria ter contato com o Brasil. Eu dizia: “Eu não vou pra Cuba”. Aí eu peguei o Travassos e o Dirceu. Primeira reunião que fizemos, eles ganharam a reunião. Eu dizia: “olha, aqui é outro mundo”. Na segunda reunião, os caras da luta armada não chamaram mais a gente, foram fazer lutas à parte.

RR: Pra decidir para onde iam?

VP: Para qualquer coisa. Porque perdiam reunião para os estudantes. Mesmo os que flertavam com a luta armada, porque o Zé Dirceu flertava com a luta armada. Daí nós ríamos. Não nos metíamos, não dávamos declaração, nada. A hegemonia no Brasil era do pessoal da ação armada, então a gente calou a boca. E dizia “A hegemonia é deles”. E não dávamos nem entrevista. E no final, na última vez que saímos do México, demos uma entrevista. E foi mal. O clima era o pior possível. Eu vi um cara ameaçar dar um tiro no Zé Ibrahim³⁷, quando fosse pro treinamento. E fizemos amigos ao contrário, como o Gregório Bezerra, que era um reformista adorável. Nós demos pra ele um livro do Lenin, *À Esquerda*. E ele depois deu o *Esquerdismo* pra gente. E ficamos indo pra livraria, fazendo exercícios. Fazendo flexão. Eu não fazia, imagina. Mas fizemos muita amizade com o Bezerra. E nos colocamos à parte. Quem falava era a Maria Augusta³⁸, porque ela era a locutora, ela falava inglês. E calamos a boca. E quando chegamos em Cuba continuamos na mesma. Em Cuba era o *recorrido*. Primeiro, que coisa desagradável. Assim que o avião estava descendo em Havana eu só via verde-oliva. Eu já

³⁶ Seção francesa do SU da IV Internacional, LCR-Liga Comunista Revolucionária (1974-2009) é precursora do NPA (Novo Partido Anticapitalista).

³⁷ José Ibrahim (1947-2013) foi um líder sindical de Osasco que organizou as primeiras greves contra a ditadura em julho de 1968. Perseguido, ingressou na Vanguarda Popular Revolucionária, outra organização que pegava em armas.

³⁸ Uma das desaparecidas políticas da ditadura militar, Maria Augusta Thomaz integrou a Molipo após seu exílio na ditadura. Desapareceu em novembro de 1973, numa fazenda no interior de Goiás.



não gostei. E chegou lá todo mundo fardado. Bom... Daí o Fidel fez a demagogia dele no aeroporto e eu comecei a me aborrecer. Os caras da luta armada puxando o saco do Fidel. E eu fiz uma observação contra ele. E o cara da rádio: “está gravando”. E aí o cara da rádio piscou o olho pra mim. E eu pensei: “Estou em casa, tem gente crítica aqui também”. E Fidel tá lá, numa mesa enorme falando. E eu já não aguentando mais. Perguntei se ele podia ter feito alguma coisa sem a ajuda da URSS. E ele: “Não, é claro, a URSS...”. Claro. Sustentado pela União Soviética. E eu briguei com os cubanos desde que cheguei. E eles colocaram a polícia pra dialogar com a gente.

RR: Então o Flávio³⁹ estava aí?

VP: Não foi. O Flavio não foi pra Cuba. Ele ficou trabalhando com o Ricardo Villas⁴⁰. E depois foi para Paris.

Mas enfim, lá encheram o saco. Fiz uma provocação com os cubanos. Na primeira reunião, o Zarattini não aguentou e começou a defender aquelas posições de revolução nacional, levantou e disse: “Mas o Vladimir aqui tem uma posição diferente”. Aí me obrigou a falar. Daí já sabe, né. “Revolução internacional, fazer o que o Che disse. Revolução socialista na América. Nós estamos com Che, ponto”. Daí no dia seguinte a manchete do jornal sou eu. Os caras foram burros, né, porque eu não tinha o menor interesse. “E a nova Constituição do Costa e Silva”. “Podem fazer uma, duas, três constituições. Passaremos uma, duas, três revoluções na América Latina”, essas coisas. Fiquei popular, é claro. E é óbvio. O pessoal não era um pessoal de traquejo político. E eles que provocavam a gente, porque a gente não queria.

Aí eu fui pra uma casa, os caras foram pra outra casa. Eu fiz o treinamento legal. Eu estava no hospital, quando sai, já estavam

39 Ligado ao brizolismo, o jornalista gaúcho Flávio Tavares envolveu-se com a luta armada entre 1967 e 1969, sendo um dos prisioneiros trocados pelo embaixador Elbrick.

40 Estudante de Psicologia e integrante da Dissidência Guanabara, Ricardo Villas Boas foi um dos prisioneiros políticos trocados por Elbrick. Ficou exilado na França, onde deu prosseguimento a sua exitosa carreira musical interrompida no Brasil.



treinando. Urbano. Aí me pegaram. Aí fui fazer o treinamento. Atirar, fazer bomba. Se a revolução dependesse das minhas bombas eu estava ferrado. Mas eu sempre fui bom de tiro. Eu fiz. Me diverti com alguns companheiros.. Tinha uma hora que eles diziam “Trabalho voluntário!”. Eu e Jeová (companheiro assassinado pela ditadura posteriormente) escolhíamos quebrar pedra. E ele dizia “Você é um direitista de merda” e eu gozando ele de esquerdista e não sei o que. Mas é um cara que deu a vida, e ele sabia que morreria. A maior parte daquele pessoal ali sabia que não ia fazer mais porra nenhuma da vida. Aí eu fiz o treinamento urbano. Aí parou. E eu ficava lá... “Direito de voltar, direito de voltar”.

Aquele treinamento era uma fábrica de cadáveres. Porque o cara faz, acha que sabe, vai lá e morre. Não é que seja inútil. Se você tivesse alguma orientação política. Aprende algumas técnicas rudimentares e vai fazer o foco. E morre. Até o Zé Dirceu já citou isso depois, depois que virou estadista. Eu dizia: “Eu não quero treinamento porra nenhuma, eu quero é sair”. Daí comecei a luta com o pessoal da VPR⁴¹, fizemos uma manifestação em frente ao comitê central do Partido Comunista Cubano, para pedir o direito de fazer a revolução no Brasil. E nada. Três anos e nada. Mas no meio da questão da Dissidência, que virou o MR-8, foi ficando forte, pegou o Lamarca⁴², saiu o sequestro do alemão⁴³. O Franklin, que foi treinar com o Marighella, fez uma carta dizendo “Cuba é o paraíso”. Eu e Maria Augusta fizemos uma carta dizendo “Isso aqui é o inferno. Não venham”. Claro que foram. Uma promessa de paraíso supera dez ameaças de inferno. Chegou lá um grupo enorme, fizemos uma reunião e fiz uma resolução para destruir a ALN. Politicamente, naturalmente. Ganhei.

41 Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), fundada em 1966.

42 Carlos Lamarca (1937-1971) foi um dos principais líderes da luta armada contra a ditadura. Integrava a VPR.

43 Em plena Copa do Mundo de 1970, a ALN e a VPR sequestram o embaixador da República Federal da Alemanha, Ehrenfried von Hollenben. O diplomata seria trocada quatro dias pela liberdade de 40 presos políticos, banidos e enviados para a Argélia.



RR: Uma luta política entre os exilados em Cuba.

VP: Mas não levamos, naturalmente. Porque quem saiu e levou foi o Franklin, marighellista. Então ficamos isolados mesmo ali. E fui enquadrado, num quadro disciplinar, e fui fazer o treinamento rural. Ainda fiz seis meses, eu acho, de treinamento rural. E também foi divertidíssimo, né.

ID: Mas a organização ainda era a mesma?

VP: Era a mesma. Era a Dissidência, que virou MR-8.

RR: E tu na luta interna dentro do MR-8.

VP: Claro. Mas ganhei.

RR: Mas tutelada pelo aparato castrista. Bom, então te obrigaram a fazer os treinamentos?

VP: É. Você podia inventar de ficar doente ou você pode curtir. Vi exemplos de pessoal que estava cansado e dava o último esforço pra terminar. E é uma coisa bonita de você ver. Tem hora que você está na caminhada e não consegue mais andar. Quando não conseguia mais andar era uma lástima, uma tristeza. Mas fez bem pra saúde, claro. E é bom aprender arma. Arma, desarmar, atirar. É uma coisa positiva.

Alguns filmes da história cubana eram interessantes. Acabei o curso. Fui o último comandante. Fui o último a sair de Cuba também. Me deixaram em último lugar. Me largaram lá. Mas era bom, porque o pessoal daqui do Brasil também não queria que eu chegasse. Para você ver a evolução, quando eu cheguei no Chile o pessoal era marighellista. Chegamos eu, Daniel, Gabeira. O Gabeira se afastou, né. O Gabeira e a Vera Silva se afastaram. Eu cheguei depois de todo o pessoal do Brasil. E o pessoal do MR-8 tinha virado polopista. Saíram do Marighella para POLOP⁴⁴.

44 A Organização Revolucionária Marxista Política Operária – POLOP foi uma organização de esquerda fundada em 1961, a partir de militantes egressos da Mocidade Trabalhista de MG, da Liga Socialista de SP, alguns luxemburguistas e trotskistas, além de dissidentes do PCB. Constituída essencialmente por intelectuais e estudantes de SP, MG e RJ, Em 1964, tentou organizar uma guerrilha contra o regime militar,



Tinham virado polopistas. A classe operária, os textos do Ernesto Martins⁴⁵, não sei se vocês leram, que era um casa semitrotskyista, um pouco luxemburguista. A POLOP fazia propaganda na minha época dos textos. Muito maçante, as caras viraram polopistas. Saíram lá quatro caras da direção e três da base, que era o que restava do MR-8. O negócio oscila, quando você fica longe do movimento de massas. E eu, com Daniel e outros, nós ficamos no nosso grupo. Eu era a minoria, inclusive, porque eu era mais à direita que eles. Fizemos e ficamos um tempo no nosso grupo no Chile. O MR-8 sobreviveu não por causa desse esquadrão, mas porque tinha contato operário em São Paulo. E quando voltaram pra São Paulo se nutriram e se reergueram. A maior parte do pessoal que estava lá saíram do MR-8. Uns caras ficaram aqui. Aquelas coisas que você não entende, que o pessoal da luta armada fazia. Mas nunca entendi como que o cara mudava para o vinho num átimo, cara que dizia que tudo era a luta armada passa a dizer que só a classe operária é revolucionária.

RR: A base teórica era fraca.

VP: Mas, mesmo assim, mudar de um canto pra outro. Acabou o nosso ciclo, né. O que sobrou da gente, sobrou o MR-8, outros grupos, mas foi o Lula que... Com exceção dos trotskistas, porque esses não acabam. São teimosos.

A gente fez uma frente aqui no Rio, quando o Lula foi tomar posse. Frente de esquerda. Mas o Babá também. E eles pediam para o Babá sair. E o Babá pedia para eles serem expulsos. Agora, o curioso é que eles se devoravam. E depois saíram juntos para o PSOL. Eu gosto do Babá, pessoalmente.

ID: E uma última pergunta...

mas viu seus planos frustrados ainda na fase de planejamento. Em 1967, ocorre uma divisão. Uma parte cria o Comando de Libertação Nacional (Colina) em MG, e outra parte criaria a Vanguarda Popular Revolucionária junto com o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) de militares filobrizolistas.

⁴⁵Ernesto Martins era o codinome de Eric Sachs (judeu-austriaco, dissidente do Partido Comunista Alemão ainda nos anos 1930).



VP: Deixa eu te dizer, tem um problema no Brasil que temos instituições pouco representativas. E um movimento de massas que deságua nas instituições. Esse é um problema. Porque não tem desdobramentos os movimentos. 2013, por exemplo. Por que a ocupação dos secundaristas de São Paulo não teve desdobramentos? Porque você teve uma vitória parcial e depois você tem os partidos vigentes que levam tudo para o parlamento. Se o parlamento fosse mais transparente, se houvesse mais representatividade, isso ajudaria o movimento de massas. Mas como o parlamento é uma bosta e não é representativo...

RR: Vai acomodando, vai distorcendo, e vai separando essas lideranças do movimento.

VP: Ai você acaba num vereador. Quando a institucionalidade é muito centralizada, não flui, é dura, insensível, você não pode penetrar essa institucionalidade. A não ser pelo método institucional, o voto, eleger alguém. O movimento tem essa dificuldade.

3) Questões atuais: Balanço do PT, Lava Jato e Junho de 2013

RR: Antes de fechar, queríamos uma síntese sobre três questões. Na volta para o Brasil, participas do processo de fundação do PT e participas de todo o ciclo do PT, que no caso do Rio de Janeiro vai, de uma certa forma, até 98. Na verdade, o PT no Rio vai até 98, como movimento progressista. Qual o teu balanço do PT? Segundo: o que tu pensas da Lava-Jato e seus desdobramentos? Por fim, gostaríamos que fizesses uma comparação entre Junho de 2013 e 1968. É possível comparar isso?

VP: Bom, de modo rápido. O PT foi o grande movimento da classe operária, junto com a Igreja, teve o papel do pastoral da terra, e junto com os remanescente da luta armada. Num primeiro momento um partido de reformas muito



interessantes. Nunca foi revolucionário. O Lula nunca foi socialista. E os grupos que queriam usar o PT no início para construir sua organização revolucionária. Então nos anos 80 eles não davam muito valor ao PT, no sentido do PT. Porque o que valia era o grupo deles, que era um grupo estratégico. O PT era um negócio tático. E enquanto isso o setor do Lula foi, o Lula soube aproveitar esse lance das organizações e fazer a organização dele, o Grupo dos 113⁴⁶. Ele montou a organização dos independentes. Como ele desconfiava muito da pequena-burguesia, ele formou o grupo dos independentes operários. Ele pegou a igreja e os sindicalistas pra fazer o grupo dele, inicialmente. Por exemplo, os independentes do Rio, que eram muito próximos a ele, ele não chamou. Porque ele era anti-intelectual e anti-estudante. Como tinha a figura carismática dele, ele ganhou uma organização para trabalhar para ele e, geralmente, era a maioria.

O Zé Dirceu depois foi assumindo uma liderança maior. Até aquele período, até 89, o PT virou os partido das greves, dos movimentos, chegou ao segundo turno, foi uma grande vitória. Bom, até aí não era muito claro. Um partido de reformas, de mudanças e tal. Depois de 89, o partido passa a ser o partido que quer eleger o Lula o presidente da república. É tragado pela institucionalidade. Usar a institucionalidade é natural, mas não se deve colocar isso como a questão central. Então, foi fazendo as concessões. E o objetivo virou esse. Ao mesmo tempo em que o PT se institucionalizava completamente, começou a ter vereador, deputado, senador. A um certo estágio começou a integrar gente mais pro interior, prefeito. Gente entrou pro PT porque era uma legenda. Aí ficou incontrolável. 75% dos delegados das conferências aqui do Rio de Janeiro eram quadros profissionais. Ou o cara era assessor de deputado ou era assessor sindical. Ou mesmo parlamentar, líder sindical. Então acabou. Já não era mais um partido representativo daquelas bases que o criaram. Era

46 Em 1983, 113 dirigentes petistas assinam um Manifesto que conformaria o Campo Majoritário que dirige o PT até hoje,



um partido de estruturas fechadas. E passou a ter um objetivo, que era a presidência da república. Controlou o movimento sindical para isso também. Em função disso perdeu a sua dinâmica.

Vou citar o Trotsky de novo. O camarada Trotsky tinha observado que, ao contrário do que sempre se dizia, o ascenso da classe operária se dá nas fases de prosperidade do capitalismo. Isso é uma grande coisa, não porque fosse uma invenção, mas porque todo mundo achava que o socialismo vinha com a crise. Então, o que que houve aqui nos anos 90? O movimento de massas caiu. Enquanto que a social democracia alemã cresceu, com o movimento de massas, e mesmo assim deu no que deu, aqui, a social-democracia brasileira, se é que a gente pode usar esse termo indevido, cresceu sem o movimento de massas. Quanto mais o movimento de massas caía, mais o PT tinha voto. Então isso deu uma grande autonomia ao corpo político. E ao mesmo tempo os sindicatos enfraqueciam, naquela luta. Esse descompasso eu verifiquei muitos anos. Eu falava com o Genoíno isso, nós fizemos um debate. E isso levou ao que, a um rápido empoderamento do PT também dos setores atrasados. O cara entrava, apoiava o Lula, apoiava o PT, fazia o que queria, o Lula não estava ligando pra isso também, porque o que estava querendo era apoio na eleição presidencial. E virou, depois você analisa o que se elegeram de prefeitos no interior de São Paulo, e depois alguns viraram deputado federal, a bancada caiu a um nível baixíssimo, porque esses caras não tinham nada na cabeça. E virou um partido cada vez mais institucional. Entra na institucionalidade, entra nos vícios da institucionalidade. Caixa dois, aquelas coisas todas que eram um processo normal. E, na medida que chega ao poder executivo, corrupção também. É de se esperar, a natureza humana.

Eu nunca imaginei que fosse desse nível que a Lava-Jato mostrou. E no final o Lula quando achou que ia ganhar, não ganhou. Quando foi ganhar, fez a Carta aos Brasileiros, onde entrega as reivindicações do partido. Depois faz doze anos de governo sem

uma reforma. Quer dizer, o que era um partido reformista, nunca foi revolucionário, mas um partido reformista de massas, virou um partido de centro-esquerda, centro, como vocês quiserem, isso é muito relativo. E distanciado do movimento de massas, o que não quer dizer que não tenha apoio popular. E perdeu-se. Ficou o Lula, que é um grande quadro, por mais que personalize tudo, porque é aquela história, o Lula é um presidente como o Caetano é um músico, porque é o sucesso pessoal. Mas ele é bom mesmo, enquanto liderança. Seu governo teve méritos também, apesar de tudo.

Quanto à Lava Jato e Junho. Acho que a Lava-Jato é um negócio muito positivo e muito bom pra sociedade brasileira. Por quê? Porque desvendou o esquema de corrupção, que vem de décadas. E que eu, besta, não imaginava. Eu tenho um amigo chamado Carlos Vainer⁴⁷, que quando discutimos uma vez, uma coisa qualquer sobre corrupção, ele disse “Vladimir, você vai ver quando chegar na Energia”. E eu imaginava as hidrelétricas, nunca liguei energia à Petrobrás. Mas um escândalo, desse tamanho colossal, mostra que a sociedade já está corroída pela corrupção. E corrupção a esse nível desorganiza a economia, altera as relações de mercado. E, em geral, em desfavor do pobre, porque tira a eficiência da economia. Na Petrobrás tem muito mais dinheiro perdido por administração ruim do que por corrupção. E esse é um grande passo. A gente já sabe com o que lida. Quando eu vi o Mensalão, achei que era qualquer coisa ali. A corrupção já começa no caixa dois. Eu acho que a lava-jato serviu pra melhorar relações políticas no Brasil. Agora, é claro que se depende do que fizer. Porque não adianta nada OLJ se não houver medidas de reforma política, reforma do controle das estatais. Nos anos 80, o PT era a favor da autonomia das estatais, eleição pelos trabalhadores das estatais. Essa era a posição do PT.

A OLJ em si é positiva, mas há uma perseguição ao Lula, sem dúvida nenhuma. Tem uma conotação política, que vem desde o

47 Carlos Vainer é Professor titular do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ.



mensalão. No mensalão, eu reclamei que a polícia foi direto em cima do Lula e do Zé Dirceu. Houve uma denúncia de corrupção na Executiva do PT. Eles pegaram o Genuíno por uma assinatura em um papel legal. Mas, do resto da Executiva, ninguém foi investigado. E o diretório do PT? Não foi investigado. A polícia não queria apurar o crime. A Justiça queria prender o Lula e o Zé Dirceu. A primeira coisa que esses caras deveriam fazer é quebrar o sigilo bancário da Executiva do PT. Mas não fizeram. Mas o PT precisa dizer que essa política que fez com as empreiteiras é uma política errada. Eu acredito que esse negócio não é armado. Mas os caras vão dando presente pro Lula, você vê a Odebrecht dizendo. Não significa que o Lula deu nada, mas os caras vão cobrar. Então ele tinha que cortar. Se condenaram o Lula por isso, com uma pena leve, um delito leve. Não deveria deixar de concorrer à eleição, mas é culpado. E o PT tem que ver isso, para não repetir os erros.

RR: E junho de 2013?

VP: Primeiro, um grande movimento. O PT reclamou, disse depois que era de direita. Besteira. Eu fui aqui, fiz até um filminho, ajudei a acompanhar. Fui até a Central do Brasil, porque sabia que os black blocks iam entrar na prefeitura. E o que a manifestação pedia, fora o transporte? O pessoal com cartaz sobre saúde, educação e denunciando o Marco Feliciano. Esse eram o tom da massa. Não me pareceu diferente em São Paulo. Se bem que me parece que lá teve um rechaço maior aos partidos. Mas foi um movimento muito bom. Em que se ataca a Dilma, é claro. Ora, se você reclama da educação e da saúde, você vai atacar diretamente o governo federal. Ataca o municipal, ataca o Estadual, mas ataca o Federal, é claro. Se fosse um governo que estava mudando, dava pra explicar para movimento de massas. Como a Dilma não estava mudando nada, ela pegou o ônus também. Mas é um movimento vivo, com muita gente jovem. Tinham um milhão de pessoas naquela manifestação aqui no Rio. Sem dúvida nenhuma



foi a maior da história do Rio de Janeiro. Dez dias depois, dez mil pessoas. Burocrática, palavra de ordem, e os black-blocks na frente da manifestação. Meu filho tinha dezessete anos na época. Quando os black-blocks chegaram na Carioca eu peguei o meu filho, peguei o metrô e vim embora. Lançou um livro em 2013 e eu falei pra entrevistadora que aquilo ia se tornar coisa com cada vez menos gente, porque ninguém sai de casa pra assistir festival de briga. Dito e feito, aqui no Rio foi diminuindo, diminuindo e acabou. E eu falo politicamente. Não restam dúvidas de que há infiltrações nos black-blocks, mas não se pode condenar todos os black-blocks como infiltrados. E todo movimento de extrema-esquerda tem infiltração, extrema-direita também. Eu respeito os black-blocks, mas acho errado.

Desdobramentos. Como luta corporativa é uma vitória. GANHOU aqui, ganhou São Paulo, ganhou tudo. Mas se você tem um movimento de massas que aparece com outras reivindicações, você tem que dar um jeito de desdobrar as outras reivindicações. Aqui era diversidade, saúde e educação. Então os dirigentes deviam ter armado discussões em cima desses três pontos. E marcar parte dessa massa, porque sabemos que não volta todo mundo, em cima desses três pontos. Por exemplo, fazer por bairro. Por região de São Paulo. Para se elaborar uma plataforma de educação e saúde. E aí voltar pra rua em cima disso, após ter ganho o transporte. E mesmo tendo perdido o transporte poderia se voltar com isso. Agora, não é fácil. Porque, ao meu ver, a institucionalidade brasileira é muito fechada. Esse é um problema que está matando o movimento de massas.

ID: E as entidades, a UNE e a UBES, também não têm representatividade.

VP: Não tem, não. Mas se você tivesse flexibilidade, isso você poderia avançar. Pelos canais do movimento popular. Mas os



partidos de esquerda ainda não têm canais. Eles têm seus agentes, que passam a mensagem. Mas ainda não são canais do movimento popular. E lá ficou aprisionado aquela vitória. E teve direita? Teve. Mas direita inexpressiva. Quando o Movimento Passe Livre encerrou as manifestações, numa quinta-feira, no sábado a direita foi pra rua. E pronto, não conseguiu mais nada. Aproveitou a onda, foi pra rua protestar contra a Dilma. Mas ela não tinha nada. Aqui no Rio chegaram a reunir duas mil pessoas, no Largo de São Francisco. E não teve nenhum desdobramento. Então, quando você vai no movimento, tinha um amplo sentimento de que era preciso fazer alguma coisa. Mas não tinha desdobramentos. Eu não quero dizer “se”, porque a história não tem “se”, mas tinha que tentar ter um desdobramento. E acho que a esquerda, esperando uma grande reforma política, tinha que ter uma nova compreensão do movimento de massas. Se não fizer isso, não adianta nada. Porque a instituição está impenetrável ao movimento de massas. Pontualmente, sim. Uma reivindicação, atende. Mesmo aqui nos professores teve reivindicação atendida. O Paes atendeu. E eu acho que isso está matando muito o movimento de massas. As instituições brasileiras são muito fechadas, no geral. É preciso dar um jeito nisso. Eu tenho me indagado com todo mundo na esquerda por que o movimento de massas morre. O movimento de ocupações das escolas secundaristas de São Paulo foi impressionante.